

Oswald Wirth

Os Mistérios da Arte Real

Ritual do Adepto

Proibido o uso comercial.

Os Mistérios da Arte Real Ritual do Adepto

Oswald Wirth

Índice da Matéria

Estudo sobre o Ritualismo Iniciático das Confraternidades de
Construtores

Prefácio

Primeira Parte

A Serpente do Gênese
A Iniciação
As práticas Malfazejas
As Iniciações Profissionais
O Sacerdócio
A Iniciação Filosófica
Um Documento Significativo
O Hermetismo Maçônico

O Início da Maçonaria Moderna
As Sessões no Templo
O Catolicismo
A Revolução
O Retorno ao Simbolismo

Segunda Parte

Os Ritos Iniciáticos

O Iniciável

A Aprendizagem

Os Metais
A Descida aos Infernos
A Sublimação
O Batismo Iniciático
A Prova do Fogo
A Cálice da Amargura
Fazer o Bem
O Juramento
A Luz
O Avental
As Luvas
Os Segredos do Aprendiz
A Restituição dos Metais
A Loja
O Malhete
Consciência e Memória
A Perfeição Septenária
Os Ritos de Abertura e Fechamento dos Trabalhos
A Via Expiatória
As Impressões Maçônicas

O Companheirismo

Cinzel e Malho
Régua e Compasso
A Alavanca
O Esquadro

A Liberdade
O Iluminismo Iniciático
A Estrela Flamígera
O Número Cinco
A Letra G
A Geometria Filosofal
O Salário do Companheiro

O Mestrado

O Retorno ao Ponto de Partida
A Câmara do Meio
O Mestre dos Mestres
Os Assassinos de Hiram
O Cadáver da Tradição
O Túmulo de Hiram
O Mestrado
Os Superiores Desconhecidos
A Ressurreição dos Mortos
Conclusão

ESTUDO SOBRE O RITUALISMO INICIÁTICO DAS CONFRATERNIDADES CONSTRUTORES

Prefácio

Predecessores imediatos dos franco-maçons atuais, os maçons livres ingleses do século XVII pretenderam-se detentores de segredos de uma extraordinária importância. Ao seu entender, o sábio rei Salomão havia instruído os construtores do Templo de Jerusalém nos *mistérios* que os talhadores de pedra transmitiram fielmente depois, sob o selo de uma inviolável discricção. Daí as iniciações profissionais que, – asseguram eles, – não versavam exclusivamente sobre a técnica material da arquitetura.

Tratavam-se, na realidade, de três vias secretas de muito anteriores à época da realeza judaica, eis que contemporâneas às origens da arte de construir. Nada parecia então possível ao homem sem a colaboração exterior de misteriosos poderes invisíveis. Como tais forças interviessem secretamente, convinha calar a seu respeito. Um pacto de silêncio ligou-se a elas. A menor indiscrição quebrava o encanto: os deuses abandonavam aquele que não soubesse manter segredo.

Trata-se, pois, de um segredo religioso que os construtores se transmitiram, segredo que deixou de ser ortodoxo quando o cristianismo triunfante não tolerou mais outro dogma que não o seu. Tornou-se então prudente abrigar-se atrás de Salomão, para tornar menos suspeitas as tradições arquiteturais cristianizadas. Estas constituíram mais tarde a Arte

Real, em lembrança dos filhos de David, termo que, no século XVIII, tornou-se sinônimo de franco-maçonaria, tanto mais que os franco-maçons modernos pretendem-se limitar a construir espiritualmente. Fazendo apelo à legendária sabedoria do rei bíblico, ambicionam erigir o Templo Imaterial da humanidade futura, instruída intelectualmente e tornada sábia em seu vasto conjunto.

Semelhante obra ultrapassa a técnica arquitetural ordinária. Ela comporta *mistérios* de ordem religiosa que são aqueles da verdadeira *Arte Real*. Formando *Iniciados*, esta *Arte* forma *Reis*, ou seja, homens subtraídos a toda dominação, logo, livres, soberanos mestres deles mesmos. Para elevar-se a essa realeza iniciática, é preciso aprender a pensar com independência, sem sofrer a tirania dos preconceitos reinantes ou se deixando impor as idéias de outrem.

É indispensável, de outra parte, haver sacudido o jugo das paixões e não agir, em todas as coisas, senão *realmente*, com soberana consciência de sua responsabilidade.

Toda Alta Iniciação aplica-se à educação dos reis. A *Alquimia Real* ensinava a transmutar o chumbo da natureza humana vulgar em ouro iniciático, realizando a perfeição compatível com o caráter de cada indivíduo. Os construtores mostram tal perfeição sob a imagem de uma pedra que é talhada por si mesma na forma retangular, a fim de poder ser incorporada ao grande edifício da humanidade, Templo Ideal, objetivo supremo da *Arte Real*. Que os símbolos sejam tirados da antiga metalurgia ou da arte de construir, o esoterismo permanece idêntico: um mesmo programa é desenvolvido, qual seja, aquele da pura Iniciação.

E por que tal programa é ele mesmo um mistério? Sem dúvida, porque ele não interessa senão àqueles que são chamados a segui-lo: os *iniciáveis*. As coisas santas não devem ser profanadas. Elas tiram sua força da compreensão dos iniciados, de onde a disciplina do segredo que tem sido sempre observada.

Mas, se os iniciados têm o dever de se calarem diante dos profanos que os não compreendem, não podem furtar-se de instruir os espíritos abertos nas noções iniciáticas, de onde os escritos enigmáticos, limitando-se a fazer alusão aos assuntos reservados.

Essas discretas revelações dos mistérios jamais puderam colocá-los a nu, porque nenhum mistério real pode ser desvendado, eis que, relacionando-se ao fundo último do pensamento, ele penetra além de toda forma expressiva. A verdade esconde-se no fundo de um poço. Aprofundemo-nos, e poderemos percebê-la em sua casta nudez; ela não será mais um *mistério*, porque supõe a deusa despojada de sua pele, de suas carnes, nem mesmo

subsistindo sob a forma de esqueleto: um ponto matemático sem dimensões restará unicamente para a fixar o pensamento.

Nessas condições, o iniciável não saberia ser instruído diretamente. Imagens lhe são mostradas, enquanto ele desempenha seu papel na *mise en scène* das fases sucessivas da Iniciação. As palavras pronunciadas são enigmáticas, porque elas se relacionam ao mistério. O profano as ouve, mas ele não tem ouvidos para entendê-las, da mesma forma que não tem olhos para ver. Não são as cerimônias que têm o poder de iniciar. Elas exercem, ao contrário, sua ação sobre o iniciável que sofre a atração do mistério. Aquilo que houver visto e ouvido fará trabalhar seu espírito. Ajudado pelos Iniciados, ele adivinhará o sentido dos símbolos e o alcance dos ritos, iniciando-se por si mesmo progressivamente.

Convidamos aqui o leitor a trabalhar de maneira iniciática. Os materiais que nós lhe oferecemos provêm do canteiro de obras da iniciação ocidental, onde figuram blocos esculpidos há mais de cinco mil anos às margens do Eufrates; o gênio grego deixou imperecíveis modelos, e nossa desconhecida Idade Média aí se revela em toda sua glória. Mas o iniciado inicia-se a si mesmo: assim o quer a inelutável lei da Arte Real.

I Parte

A Serpente do Gênese

Quando crianças recitam fábulas, não são mais ingênuas frente à linguagem que o fabulista emprestou aos animais; da ficção, elas não retêm como verdadeiro senão a moral que daí se destaca. Por que seríamos nós mais ingênuos que elas em presença do mito da queda de nossos primeiros pais?

Essa narrativa é fundamental para a doutrina cristã, pois a catástrofe provocada pela serpente bíblica torna necessária a intervenção do Salvador. Não há nada aí senão que de muito verídico, para que se compreendam as alusões às quais se relacionam as imagens sagradas.

Interpretemos primeiramente os símbolos, inspirando-nos naquilo que eles sugerem mais espontaneamente. Considerado desse ponto de vista, o casal adâmico personifica a humanidade primitiva, ainda animal, no sentido de que ignora o uso do fogo e não sonha nem com vestir-se nem com construir abrigos para si. Nossos primeiros pais nutriam-se de frutos que não se davam ao trabalho de cultivar e, ainda que não fossem macacos, viviam, ao menos, à maneira destes. Sua inteligência não estava ainda desenvolvida; eram impulsivos e obedeciam ao instinto que os guiava infalivelmente em tudo aquilo que tocasse à realização de suas funções fisiológicas. Sem noção do que lhes faltava, eles viviam satisfeitos com sua sorte, felizes e relativamente oniscientes, pois que um infalível instinto os tornava lúcidos quanto à satisfação de suas necessidades.

Tal é o estado paradisíaco que beneficia a animalidade dócil conforme à lei de sua espécie. Uma providência a protege, mas interdita-lhe aspirar o discernimento, porque o discernir é praticar ato de autodomínio intelectual, é querer fiar-se de outra luz que não a do instinto. Renunciar a deixar-se guiar passivamente por este último equivale a uma insubordinação culpável aos olhos do gênio protetor da espécie animal, logo, a um pecado contra as divindades agrestes, tais como o Pan helênico o *Enkitou* babilônico.

É importante insistir sobre esse ponto, porque, se a Bíblia monoteísta está, às vezes, em contradição com ela mesma, é porque as tradições que ela recolheu remontam freqüentemente a muito antigas mitologias. O deus antropológico do paraíso que deita vistas à brisa da noite é um antigo gênio tutelar confundido com o Ser Supremo. Não é senão a esse título primitivo que sua atitude se explica, porque um criador infinitamente sábio nos desconcertaria, se aquilo que se realizasse não estivesse dentro de seus planos. Como conceber que plantasse uma árvore fatídica e se desse ao trabalho de dotar a serpente de sua sutil sedução, sem contar com a queda? Apenas a mitologia comparada esclarece o significado de certos textos que emolduram mal a teologia judaica.

Que um deus pagão preposto ao governo da animalidade se ofenda com a emancipação humana, nada de mais escusável; mas respeitemos suficientemente a inteligência suprema, para não lhe atribuir sentimentos mesquinhos. Não é ela que forma os atores do drama da eterna evolução cujo espetáculo ela dirige?

Entre esses atores figura a *serpente* que, longe de ser maldita por nossos longínquos ancestrais, aparece-lhes, ao contrário, como digna de veneração. Adornando as fontes que fazem jorrar a água vivificante do seio da terra divinizada, os lígures¹ estabeleceram uma analogia entre o riacho serpeante através da pradaria e a serpente deslizando entre as ervas, tanto que fizeram do réptil um animal sagrado diretamente relacionado com a vida. Partindo de uma concepção idêntica, os gregos atribuíram mais tarde à serpente um poder curativo. Eles mantinham, nos templos de Esculápio, ofídios cujo contado deveria curar os doentes. O *Ouroboros*, — a imensa serpente que morde a própria cauda, — simbolizava, de outra parte, a vida geral, indestrutível, em seu eterno recomeço.

Mas a serpente bíblica faz alusão ainda a outro aspecto do símbolo. Se ela persuadiu Eva a provar do fruto proibido, é porque era da família da serpente *python*, inspiradora das pitonisas. Essas adivinhadoras liam naquilo que os ocultistas, a exemplo de Paracelso, chamavam de a *luz astral*. É permitido comparar esse agente da iluminação imaginativa à obscura

¹ Os lígures formavam um povo primitivo que, antes do séc. VI a.C., cobria extenso território do N. da Península Itálica. (N. da T.).

clareza que emana das estrelas², mas mais vale figurá-la como um brilho fosforescente envolvendo o globo terrestre. Essa atmosfera de difusa luminosidade influencia as imaginações receptivas que se comportam, em relação a ela, como um meio refringente condensador. Assim se explica a iluminação dos *videntes* que favorece a impressionabilidade passiva dos contemplativos abandonados ao sonho desperto.

É certo que, antes de pensar de uma maneira consciente, a humanidade longamente sonhou, a imaginação entrando em atividade antes da razão que não despertou senão tardiamente. Tal fato justifica a lenda, quando ela nos mostra a serpente se dirigindo a Eva, personificando as faculdades imaginativas, de preferência a Adão, o futuro racional, nascido pesado de espírito e espontaneamente pouco compreensivo.

Eva adivinha, ela concebe femininamente aquilo que lhe sugere uma influência misteriosa, porque se desenvolve nela um dom de *vidência* que se relaciona diretamente ao instinto. Deste último até a inteligência controlada, há uma etapa que consiste na *adivinhação*. Eva aí é elevada; depois faz subir Adão, porque a intelectualidade feminina não pode realizar um progresso sem que a mentalidade masculina disso se beneficie em contrapartida. Eva não pode provar o fruto da árvore do discernimento sem partilhar com Adão o novo alimento que ela considera excelente.

Tomando ao pé da letra a narrativa Bíblia, a desobediência de nossos primeiros pais teria instantaneamente produzido seu efeito: de instintivos, eles ter-se-iam tornado inteligentes por milagre. Dando-se conta de sua nudez, teriam inventado as vestes, sob a influência de um sentimento de pudor que lhes surgira subitamente. É crível que a evolução fosse lenta. Eva pôde escutar a serpente durante séculos antes de tocar o fruto proibido: os mitos se esquematizam com a supressão do tempo.

Na realidade o que corresponde no ser humano à inteligência feminina, logo, às faculdades sensitivas e divinatórias, desenvolveu-se anteriormente ao poder de raciocinar, concebendo idéias nítidas, susceptíveis de encadeamento lógico. A Eva simbólica foi, pois, a primeira a resgatar-se da animalidade pura e simples. Ela teve o pressentimento do amanhã intelectual humano e, inspirada pela serpente, concebeu a ambição de tornar-se semelhante aos deuses, conhecendo o bem e o mal.

Culpada de orgulho aos olhos do gênio tutelar da instintividade que pôde maldizer a serpente, ela não foi certamente culpada de um ponto de vista superior, porque a emancipação humana não poderia faltar em entrar no plano da Suprema Sabedoria.

² Ver a interpretação do Arcano XVII: As Estrelas, em nosso *Tarot des imagiers du moyen-âge*. (Nota do Autor).

Que enfoque reclama a teoria da queda? Se existiu aí degradação para a humanidade que se distancia do estado instintivo original, foi em relação à perda da felicidade inconsciente. Nós estimamos feliz a criança que brinca com inocência, preservada das preocupações da vida, mas lamentamos o *inocente* no qual a fase da infância se prolonga indevidamente, ou o velho tornado inconsciente pelo enfraquecimento de suas faculdades. Cada coisa tem seu tempo, tudo como cada estado comporta suas vantagens e seus inconvenientes. O macaco é mais ágil que o homem, sobre o qual suas quatro patas lhe conferem uma esmagadora superioridade, quando se pendura nas árvores, apoderando-se de seus frutos. O homem sentiu-se, primitivamente, inferior aos animais e teve por eles uma admiração que se traduziu em culto. Mas a espécie deserdada fisicamente desenvolve-se cerebralmente, na razão mesma da inferioridade de sua organização natural. Foi necessário passar por uma longa escola de privações e de sofrimentos, para adquirir artificialmente aquilo que uma sorte cruel parecia lhe recusar. O paraíso perdido corresponde a uma realidade, não menos que a condenação ao labor ingrato; mas é falso erigir em ideal humano a preguiça e a indolente inatividade.

Onde está nossa nobreza? Nós que, orgulhosamente vestidos, não somos mais chamados a curvar a cabeça à maneira dos quadrúpedes? Criaturas cujo orgulho nada tem de ímpio, nós somos da raça dos Titãs, nascidos para conquistar o céu. Mas, desejando o fim, é preciso que aceitemos os meios. O *trabalho* se impõe a nós: é inelutável, porque apenas ele conduz ao objetivo.

Então, terminemos por compreender e mostremo-nos inteligentes até a penetração do sentido profundo da vida. Constataremos que *viver* e *trabalhar* são sinônimos. Os seres não existem senão em vista da tarefa que lhes incumbe. Emancipados da tutela indispensável da infância, não nos revoltamos contra a necessidade de ganhar penosamente nossa vida. Não será gemendo contra o pretense pecado cometido aos olhos da providência animal, que nos mostraremos *homens*, dignos filhos daquela Eva que teve o mérito de desejar a *inteligência*. Bendigamo-la, sem esquecer a serpente, besta feita maldita pela incompreensão.

Observemos. Antes de ser condenada a rastejar na lama, ela não teria sido um desses lagartos tidos por amigos do homem? Símbolo da luz astral, corresponde à divindade caldeia que se eleva até *Samas*, o deus solar, para chorar diante dele as infelicidades dos vivos, subtraídos à influência de *Isthar* depois que a deusa foi detida nos Infernos³. Essa claridade difusa que ajuda a adivinhar instintivamente traz consigo o risco de errar facilmente, e está longe

³ Ver o *Poème d'Ishtar*, mito babilônio interpretado em seu esoterismo, publicação da coleção *Symbolisme*. (Nota do Autor).

de oferecer as garantias da razão consciente; também *Python* sucumbiu traspassada por Apolo. A adivinhação incerta é suplantada por métodos de informação menos equívocos: um saber positivo substitui, pouco a pouco, as quimeras de uma visionariedade primitiva.

Goethe rende-lhe homenagem no conto dito da Serpente Verde⁴. Ele mostra a grande cobra luminosa que se sacrifica para salvar o mundo, transformando-se em ponto de ligação entre as duas margens do rio da vida.

E a serpente de bronze não foi uma imagem antecipada do Salvador?

⁴ Ver nossa tradução comentada dessa obra-prima do grande poeta iniciado. (Nota do Autor).

A Iniciação

A lenda faz da Serpente o primeiro Iniciador e de Eva a primeira Iniciada. Em termos menos poéticos, isso pode significar que a imaginação, faculdade invejada como feminina, abriu ao gênero humano o caminho do discernimento. As origens da intelectualidade foram um sonho confuso, um brilho de vagos pressentimentos. Obcecado, o espírito desperta para a atividade aplicada ao porvir: Eva ouve a Serpente e esforça-se por compreendê-la.

Difusamente impressionada pela irradiação que emana das coisas obscuras (luminosidade planetária, serpente *python*), a imaginação trabalha. Exercita-se em reter imagens fugazes que desfilam fluidas e sem coordenação diante de nossa visão mental. Fixá-las, em as concretizando, é dar nascimento à *Idéia*, matéria primeira do pensamento.

Porém a humanidade começa a pensar sem raciocinar, sem mesmo dar-se conta de que pensa. Seu primeiro modo de atividade procede do sonho; é uma fantasia contemplativa, mãe da poesia, que precede a prosa em literatura, tudo à feição de conceber, pois nosso pensamento combina imagens em contos poéticos antes de restringir-se à *secura* dos raciocínios prosaicos. A tendência a poetizar é natural na infância; ela domina o *homo sapiens* ao longo da adolescência da espécie. É preciso levar em conta a história antiga da mentalidade primitiva que emprestava ao imaginário uma realidade mais imediata que a revelação dos sentidos. Estes últimos enganavam, enquanto a intuição passa por infalível. Conquista nova do gênero humano, a iluminação interior se impôs como superior ao processo perceptivo dos animais. O prestígio do visionariedade justificou-se, aliás, por seus resultados.

Imaginemos uma época de fé absoluta, onde o homem acreditava docilmente em tudo o que lhe vinha ao espírito, sem ensaiar qualquer crítica da qual, então, seria totalmente incapaz. É certo que semelhante mentalidade, rara em nossos dias, favorece ao extremo aquilo que nós chamamos de *vidência*. Que os *videntes* fossem até numerosos nos tempos pré-históricos é de toda verossimilhança, do mesmo modo que o desenvolvimento de suas faculdades, das quais nada perturbava o exercício.

De fato, adivinhos e adivinhas tiveram papel preponderante nos anais de todos os povos antigos. Em um meio de mentalidade primitiva, podia-se normalmente encontrar indivíduos lúcidos, capazes de alarmar sua tribo, pressagiando-lhe o ataque iminente de uma horda inimiga. Vaticínios desse gênero valeram aos favorecidos um respeito temeroso, e viram-se poderosos grupos étnicos submeterem-se à autoridade de indivíduos mais intuitivos que a multidão.

Tais privilegiados não puderam deixar de se procurarem uns aos outros: os semelhantes se atraem. Foram os *iniciados* em relação à massa menos bem dotada. E eis a *iniciação* tomando nascimento no seio das mais antigas sociedades humanas.

Mas as origens não apresentaram nada dessa transcendência que imaginam certos ocultistas. Renunciemos a nos representar sábios que puderam adivinhar, nas épocas mais antigas, tudo aquilo que o saber moderno descobre em nossos dias. Uma intuição que nada contraria pode elevar-se a noções capazes de nos maravilhar, mas não nos enganemos: tais noções careciam de positivismo. Elas planavam acima daquilo que se percebe nitidamente e não se podem traduzir senão através de imagens poéticas. Os mitos exprimem o que pôde ser originalmente sentido e confusamente adivinhado.

Tais narrativas se dirigem à imaginação. Elas puderam muito bem ser concebidas por intuitivos que não discerniam o esoterismo profundo que nós aí descobrimos. Nossos poetas e artistas usam com freqüência símbolos que combinam harmoniosamente, sem premeditação efetiva. Foi assim, com mais forte razão, nas épocas do abandono à imaginação. Desconhecê-lo é fechar-se à compreensão da alta Antigüidade. Não transformemos em sábios, e menos ainda em filósofos racionalistas, os eleitos do intelectualismo divinatório original.

As escolas divinatórias e de profetismo vieram a constituir-se sob a forma de colégios iniciáticos, tal como aquele dos druidas. Não se admitia o primeiro que viesse, pois que apenas certas predisposições mentais poderiam permitir ao candidato seguir o ensinamento dado. Daquele que se habilitasse, exigia-se a intuição. O ensinamento era conferido essencialmente sob a forma de ritos e de símbolos acompanhados de um mínimo de palavras interpretativas. Por que se haveria de discorrer longamente, quando as palavras faltavam para exprimir aquilo que é da ordem abstrata? O gesto era mais eloqüente que a linguagem falada, de onde essas *mises en scènes* que representam o *que deve ser adivinhado*. Tanto pior para quem nada compreende: ele se revela rebelde à iniciação e permanece profano.

Notemos que, no passado, não se tratava de se instruir teoricamente, mas, sim, de se iniciar o candidato na prática da magia, dividida esta entre a

adivinhação e a taumaturgia, porque fazia parte das atribuições do intuitivo a cura das doenças, como também a predição ou a suspensão da chuva, quando ela persistia fora de medida. Os poderes maravilhosos atribuídos ao iniciado primitivo tendiam, de resto, a torná-lo responsável pelas más colheitas ou por qualquer outra calamidade. A profissão comportava, pois, seus riscos, mas o taumaturgo hábil sabia como iludi-los, em justificando seus fracassos, atribuindo-os a outrem.

Seria impossível presumir como eram as mais antigas instituições iniciáticas, se os costumes dos selvagens atuais não nos instruísem a esse respeito. Na obra de Robert C. Wright, aparecida em 1907 (*Indian Mansonry*, Portland, Oregon), são descritos os usos dos *Ojíbuas*⁵, nação indígena outrora poderosa, localizada atualmente apenas no noroeste do Canadá. Vejamos o que nos ensina esse consciencioso escritor.

Tornado adulto, o jovem pele-vermelha deve, tradicionalmente, embrenhar-se, sozinho e sem armas, na densa floresta para aí cumprir um retiro religioso, ao longo do qual não se alimenta senão de ervas e raízes. O isolamento, o jejum, o silêncio interrompido pelos gritos dos animais, o terror das longas noites passadas em claro temendo as bestas ferozes são, mais ainda, fatores que agem sobre o sistema nervoso para provocarem eventualmente a manifestação de faculdades metapsíquicas. Sendo assim, a prova prolonga-se voluntariamente, porque o futuro adepto acredita entrar em relação com os gênios silvestres, aos quais imagina ver e ouvir. Sentindo-se sob sua proteção, não tem pressa em retornar ao acampamento de sua tribo, onde foi precedido por companheiros menos favorecidos pelas proteções ocultas.

Ao sair da floresta, o indivíduo disposto ao metapsiquismo precipita-se ao curandeiro de seu clã. Este homem da arte se interessa pelas visões daquele que pode tornar-se seu aluno. É, porém, prudente e, antes de ir mais longe, envia novamente à floresta o eventual aprendiz de médico-taumaturgo. Desta vez, ele parte armado para a caça, porque recebeu a missão de trazer uma presa determinada. Se o caçador for realmente protegido pelos gênios, ele não tarda em encontrar o animal designado que, prontamente, levará como penhor de indiscutíveis disposições iniciáticas. Então, o velho feiticeiro não hesita mais e avença, com o iniciável, um contrato de aprendizagem, obrigando o aluno a alimentar o mestre em troca daquilo que pode lhe ensinar.

A instrução é longa. Ela tende a cultivar, antes de tudo, as aptidões de médium caçador. Sentir quando pode partir para a caça e empregar o instinto

⁵ Os ojíbuas eram um povo indígena da América do Norte que habitava a região a oeste e em volta do lago Superior. (N. da T.).

à procura do animal não é mais que o ABC da iniciação pele-vermelha, que ensina, no mais, a construir armadilhas tornadas inevitáveis, graças a irresistíveis conjurações mágicas. O conhecimento das plantas que curam, a arte de tratar ferimentos, estancando o sangue por simples contato, são outros talentos dos quais os taumaturgos guardam o segredo. Eles aí acrescentam, em nossos dias, noções de astronomia e de astrologia, a recitação de lendas relativas ao passado da tribo e a exposição de uma cosmogonia relacionada à ordem das coisas pelo governo de um Grande Gênio, chefe supremo dos espíritos.

Quando o aluno está instruído, o mestre entalha, à sua maneira, tantos bastões quantos são os colegas dos arredores, levando a convocação a cada um dos homens de medicina interessados. Estes compreendem e acorrem de todos os pontos cardeais a uma data determinada, tudo para participarem da iniciação solene do novel adepto.

Vêm à noite ao local designado e, depois de homenageados, instalam-se em círculo para entreterem-se e fumarem o cachimbo em honra do candidato à iniciação que custeia o tabaco. Para ser apresentado a seus iniciadores, o recipiendário deve submeter-se a quatro purificações sucessivas, sob a forma de banhos de vapor. As exsudações que expulsam do corpo os humores pecaminosos são provocadas numa pequena palhoça cônica onde, por quatro noites sucessivas, o recipiendário senta-se nu sobre uma trempe. Munido de um cântaro com água, ele despeja gradualmente o conteúdo sobre pedras quentes colocadas sob a dita trempe. Assim libera-se um abundante vapor que provoca a transpiração purificadora do corpo e da alma.

Os feiticeiros acolhem seu próximo colega com afabilidade. Longe de submetê-lo a um exame embaraçoso, são eles que se divertem em fazer a demonstração de seus poderes ocultos. Em apoio à enumeração de suas façanhas, alguém poderia deixar cair sobre o solo um objeto extraído de seu inseparável alforje, por travessura. Seria, por exemplo, a ponta de um rosário formado por nozes enfileiradas, lagarta inerte que, subitamente, se anima e arrasta-se de lá para cá, para finalmente tomar o seu lugar no alforje do mestre junto a outros acessórios mágicos.

Que se passa na realidade? A penumbra favorece a prestidigitação, mas isso não significa que faculdades supranormais não estejam jamais em jogo. Os feiticeiros — que não são experimentadores científicos — usam de todos os meios, sem se privarem dos misteriosos recursos do sistema nervoso trazidos pelo exercício da profissão.

Se foi permitido se divertirem na noite que precede à recepção ritualística em sua confraria, a seriedade impõe-se a eles no dia seguinte, desde a aurora, quando chegam à clareira retangular, preparada à vista da

realização de uma cerimônia sagrada. É indispensável que, do alto do firmamento, o Grande Espírito possa seguir as etapas do drama iniciático: se tudo se anuncia bem, se a atmosfera estiver límpida; não seria o mesmo se nuvens planassem acima do recinto reservado. As conjurações devem então dissipá-las. Caso restassem sem efeito, forçoso seria adiar a iniciação.

Essa eventualidade seria calamitosa, humilhante para os taumaturgos e mau-agouro para o recipiendário. Se o céu estiver naturalmente claro, ou aclarar-se em consequência das abjurações coletivas, os iniciadores terminariam de santificar o local onde entrarão solenemente. A procissão segue em silêncio até o momento em que, a um sinal do chefe, entoam um canto, invocando os espíritos celestes. Para dignamente dar lugar àqueles, as más influências são expulsas na direção dos quatro pontos cardeais, com a ajuda de baforadas de tabaco que expulsam os demônios à maneira do incenso.

A santificação está assegurada. O recipiendário é introduzido pela porta do Oriente até que o sol ilumine o presidente da assembléia que está no ocidente. Conduzido diante do velho venerável, o postulante é interrogado sobre o modo como pretende portar-se, enquanto membro da santa confraria dos médicos taumaturgos. Os compromissos tomados sob a invocação do Grande Espírito são admitidos, mas têm sua aceitação subordinada às provas a sofrer.

Exortado a uma firmeza heróica, o recipiendário é bruscamente batido na frente com um golpe de machadinha. Deixa-se, imediatamente, tombar de costas, fazendo-se de morto e não mais demonstrando o menor sinal de vida, a despeito das torturas que lhe são infligidas, porque se deve mostrar insensível à dor. Após desempenhar suficientemente seu papel de cadáver, o aluno feiticeiro é considerado como realmente morto e digno de honras fúnebres. Começam então os lamentos à apoteose do defunto, com os outros girando a seu redor. Sua alma retira-se do corpo e partilha da existência dos invisíveis. Mas a morte pode retomar a posse de seu organismo ao apelo dos iniciados. Estes não cessam de cercar o falso cadáver. Comprimidos em torno dele, ficam primeiro imóveis; depois, põem-se em marcha circular; lentamente no início, o andar da procissão acelera-se progressivamente até tornar-se uma dança frenética. Um sinal detém o turbilhonamento: o círculo fremente restringe-se em torno do morto, que se beneficia da energia exteriorizada.

Enquanto todos observam, ele permite-se alguns sobressaltos; depois, tenta mover seus membros. Pouco a pouco, a vida retorna. Eis que ele abre os olhos. É o momento de erguê-lo pela metade, puxando-o pelo braço. Após, ajudam-no a ficar de pé. O recipiendário toma então inteira posse de si mesmo; coloca-se mesmo tão corajosamente, que os iniciadores fingem terror, a exemplo de seu chefe que recua assombrado, articulando com a

garganta fechada: *Tu és agora mais forte que eu; o Espírito está em ti e tudo podes!*

Estas palavras caracterizam a iniciação primitiva que visa à aquisição, o exercício e a transmissão de *poderes mágicos*.

Tratam-se de poderes benfazejos, no caso dos taumaturgos ojíbuas que não são feiticeiros no sentido corrente da palavra, porque não fazem mal a pessoa alguma e não sonham, ao contrário, senão em colocar-se a seu serviço, curando os doentes e favorecendo a caça dos homens de seu clã. São eles os sacerdotes de uma velha religião de caçadores, comportando sacrifícios propiciatórios, mediante os quais os gênios protetores dos animais se deixam enternecer pela sorte dos homens, consentindo em servir para sua nutrição, em lhes abandonando alguns de seus protegidos.

A iniciação selvagem não é gratuita, porque o iniciado traduz em presentes sua gratidão à vista de seus iniciadores que voltam para casa munidos de uma provisão de tabaco, à qual se acrescenta uma pele de animal ou uma coberta de lã. É preciso haver acumulado notáveis riquezas peles-vermelhas para desafiar os custos de uma recepção na confraria dos homens médicos.

Se o recrutamento e o cumprimento de maravilhas foi a base das mais antigas iniciações, não se deve concluir que a disciplina iniciática não possa ter algum outro objetivo. Sem dúvida, a idéia que se faz comumente de um *iniciado* permanece cheia de noções primitivas.

Esperamos haver feito compreender que a sã sabedoria tradicional está acima de toda prática mágica; a Grande Arte que ela ensina não é aquela que deslumbra o vulgo, mas a de *viver exemplarmente*.

As Práticas Malfazejas

A inocência pôde caracterizar as iniciações originais inspiradas na piedade cândida própria às crianças da natureza. Estas se mostram estranhamente lúcidas em sua intuição, quando, sem saber falar, terminam por admitir a existência de uma realidade que escapa aos sentidos. Adivinhando o oculto do qual se sentem cercados, aos selvagens atuais, — do mesmo modo que a seus longínquos ancestrais, — repugna todo materialismo. Eles estão a tal ponto identificados com a vida que não acreditam na morte. Diante de um cadáver, permanecem convencidos de que a energia vital retirou-se do corpo, mas que subsiste, indestrutível. A velha serpente, símbolo da permanente vitalidade, parece a inspiradora dessa fé primordial do gênero humano.

Procedendo por aproximações analógicas, os primeiros homens foram levados a refletir, comparando a vida ao estado de vigília e a morte ao sono. Ora, despertamos após dormir, daí a persuasão, pelos primitivos, de um retorno à atividade após o repouso transitório concedido pela morte.

Não é tudo. Estando independente do corpo, a vida pode desligar-se momentaneamente, sem romper o liame que a liga à matéria, e entregar-se ao longe a atos misteriosos.

Essa convicção é a base da feitiçaria propriamente dita que se coloca a serviço do ódio e da vingança. Os envoltamentos visam a perturbar as almas, coisa fácil quando a vítima é impressionável e crédula até a inverossimilhança. É assim que, em todos os tempos, encontramos oportunistas que se comprazem em aterrorizar os crentes e em divertir-se às custas de imaginações plásticas. Foi assim que se desenvolveram crenças que, generalizadas, impuseram-se, transmitindo-se de geração em geração e, mais freqüentemente, amplificando-se. Tal é a fonte das tradições ocultistas difundidas em todo globo terrestre. Elas remontam à Serpente que foi amaldiçoada após iluminar Eva, ou seja, à Luz Astral, guia benéfico, contanto que a malícia humana não perturbe a instintividade primitiva. A perversão obscurece o brilho fosforescente, cujos clarões intermitentes não engendram mais que falaciosos fantasmas. Então, o réptil enlameado é traspassado por Apolo, porque pertence à razão solar vencer o monstro que falseia as imaginações.

Se quisermos ver a obra de *Python* dominador, transportemo-nos ao Gabão, onde vivem os *bouiti*, que são uma renomada associação de

malfeitores. As palavras de passe e ainda uma linguagem especial provêm do *itsogo*⁶ permitindo aos filiados reconhecerem-se entre eles. Reúnem-se à noite, no coração da floresta tropical, onde se entregam a uma dança frenética ritmada por instrumentos de corda e tambores de madeira com formas estranhas. O *iboga*, uma poção vegetal análoga à digitalina⁷, fornece-lhes uma bebida excitante que degustam na concavidade de um crânio humano. Uma dessas taças macabras circula a cada reunião, e os assistentes servem-se à sua conveniência. Todo recipiendário tem de esvaziar um cálice especial. Caso não suporte a dose, tanto pior para ele. Isso prova que nada vale para o *bouiti*. Se resistir, entra na dança, e os iniciados associam-se ao frenesi de sua vertigem fiscalizada pelo chefe da confraria. Este personagem, que permanece em plena posse de si mesmo, comanda as almas que a dança expulsa dos corpos. Ele as expede, para, ao longe, entregarem-se aos malefícios, transformando-as em panteras capazes de ir, de forma oculta, *comer a alma* de uma vítima designada, porque aquele que adere ao *bouiti* deve sacrificar um dos seus. Será, de preferência, um parente ou um amigo que o recipiendário faz receber ao mesmo tempo em que ele. Nesse caso, uma dose apropriada de *iboga* dá imediata satisfação à lei da sinistra associação. Se a vítima não pode ser transportada, sua sorte se rege pela via da psicofagia, operação mágica através da qual acreditam, de modo imaginário, que o fantasma de uma besta feroz encarrega-se de devorar um adormecido. O desgraçado, cuja alma deverá ser comida durante o sono, desperta extenuado, como se toda a força vital lhe houvesse sido subtraída. Ele não tem mais nenhuma energia e fatalmente perece, a menos que um membro de sua família seja bastante perspicaz para obter do chefe do *bouiti*, através de presentes, que determine a cessação do malefício.

Essa venalidade não se encontra, todavia, nos costumes normais de um chefe *bouiti*. Se ele se deixa corromper, é porque se tornou infiel à sua fé. Exerce, à sua maneira, um sacerdócio que leva a sério, porque a justiça dos brancos o persegue, e ele prefere entregar-se à morte antes de deixar que ponham a mão sobre sua pessoa. O *bouiti* é uma instituição sagrada, conforme as crenças sinceras em sua monstruosidade.

Por imaginários que sejam os poderes dos feiticeiros, não convém encará-los como fictícios, num meio onde as imaginações se deixam facilmente impressionar. Podem provocar um mal real, desequilibrando por desequilibrar a outrem. A temor aos malefícios é, pois, fundamentado,

⁶ Dialeto de uma tribo da Nova Guiné. As informações aqui utilizadas provêm de um funcionário colonial, M. B. Bannister, que pôde se apoderar de surpresa de um ferramental completo de feitiçaria. (Nota do Autor).

⁷ Substância cristalina, que se usa como tônico cardíaco, extraída das folhas da *Digitalis purpúrea*. (N. da T.).

quando uma credulidade cega domina as multidões. Em seu terror, estas últimas recorrem a represálias que se traduzem por linchamentos irrefletidos.

O remédio torna-se, então, pior que o mal. Associações competentes constituem-se para julgar e punir os feiticeiros malfeitores. Combatendo os abusos da magia pela magia, esses tribunais se fazem iluminar por adivinhos e impõem provas que lembram os julgamentos de Deus da nossa Idade Média. Em presença de um acusador que afirma e de um acusado que nega, uma mesma dose de veneno é ministrada a um e a outro, na persuasão de que o mentiroso experimentará, sozinho, os efeitos do tóxico. De fato, em relatos de europeus, consta que um só dos bebedores dá sinais de envenenamento, como se a boa fé houvesse imunizado a parte adversa.

Os contrafeitiços procedem de iniciações análogas, em seus ritos, àquelas dos necromantes. Não são, nesse ponto, modelos a seguir, mesmo pelos ambiciosos de poderes ocultos.

As Iniciações Profissionais

Adivinhos e taumaturgos apareceram como especialistas no seio das massas menos sensitivas e menos dotadas metafisicamente. Agrupando-se, ciumentos de suas prerrogativas, eles incitaram outros detentores de segredos a imitá-los, tais como os artesãos criadores das indústrias nascentes.

Únicos capazes de executar certos trabalhos, esses obreiros acreditaram, eles também, dispor de poderes mágicos, tanto que atribuíam sua habilidade a uma misteriosa colaboração. O homem primitivo sentia-se o juguete de potências desconhecidas, sem a ajuda das quais ele acreditava nada poder realizar. Eis por que o caçador sacrificava ao gênio protetor do animal que ele queria matar; tudo como, antes de abater uma árvore, o carpinteiro conciliava-se com o elemental interessado. O operário da pedra, a seu turno, acreditaria cometer um sacrilégio se atacasse a rocha sem o consentimento prévio da Terra-Mãe que ele mutilava. Isso não é tudo, porque evitar cair no ódio de uma divindade não corresponde senão ao lado negativo dos cultos profissionais. Para bem trabalhar, o obreiro deveria, no mais, assegurar-se do concurso positivo do deus dispensador dos talentos requeridos. Um pacto impunha-se nesse sentido: em se consagrando de corpo e alma ao serviço da divindade da profissão, o artesão contraía bilateralmente obrigações sagradas, porque, aplicando-se com fervor a fazer de si o melhor no domínio da arte, ele constrangia seu deus profissional a vir em seu auxílio. Essa assistência divina obrigatória tornava-se cada vez mais patente com o desenvolvimento do talento do artesão. Trabalhando cada vez melhor, o obreiro atingia o gênio, a matriz realizadora de obras sobre-humanas. Havia então a união do humilde mortal com deus que operava por seu intermediário, daí a *divinização do homem através do trabalho*.

Esta concepção idealiza os cultos de obreiros anteriores ao cristianismo. Considerando-se como a mais nobre de todas, cada profissão exaltava sua divindade tutelar. Foi assim que os saboeiros de Vosges puderam considerar sua *Juno Saponaria* — da qual o altar se vê no Museu de Epinal⁸ — como a suprema purificadora das almas, porque, em fabricando sobre a terra um sabão material, os fiéis dessa deusa da limpeza preparavam-se para confeccionar, no céu, uma substância mais etérea destinada a limpar espiritualmente os candidatos que solicitassem sua admissão nas regiões olímpicas.

⁸ Camille JULLIAN. — Notas galos-romanas, aparecidas na *Revue des Etudes anciennes*, publicada em Bordeaux, nº de julho-setembro, 1917. (Nota do Autor).

Ricos em imaginação, os antigos souberam poetizar os atos da vida diária e espiritualizar suas ocupações profissionais. Assim nasceram os *Mistérios* particulares às diferentes profissões. Observamos seus traços nas Associações de Obreiros que permanecem em prática. A tradição foi, infelizmente, deformada no curso dos tempos, menos, todavia, entre os construtores, que pretenderam sempre se ligar ao passado mais remoto. Os usos maçônicos merecem, por esta razão, ser estudados com espírito de reconstrução arqueológica.

Esse trabalho obriga a remontar a épocas longínquas onde a mentalidade geral era profundamente religiosa, a despeito de toda doutrinação. As mais antigas religiões nasceram espontaneamente da sentimentalidade religiosa que distingue, desde a origem, o homem do animal. Somos instintivamente levados ao sonho, e a primeira tendência de nosso espírito nos conduz a idealizar poeticamente. Sabamos envelhecer, permanecendo jovens, ou seja, acessíveis à poesia primitiva. É-nos impossível viver sem religião; procuremos aquela que está naturalmente inscrita no coração de todo homem não-pervertido. É a isso que nos convida a pura tradição iniciática.

O Sacerdócio

A magia que suscita adivinhos, taumaturgos e feiticeiros é anterior à religião onde se engasta o sacerdote. O mágico primitivo põe em ação seus dons naturais, sem dar-se ao trabalho de imaginar uma teoria a seu respeito; ele está convencido de que, executando tal ato, provoca um efeito ligado fatalmente à realização do dito ato; a metafísica lhe é estranha; ele não procura se explicar o universal mistério das coisas. Ele não é como o sacerdote que se distingue por seu intelectualismo.

Segue-se disso que o mágico espontâneo não se revela sacerdote de um dia para outro. A transformação é insensível; a fase do mágico-sacerdote e aquela do sacerdote-mágico prolongam-se indefinidamente. É assim que, em nossos dias, nossos sacerdotes permanecem mágicos, enquanto o mágico primitivo foi sempre sacerdote, ao menos em potência.

Todavia, o padre distingue-se do mágico pelo fato de não ser tido, como aquele, como possuidor de dons anormais. O poder do sacerdote não reside nele mesmo: ele pode dispensar-se de ser vidente ou taumaturgo, porque ele descobriu os deuses, e é deles que ele obtém aquilo que esperam os homens. Ele é o intermediário, o intercessor, o ministro e o servidor dos invisíveis. Ele os concebe à imagem do homem, e empresta-lhes originariamente as paixões dos grandes da Terra. Mais tarde, a idéia de Deus se depura, sem conseguir, todavia, descartar-se inteiramente do antropomorfismo nativo.

Entre os sacerdotes, há os que se contentam em satisfazer às exigências do serviço divino, cumprindo os ritos e os sacrifícios de rigor; eles permanecem, sob esse ponto de vista, mágicos, sobretudo, quando eles atribuem às suas ações uma virtude sacramental. Entretanto, o que caracteriza essencialmente o sacerdócio é o intelectualismo; o sacerdote sabe aquilo que o vulgo ignora; ele é divinamente instruído naquilo que ele ensina; a vontade divina é-lhe conhecida, e é sob esse título que ele pretende se fazer obedecer.

É compreensível que disso tenham resultado crescentes abusos. Não é menos verdade que o sacerdócio prestou à humanidade imensos serviços, sem os quais, por longo tempo, ela não poderia passar. Há, com efeito, uma *Arte Sacerdotal* que se baseia na *exploração* da fé. Empregamos intencionalmente a palavra *exploração*, porque o termo pode ser mal ou bem compreendido. Explorar um campo ou uma mina é uma operação louvável; do mesmo modo como o é uma exploração honesta da imaginação ou da credulidade. Curam-se as doenças do corpo pela sugestão; e aquelas da alma, em explorando a fé do doente no interesse de sua cura. Não será um adepto esclarecido da *Arte Real* quem vai condenar sistematicamente os procedimentos sacerdotais, únicos eficazes à vista de certas mentalidades. Adaptando-se às necessidades, visam a tornar os homens melhores e são dignos de respeito. Eles se adaptam às necessidades e, contanto que, com leal desinteresse, eles visem a tornar os homens melhores, são dignos de

respeito. O sacerdote evoluído afirma-se, aliás, psicólogo, e intervém como médico de almas, cheio de tato em sua experiência e em seu desejo de fazer o bem.

Mas remontemos ao tempo da formação do sacerdócio. O padre foi então *teósofo*, no sentido etimológico da palavra⁹. Considerando-se como confidente dos deuses inspiradores, ele recorreu à meditação para entrar em relação com eles. O ascetismo e a prece conduziram-no à exaltação do êxtase que separa a alma do corpo para permitir-lhe a comunicação com o divino.

Assim nasceu o misticismo, perigoso em suas práticas desequilibrantes. O extático despreza a terra e suas rudezas; ele desdenha a vida penosa que levam os homens comuns, escravidão enganosa, segundo ele, que não merece ser levada a sério, tudo não sendo mais que ilusão transitória e definitiva vaidade. A verdadeira vida, para o místico, não começa senão após a morte; o sábio não sonha, aqui embaixo, senão em preparar-se.

Os sacerdotes tiveram iniciações relacionadas àquelas de mágicos primitivos pelo cultivo de faculdades anormais, fontes da visionariedade extática e de poderes metapsíquicos¹⁰, mas tudo isso não tardou a ser colocado a serviço de preocupações místicas. No Egito, fazia-se iniciar em vista da viagem que realizava a morte através dos sete céus inferiores que envolviam a Terra. Instruída nas palavras de passe, a alma conjurava, em as pronunciando, os demônios guardiões das esferas sucessivas e chegava, assim, à porta do palácio de Osíris. O místico de Eleusis assistia ao rapto de Proserpina, personificação da alma que, seduzida por Eros, cai sob o poder de Plutão. O deus dos infernos a retém prisioneira no corpo, até sua entrega tardia devida à intervenção de Ceres.

As iniciações dessa ordem pretendem assegurar a saúde da alma depois da morte. Seus ritos visam a divinizar o místico, conferindo-lhe a natureza do deus do qual ele desempenha o papel. A apoteose iniciática posta em cena nos *Mistérios Sacerdotais* tem por efeito abrir o céu ao morto que, se permanecesse profano, partilharia, com o comum dos homens, dos lugares infernais.

⁹ Conjunto de doutrinas religioso-filosóficas que têm por objeto a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até à iluminação. (N. da T.).

¹⁰ Relativo aos fenômenos que transcendem o alcance da psicologia ortodoxa e são aparentemente anormais ou inexplicáveis, como, p. ex., a clarividência, a telepatia. (N. da T.).

O misticismo pretendia, pois, divinizar a individualidade humana por vias opostas àquelas da iniciação de obreiros, as quais santificavam o trabalho imposto pela vida, enquanto os ascetas do sacerdotalismo¹¹ preferiam absorver-se em Deus na inação contemplativa.

Influenciado pelas doutrinas sacerdotais pagãs, o cristianismo nascente empreendeu a democratização do céu, onde outrora não deveriam jamais ser admitidos senão os únicos privilegiados iniciados nos Mistérios pagãos. Daí por diante, aí obteriam acesso todos aqueles que, acreditando em Cristo, consentissem em morrer para o mundo perverso, para renascerem puros e celestiais do afogamento batismal, dignos de participarem da vida cristã¹².

A nova religião foi essencialmente mística, mas, para generalizar-se, foi-lhe muito necessário adaptar-se às exigências da vida prática, daí a cristianização progressiva de práticas tenazes de cultos antigos.

Entre estes últimos, os ritos de religiões profissionais merecem fixar mais particularmente nossa atenção. Os santos substituem os deuses. Cada corporação escolhe para si um patrono conforme à ortodoxia imposta, e as práticas tradicionais foram interpretadas num sentido cristão, ou tornadas mais secretas que nunca. Não houve nisso, aliás, qualquer revolta aberta contra a fé reinante compartilhada pelos artistas agrupados em confrarias de origem imemorial, mas tais associações não permaneceram menos secretamente fiéis aos usos considerados como sacros, ainda que suspeitos aos teólogos. Como excelentes cristãos, puderam assim continuar ligados a práticas inconciliáveis com o ensinamento dos sacerdotes, porque sua piedade sincera recusava-se a considerar como repreensíveis as veneráveis e santas tradições da profissão. Nada perturbava a paz de suas consciências, porque o que sobreviveu do paganismo não era explícito, traduzindo-se apenas por símbolos cujo sentido não era aprofundado. A Igreja teve a sabedoria de bendizer aquilo não escandalizava ninguém; ela adormeceu, assim, a heresia durante séculos, para despertá-la mais tarde por inquisições intempestivas¹³.

Questão tática à parte, a suspeição dos ortodoxos permanece na lógica das coisas, porque o espírito das tradições religiosas das artes e profissões

¹¹ Religião em que as atividades e formas exteriores da vida religiosa são ou parecem ser mais importantes do que os valores e experiências considerados essenciais. (N. da T.).

¹² Ver Alfred LOISY. — *Les Mystères paiens et le Mystère chrétien*. (Nota do Autor).

¹³ Condenação do Companheirismo pela prisão, Sorbonne, 14 de março de 1655. Ver Heny GRAY, *Les Origines compagnonniques de la Franc-Maçonnerie*, Acácia, 1925-26, e DULAURE, *Histoire de Paris*. (Nota do Autor).

está em contradição flagrante com aquele do sacerdócio em geral e do dogmatismo cristão em particular.

Para aquele que trabalha religiosamente, no espírito dos antigos cultos obreiros, a obra é sagrada. Chamando-nos à vida terrestre, o poder criador confia-nos uma tarefa divina: ele associa-nos ao seu próprio trabalho e reveste-nos, para essa finalidade, de um organismo glorioso. Descer à matéria não implica em qualquer miséria, já que o obreiro espiritual se encarna para trabalhar de maneira conforme ao plano da Suprema Sabedoria, eterna inspiradora dos esforços rumo ao melhor.

A religião do trabalho não vê a Terra como uma prisão de forçados onde se expia o pecado original da aspiração ao progresso. Longe de lamentar-se sobre as misérias inerentes à sorte dos humanos, ela exorta a valentia dos obreiros admitidos a participar da Grande Obra divina que se realiza na oficina terrestre.

A esta concepção dos cultos de ação e de vida, o misticismo sacerdotal opôs um idealismo de renúncia e de morte. Ele reagiu contra os excessos, e justiça deve ser feita a sua missão moralizadora; mas reajamos, por nossa vez, contra os exageros, segundo os quais não deveremos viver senão que para bem morrer.

Vivamos religiosamente, apliquemo-nos em viver de acordo com as santas leis da Vida. Iniciemo-nos na Grande Arte da transmutação do mal em bem, a fim de trabalharmos divinamente neste mundo, sem nos inquietarmos com aquilo que nos poderá ser pedido no outro. Quem trabalha com piedoso fervor, por puro amor de outrem, que teria a temer da própria salvação?

A Iniciação Filosófica

A humanidade foi imaginativa antes de tornar-se racional. Houve, todavia, racionais no seio das massas impressionáveis e passivamente receptivas dos tempos antigos; eles foram, no início, originais incompreendidos, debatedores taxados de impiedade. Por prudência, eles deveram calar-se, mas procurando todos trocar, entre si, suas idéias. Os núcleos dos especialistas em meditação constituíram-se assim; em torno de um pensador, agruparam-se discípulos, e as escolas de sabedoria puderam multiplicar-se.

Esses foram os focos de um novo gênero de iniciação, porque não mais se tratava de desenvolver disposições divinatórias ou de adquirir um poder taumaturgico, nem de entrar em relação com os deuses; não mais que de aprender a trabalhar religiosamente, exercendo uma profissão manual. Desta vez, o objetivo era a Verdade procurada em comum através de um trabalho espiritual de penetração e de luta contra o erro.

É possível que Pitágoras, o primeiro, haja submetido seus discípulos a provas iniciáticas inspiradas naquelas que sofriam os adeptos da taumaturgia, do sacerdócio e dos cultos de obreiros. Como quer que fosse, o filósofo fez muito falarem dele, e tornou-se assim suspeito frente aos seus concidadãos, que destruíram o instituto de Crotona. A trágica lição trouxe seus frutos, ensinando a discricção aos iniciados intelectuais. Constrangidos a se colocarem a coberto sob símbolos, dando o troco à maledicência profana, eles enxertaram seu ramo filosófico no tronco das iniciações reconfortantes.

Essa precaução se impôs mais particularmente sob o absolutismo da ortodoxia cristã. Nela, não havia lugar para se desconfiar dos construtores de igrejas, não mais que dos metalúrgicos, tentando transmutar o chumbo em ouro. Eles não se exprimiam senão que por imagens, das quais os adeptos instruídos eram os únicos a discernir o sentido profundo, a *Filosofia Hermética* que se esquivava de toda a condenação eclesiástica. Não foi menos uma doutrina de temerária emancipação do espírito, porque a *Grande Obra* se aplicava ao aperfeiçoamento de tudo quanto a natureza deixa imperfeito. Ela vai mais longe: não tendo o homem poder direto senão sobre si mesmo, tinha por tarefa imediata aperfeiçoar sua própria personalidade. É ele o chumbo vulgar que a Arte deve refinar até o ideal representado pelo ouro incorruptível. Tornado perfeito, o indivíduo age como um fermento no seio da massa humana que tende, a seu turno, a transmutar em puro ouro filosófico.

Esses são os mistérios da Pedra Filosofal, conhecidos dos filósofos herméticos, mas ignorados pelos alquimistas que se arruinavam com

manipulações empíricas, sem compreender que o Ouro dos filósofos não é aquele dos avaros e dos cambistas. Em seu *Paradoxo sobre a Incerteza, Vaidade e Abuso da Ciência*¹⁴, Cornelius Agrippa lamenta os ignorantes que tomam ao pé da letra os símbolos da arte e lastima não poder esclarecê-los, porque se diz preso ao segredo pelo juramento que prestou ao fazer-se iniciar nos arcanos da Alquimia. Não tem ele mais que sarcasmos para com a fragilidade das ciências humanas, e reserva seu respeito apenas à Alquimia, em razão de seu esoterismo.

Desde que se tornou possível, — sem se expor à fogueira, — revelar o alcance secreto das alegorias herméticas, os autores relaxaram sua tradicional discrição. Arriscando-se a mostrar o lado religioso do Hermetismo, eles o aproximaram do esoterismo cristão, e esta foi a eclosão do *Rosacruzianismo*. Daí em diante, o ouro alquímico confundiu-se com a perfeição cristã, e a Pedra dos Sábios tornou-se a imagem do Cristo, homem-tipo e pedra angular do Evangelho.

Os adeptos da Alquimia espiritualizada, — que se dizem rosa-cruzes, — não parecem se haver constituído em associações formais antes de uma data relativamente recente, porque as lendas postas em circulação no início do Século XVII não têm senão um valor alegórico. Sua escola não se afirma senão que por escritos, mas estes exerceram uma poderosa influência: a religião aí se combina com a magia, e os conhecimentos misteriosos, tais como a alquimia, a astrologia e a medicina oculta, aparecem sob um manto sedutor. Todas as velhas superstições são repostas com honra, como se, sob seu manto, se abrisse uma venerável sabedoria esquecida.

Existe aí a renascença real, mas os mortos que surgem de seu túmulo não estão adaptados à existência intelectual moderna. Seu corpo está maculado, dissimulado sob farrapos; esses ressuscitados devem ser postos a nu, lavados com cuidado e finalmente revividos em seu espírito, de preferência que em sua antiga organização.

Essa tarefa não poderia ser aquela dos séculos passados: ela incumbe ao presente e ao amanhã que se aproxima. Os iniciados são os únicos a poder realizá-la. Mas onde estão eles? Onde recebem a instrução tradicional? Possam os capítulos subseqüentes esclarecer o leitor a esse respeito.

¹⁴ Edição francesa de 1617, capítulo sobre a Alquimia, p. 329. (Nota do Autor).

Um Documento Significativo

Os antigos divertiam-se com lendas, aceitando-as como verdadeiras na medida em que elas favoreciam sua imaginação. Não é preciso, pois, ligar um valor histórico às narrativas que ornamentam, às vezes, uma exposição de ordem filosófica. Assim, seria ingênuo ver outra coisa senão um subterfúgio

literário no pretense processo verbal que o Rei Henrique VI teria redigido de próprio punho após haver feito um de seus súditos sofrer um interrogatório a respeito do *Mistério da Maçonaria*.

Trata-se de um documento inglês de caráter francamente arcaico, tanto pela linguagem, quanto pelas idéias expressas. Ei-lo, de acordo com a cópia atribuída ao filósofo Locke e publicada em Londres em 1753.

Perguntas e respostas concernentes ao mistério da Maçonaria, escritas pelo punho do Rei Henrique, o sexto do nome, e fielmente copiadas por mim, Johann Leylande, antiquário, por ordem de Sua Alteza¹⁵.

Essas perguntas e respostas foram as seguintes:

Pergunta. — Que mistério é esse?

Resposta. — É o conhecimento da natureza, o discernimento do poder que ela encerra e de suas obras múltiplas, em particular, o conhecimento dos números, dos pesos, das medidas e da melhor maneira de fabricar todas as coisas que servem para o uso do homem, sobretudo, habitações e edifícios de todos os gêneros, assim como todas as outras coisas que contribuem para o bem do homem.

Pergunta. — Onde a Maçonaria começou?

Resposta. — Ela começou com os primeiros homens do Leste, que existiam antes dos primeiros homens do Oeste e, vindo em direção do Oeste, ela para aí aportou todos os confortos aos selvagens que disso estavam privados.

Pergunta. — Por quem ela chegou ao Ocidente?

Resposta. — Pelos venezianos [confusão evidente com os fenícios da Fenícia], grandes mercadores vindos primitivamente do Leste para estabelecer-se em Veneza, para a comodidade de seu comércio que unia o Leste ao Oeste pelo Mar Vermelho e o Mediterrâneo.

Pergunta. — Como ela veio para a Inglaterra?

Resposta. — Peter Gower [alteração do nome Pitágoras, decomposto conforme a pronúncia inglesa em *Peter* por Pytha, e *Gower* por Gore], um grego, residente, para sua instrução, no Egito, na Síria e em todos os países

¹⁵ O Rei Henrique VIII, não ainda intitulado Majestade, que, quando da supressão dos monastérios, havia encarregado J. Leylande de velar pela conservação de livros e manuscritos valiosos. (Nota do Autor).

onde os venezianos haviam implantado a Maçonaria. Obtendo entrada em todas as Lojas de Maçons, ele muito se instruiu; depois, retornou à Grande Grécia para aí trabalhar. Estando instruído, ele se tornou um poderoso sábio de grande renome. Ele formou uma Grande Loja em Groton [Crotona] e fez numerosos maçons, dos quais alguns foram para a França onde fizeram, a seu turno, numerosos maçons, entre os quais houve quem, com o tempo, fizesse passar a Arte para a Inglaterra.

Pergunta. — Os maçons revelam suas artes a outrem?

Resposta. — Quando viajava para instruir-se, Peter Gower foi feito maçom primeiro e instruído depois; do mesmo modo, todos os outros se tornam maçons para serem instruídos. Os maçons têm sempre, em todas as épocas, comunicado de tempos em tempos à humanidade aqueles de seus segredos que poderiam ser de utilidade geral; eles se reservam unicamente aqueles que poderiam se tornar nocivos, se caíssem em mãos perversas ou aqueles que não saberiam ser de nenhuma utilidade sem estarem acompanhados das explicações que comporta sua comunicação em Loja, ou ainda aqueles pelos quais os Irmãos se unem mais fortemente uns aos outros, para o proveito e a comodidade que daí resultam para a confraria.

Pergunta. — Quais Artes os maçons têm ensinado à Humanidade?

Resposta. — Essas artes se chamam Agricultura, Arquitetura, Astronomia, Geometria, Matemáticas, Música, Poesia, Química, Governo e Religião.

Pergunta. — Como os maçons chegaram a aprender mais que os outros homens?

Resposta. — Unicamente eles possuem a arte de descobrir novas artes, arte que os primeiros maçons receberam de Deus, graças à qual arte eles encontram toda arte que lhes apraz, assim como a melhor maneira de ensiná-la. Aquilo que os outros homens descobrem não é senão um encontro fortuito e não apresenta, por conseguinte, senão um valor restrito.

Pergunta. — O que calam e escondem os maçons?

Resposta. — Eles calam sobre a arte de descobrir novas artes, aquilo que vem em seu proveito e louvor. Eles calam sobre a arte de guardar segredos, a fim de que assim o mundo nada tenha a esconder-lhes. Eles calam sobre a arte de realizar maravilhas e de predizer as coisas que virão, a fim de que assim os maldosos não possam fazer dessas artes um mau uso. Eles calam também a arte das transmutações, de maneira a obter a faculdade do Abrac [o abracadabra faz alusão ao poder de tornar eficazes os talismãs], o

talento de torna-se bons e perfeitos sem invocar o medo e a esperança. Eles calam, enfim, a linguagem universal dos maçons.

Pergunta. — Os maçons consentiriam em ensinar-me essas artes?

Resposta. — Elas vos serão ensinadas, se vós o merecerdes e se vós fordes capaz de nelas vos instruir.

Pergunta. — Todos os maçons possuem conhecimentos superiores àqueles dos outros homens?

Resposta. — Não é assim. O direito lhes pertence e a ocasião se oferece a eles de instruírem-se mais que os outros homens; mas, por falta de capacidade ou negligência em darem-se ao trabalho indispensável, não é senão muitas vezes que não adquirem nenhum conhecimento.

Pergunta. — Os maçons mostram-se melhores que os outros homens?

Resposta. — Certos maçons não são tão virtuosos quanto certos outros homens; mas, mais freqüentemente, eles são melhores do que seriam se não fossem maçons.

Pergunta. — Os maçons amam-se profundamente uns aos outros?

Resposta. — Sim, em verdade, visto que não poderia ser de outro modo, porque homens bons e leais, reconhecendo-se como tais, não podem senão se amar, tanto mais quanto melhores eles são.

Aqui terminam as perguntas e as respostas.

O Hermetismo Maçônico

Por fictício que seja o adepto da *Maçonaria* do diálogo instrutivo que acabamos de traduzir, suas respostas caracterizam um estado de espírito digno de fixar nossa atenção.

A Idade Média multiplicou os *Mistérios*. A religião teve os seus na doutrina sagrada e seu cerimonial, não menos que em representações teatrais nascidas da piedade popular. Houve uma iniciação de cavalaria e, inspirando poetas, as damas estimularam iniciáticas cortes de amor. Mais prosaicamente, as profissões tiveram seus segredos, relacionando-se, às vezes, a mistérios tornados insondáveis. Os ritos obreiros, considerados a justo título como prodigiosamente antigos, praticavam-se com um fervor que permaneceu tradicional. Reputados sagrados, os símbolos corporativos gozavam do prestígio dos símbolos religiosos, uns e outros se relacionando a mistérios inefáveis diante dos quais se inclina a inteligência humana, muito fraca para penetrá-los.

Assim transmitiram-se segredos garantidos contra toda divulgação, pois que, em se atendo ao balbuciar da letra morta, os adeptos cândidos ignoravam o sentido escondido dos símbolos. Sua ignorância não era, todavia, absoluta. Consciente de não saber *nem ler nem escrever*, o antigo talhador de pedra esforçava-se por *soletrar* a palavra sagrada de sua confraria laboriosa, ou seja, concentrava-se em adivinhar aquilo que ninguém podia desvendar verbalmente.

Em que medida o esoterismo foi suspeitado pelos espíritos mais perspicazes das épocas em que o silêncio se impunha? Não podemos arriscar sobre esse assunto senão conjecturas. Seria possível que a luz não se fizesse em nenhum espírito e nenhuma estrela houvesse brilhado no céu escuro dos tempos da fé? Nós temos boas razões para admitir o contrário, porque as obras-de-arte não se produzem cegamente. A mentalidade medieval não teve, por certo, nem a precisão nem a nitidez da nossa, mas o sentimento de nossos ancestrais revelou-se lúcido muitas vezes. Eles puderam permanecer no vago, não discernir categoricamente aquilo que os intrigava, mas aquilo que eles souberam *entrever* permanece prodigioso. À sua maneira, eles nos enriqueceram, legando-nos um solo que nos cabe escavar. A imaginação confere-lhes o gênio do qual se priva nosso racionalismo muito prosaico.

Nessas condições, os mistérios dos construtores de catedrais puderam muito bem se relacionar aos conhecimentos secretos que preocuparam, à época, os melhores espíritos. Intelectuais teóricos foram, aliás, em todos os tempos, associados aos praticantes da arte de construir, que teve seus protetores, uns materialmente poderosos e outros instruídos. Os homens de gosto e de ciência, interessando-se pela arquitetura, foram iniciados, por favor, nos segredos da profissão. Esses primeiros Maçons honorários ou *aceitos* puderam comunicar aos construtores segredos de ordem filosófica.

Assim se explicam os empréstimos recíprocos que se fizeram a Alquimia e a Franco-Maçonaria no terreno do simbolismo. Como operários da metalurgia foram levados a fazer, de uma *pedra cúbica*, seu símbolo mais

importante? Não se compreende nem como esta pedra talhada segundo o esquadro resulta de operações que se realizam no ovo filosófico sob a ação de um fogo sabiamente graduado, nem aquilo que significa o esquadro e o compasso nas mãos do andrógino alquímico representado na figura muito conhecida do Rebis que apareceu em 1618 na *Basílica Filosófica* de Joseph-Daniel Mylius. De outra parte, a decoração das catedrais inspira-se amplamente no simbolismo hermético. Não poderia, pois, subsistir nenhuma dúvida sobre a iniciação filosófica da elite dos antigos talhadores de pedras.

O que nós ignoramos é o grau de espiritualização atingido pelos iniciados da Idade Média. É temerário atribuir-lhes uma clara concepção do programa iniciático, tal como implicam as operações da Grande Obra. O simbolismo parece ter sua vida própria, permitindo-lhe construir-se corretamente sem esperar ser compreendido por aqueles que o praticam. O mistério dos símbolos é mais profundo do que supõem os espíritos superficiais. Puderam-se longamente reverenciar como coisas santas um conjunto de formas impressionantes, das quais a significação permanecia misteriosa. É uma fé que não é, de modo algum, cega, quando ela entrevê, de uma maneira difusa, aquilo que o espírito não consegue ainda discernir com nitidez. A Idade Média foi a época gloriosa desse crepúsculo que precede à claridade da aurora.

Está provado para nós que os iniciados dos séculos precedentes à Renascença foram artistas. Aquilo que eles não compreenderam racionalmente eles puderam sentir e, se em nossos dias nós chegamos a compreender, devemos-lo aos seus esforços de silenciosa meditação. Eles nos legaram símbolos dos quais pediram a significação; nada se perdendo, beneficiamo-nos de sua perseverança divinatória, porque ela imantou os símbolos que doravante nos falam.

Sua *Grande Obra* tornou-se a nossa, mas nós sabemos que ela se aplica ao *homem*. A *matéria primeira dos Sábios*, tão rara e tão preciosa, ainda que abundante e de vil preço, é nossa substância anímica. Antes de todas as coisas, o operador deve aplicar-se em discernir o *sujeito próprio à Obra*, isto é, o *Iniciável*. É preciso, a seguir, isolar o sujeito, destacando dele tudo o que lhe é estranho; depois, encerrá-lo no *Ovo Filosófico* onde ele morre, voltando ao *negro* absoluto. Essa morte decompõe o sujeito, do qual a parte volátil se destaca e se eleva, invisível, para recair como chuva sobre o denso, que é progressivamente lavado, de sorte que passa ao cinza de diversos matizes, mas cada vez mais claro até o *branco*. O operador, todavia, ambiciona a cor *vermelha*; ele ativa, pois, o fogo, graças ao qual se termina a *Obra simples*, proporcionando a *Medicina da primeira ordem*.

Esse programa não tem nenhum sentido do ponto de vista metalúrgico; ele não pode se relacionar senão às *operações filosóficas*, visando à transmutação gradual do profano em iniciado. Se a menor dúvida pudesse

subsistir a esse respeito, ela se desvaneceria diante da concordância exata do ritualismo alquímico e aquele dos Franco-Maçons.

Mas estes últimos, — que se guardaram de escrever, — puderam ser, entre si, menos reservados que os Hermetistas, sempre atentos em não trazer à luz, ao menos publicamente, o caráter humano de sua *Pedra filosofal*. Ao contrário desses últimos, os Maçons identificam-se com a *Pedra Bruta*, símbolo do adepto irrepreensível. Eles assim contribuíram para erguer certos véus, mas essa honra não recai sobre os predecessores imediatos dos Franco-Maçons modernos que foram muito pobres filosoficamente.

Eles puderam, entre si, mostrar-se menos enigmáticos que os Hermetistas em seus escritos, porque o Maçom se reconhece sem trabalho na Pedra Viva que aprende a talhar-se por si mesma segundo as regras sagradas da Arte Real. Mas esse discernimento permaneceu perdido para os obreiros ingleses que, no século XVII, tiveram o mérito de perpetuar usos dos quais o alcance iniciático lhes escapava.

O Começo da Maçonaria Moderna

A Renascença foi uma revolta da razão contra a fé. O espírito racionalista veio a opor-se à contemplação sonhadora que se comprazia com os símbolos e suas sugestões indefiníveis. Um saber positivo, certo, baseado

sobre uma observação metódica martelou daí em diante as inteligências. Os antigos mistérios, que se endereçavam à imaginação e ao sentido divinatório, perderam seu prestígio. Abandonadas ou praticadas por rotina, as iniciações obreiras reduziram-se a pálidas reminiscências, fantasmas de um passado morto ou moribundo.

Sobre o continente europeu, as associações de obreiros permaneceram fiéis a ritos tornados grosseiros, dos quais não subsistia senão uma letra morta mutilada. A Grã-Bretanha não estava mais bem partilhada, mas os Franco-Maçons souberam aí conservar uma vantajosa reputação. Detentores de invioláveis segredos, eles se reconheciam através de palavras de passe acompanhadas de sinais misteriosos, e prestavam-se, em toda parte, a mais devotada assistência. Era honroso ser admitido entre eles como amador estranho ao exercício profissional da arte de construir. Também personagens eminentes fizeram-se “aceitar” como membros de uma confraternidade que se dizia muito antiga e detentora de uma sabedoria que remontava ao rei Salomão.

O mais célebre dos Maçons “livres e aceitos” foi iniciado em Warrington, no Condado de Lancaster, a 16 de outubro de 1646. Sábio arqueólogo, amante da alquimia e da astrologia, ele se chamava Elias Ashmole. Curioso de tradições misteriosas, esse rosacruzianista ficou decepcionado com aquilo que lhe puderam ensinar os sucessores dos antigos talhadores de pedra. O segredo, ao qual o recipiendário se engajava através de um juramento dramático, não se relacionava senão que a uma cerimônia mediocremente impressionante; depois, sobre sinais de reconhecimento e palavras de passe sem interesse para um amante de conhecimentos misteriosos. A desilusão impediu o erudito de levar a sério os ritos obreiros que ele estimava menos dignos de suas preocupações que o cerimonial da Ordem da Jarreteira¹⁶. É, pois, muito gratuitamente que certos autores erigem Ashmole em fundador da Maçonaria moderna. Nós não lhe devemos nem o ajuste dos rituais nem a espiritualização dos antigos usos que transforma em “especulativa” a Maçonaria dita “operativa”.

A transformação de uma confraternidade obreira em associação filosófica efetua-se progressivamente, na medida do declínio das antigas organizações corporativas. Atraindo os intelectuais, o mistério fez trabalhar os espíritos que conceberam uma Maçonaria cada vez mais moral e alegórica. Sob a influência de idéias generosas propagadas no século XVII, veio-se a não mais se interessar senão que pelo talhe de pedras humanas, à vista da construção de um Templo ideal abrigando uma Humanidade melhor.

¹⁶ Ordem de cavalaria, instituída pelo rei Eduardo III da Inglaterra (1312-1377) em 1348, que tem uma liga por distintivo. (N. da T.).

Semelhante revolução não pôde realizar-se sem crise. Chegou um momento em que tudo parecia comprometido. Na aurora do céptico século XVIII, a fé maçônica enfraquecia de ano para ano. Os fervorosos seguidores do velho culto obreiro viram seu número diminuir a tal ponto que, em 1716, a festa de São João Batista foi lamentavelmente celebrada pelos franco-maçons de Londres; o banquete tradicional não reuniu senão um punhado de convivas. A Maçonaria periclitava, mas seus últimos fiéis resolveram salvá-la, reavivando o zelo dos adeptos negligentes. Graças aos seus esforços, os convivas apresentaram-se em número conveniente no 24 de junho de 1717 ao redor da mesa ritualística.

Para obter esse resultado, a convocação percorreu quatro Lojas de Londres, cujos membros reunidos decidiram permanecer agrupados naquilo que eles chamaram de uma *Grande Loja*.

Essa inovação foi cheia de resultados inesperados. Até então, nenhuma autoridade central havia federado Lojas entre si; regida por tradições consideradas sagradas, a antiga Maçonaria jamais de se concedeu uma organização legislativa permanente... Não é mesmo verossímil que artesãos por longo tempo iletrados se fossem conformar, na alta Idade Média, a regimentos escritos. Os textos que nós possuímos emanam de Lojas particularmente importantes, como aquelas da catedral de Strasbourg que, em razão de seu caráter permanente e de seu prestígio, tornou-se o modelo de Lojas transitórias, nascidas de necessidades construtivas mais restritas. Um edifício, devendo ser terminado em tempo determinado, dava lugar à formação de uma Loja respondendo às necessidades da construção empreendida. Os construtores livres reunidos procediam a isso através de sua autoridade privada, sem pensar em pedir autorização a um poder maçônico governamental.

Tudo mudou a partir de 1717. A prática da arte de construir estando definitivamente abandonada, a nova organização inspira-se, não mais nos costumes e nas necessidades arquiteturais, mas no parlamentarismo inglês. O Grão-Mestre dos franco-maçons ingleses é erigido em monarca constitucional, e a Grande Loja, em Parlamento, reunindo-se trimestralmente para legiferar, quando então nada de análogo fora praticado anteriormente.

É legítimo, nessas condições, considerar que a Maçonaria moderna nasceu em Londres no início do século XVIII. Mas o que se desenvolvia sobre novas bases não se relacionava menos ao passado, ainda que duas tendências hajam permanecido em antagonismo no seio da Franco-Maçonaria. A preocupação em realizar um ideal de governo dominou a maioria dos Maçons, enquanto considerações de uma outra ordem correspondiam às aspirações da minoria. Pode-se dizer que uma corrente iniciática sempre circulou sob as ondas superficiais da associação, mas os

historiadores, nisso, ativeram-se à superfície, sem apreciar aquilo que se desenvolvia em profundidade.

Se seguirmos os cronistas, aprenderemos que a humilde assembléia de 1717 deveu resignar-se a confiar o grão-mestrado ao muito modesto Antony Sayer.

Em 1718, um cavalheiro bastante notável foi eleito na pessoa de Georges Payne; depois, chegou a vez do Dr. Théophile Desaguiliers, sábio de renome, filho de um huguenote¹⁷ de La Rochelle. Mas foi preciso que, em 1717, Sua Graça o Duque de Montaigne se dignasse em aceitar o grão-mestrado para que a Ordem dos Franco-Maçons fosse definitivamente consagrada diante da opinião pública inglesa. Daí por diante, tornou-se elegante cingir o avental, sobretudo quando o herdeiro do trono sacrificou-se ele mesmo à nova moda.

Não faltou mais à Instituição renovada senão que se fazer amplamente conhecer através da publicação de seus princípios fundamentais, de seus regramentos e de suas tradições legendárias. Possuíam-se antigos manuscritos góticos intitulados *constituições*; tratava-se de refundir esses textos para adaptá-los às necessidades modernas e deles extrair a carta fundamental da Franco-Maçonaria, tornada puramente moral e espiritual após haver renunciado a toda arquitetura material. Um pregador presbiteriano, *James Anderson*, foi encarregado desse trabalho, do qual resulta o *Livro das Constituições*, impresso aos cuidados da Grande Loja de Londres em 1723.

Os *Old Charges* (Antigos Deveres) aí têm o lugar mais importante. Seu artigo 1º foi redigido como segue:

No Concernente a Deus e à Religião:

Um Maçom é obrigado, por seu engajamento¹⁸, a obedecer à lei moral e, se ele compreende bem a Arte, não será jamais um estúpido ateu nem um libertino irreligioso. Ainda que, nos tempos passados, os Maçons fossem constrangidos, em cada país, a praticar a religião do dito país, qualquer que ela fosse, estima-se doravante mais oportuno não lhes impor outra religião senão aquela sobre a qual todos os homens estão de acordo, e deixar-lhes toda liberdade quanto às suas opiniões particulares, desde que eles sejam homens bons e leais, pessoas de honra e probidade, quaisquer que sejam as confissões ou as convicções que os distingam. Assim, a Maçonaria tornar-se-

¹⁷ Designação depreciativa que os católicos franceses deram aos protestantes, especialmente aos calvinistas, e que estes adotaram. (N. da T.).

¹⁸ Literalmente, por sua *tenure*, termo feudal que designa o pacto subscrito pelo detentor de um feudo. (Nota do Autor).

á o centro de união e o meio de estabelecer uma sincera amizade entre pessoas que, fora dela, teriam permanecido para sempre separadas umas das outras.

Esse texto representa a Franco-Maçonaria como uma associação de homens fazendo abstração das idéias que os dividem para realizarem uma aliança fraternal baseada na estima recíproca. Em lugar de visar à aproximação dos seres humanos através de sua conversão a uma crença única, os Franco-Maçons afirmam-se partidários da liberdade absoluta de consciência. Eles se proíbem qualquer inquirição a respeito da fé de outrem, para aterem-se à apreciação da moralidade daquele que solicita ser admitido entre eles. Ser bom, sincero, leal, honesto, respeitoso das leis torna-o admissível na Ordem universal da Franco-Maçonaria. O quadro da antiga corporação construtiva ampliou-se prodigiosamente, pois que a instituição renovada faz apelo aos homens honrados e probos de todas as religiões, de todas as nações e de todas as raças humanas.

Os *Old Charges*¹⁹ estipulam, com efeito:

O maçom é um indivíduo pacífico frente aos poderes civis em qualquer lugar que ele resida ou trabalhe; ele não deve jamais estar implicado em complôs ou conspirações contra a paz e a prosperidade da nação, nem se comprometer incorretamente à vista de magistrados subalternos, porque a guerra, o derramamento de sangue e as insurreições têm sido, em todos os tempos, funestos à Maçonaria...

Se algum irmão vier a insurgir-se contra o Estado, é preciso guardar-se de favorecer sua rebelião, ainda que dele tendo piedade como um infeliz. Se ele não for, aliás, culpado de algum crime, a leal confraternidade, — apesar de ter de desmentir sua rebelião, a fim de não atrair inspirar inquietude ao governo estabelecido nem lhe fornecer um motivo de desconfiança política, — não saberia excluí-lo da Loja, suas relações com ele permanecendo indissolúveis.

No concernente à conduta em Loja, diz:

Que vossas discórdias particulares ou vossas querelas não franqueiem jamais o umbral da Loja; evitai mais ainda as controvérsias sobre religiões, as nacionalidades ou a política, visto que, em nossa qualidade de Maçons, nós não professamos senão a religião universal mencionada mais acima. Nós somos de todas as nações, de todas as línguas, de todas as raças e, se nós excluimos toda política, é porque ela jamais contribuiu no passado para a prosperidade das Lojas e porque ela não contribuirá mais no amanhã.

¹⁹ Antigas Obrigações. (N. da T.).

As Pedras do Templo

Os princípios proclamados em 1723 pelo *Livro das Constituições* valeram à Franco-Maçonaria a adesão dos espíritos mais generosos da Europa. Esses princípios não eram absolutamente novos, e pensadores tais como *Comenius*²⁰ já os haviam formulado filosoficamente. Mas as idéias

²⁰ Jean Amos Komensky, dito Comenius, nascido a 28 de março de 1592, em Nivnitz, Moravia, e morto em 15 de novembro de 1670 em Amsterdam, foi, por seus escritos,

filosóficas não se propagam senão lentamente e em limites estreitos, porquanto elas se endereçam somente ao raciocínio; é-lhe preciso um veículo imaginativo para conquistar com rapidez o conjunto do mundo. Ora, a Maçonaria moderna herdou um carro triunfal sob a forma de tradições relacionadas à Arte Real.

Anderson não se explica a respeito dessa Arte misteriosa que praticam os Maçons, mas ele faz da *Arte Real* um sinônimo de *Maçonaria*. Estima-se, por conseguinte, que esta Arte, nobre por excelência, é aquela de viver com sabedoria, consciente das exigências e das leis da Vida. A Iniciação maçônica aparece assim como o ensinando a *Arte de Viver*, não à criatura vulgar abandonada às suas tendências inferiores, mas ao *Artista*, adepto da *Grande Obra Vital*. Ainda que límpida em seus princípios morais e em seu objetivo de fraternidade humanitária, a Franco-Maçonaria moderna permanece misteriosa naquilo que ela dá a adivinhar. Usando de símbolos e realizando ritos, ela mantém vivo o enigma de um passado prodigioso. Como Janus, ela parece olhar simultaneamente para diante e para trás, orientar-se em direção ao amanhã, para criar, inteiramente inspirada na experiência do passado mais remoto.

Seu sucesso foi rápido, muito rápido mesmo, ao nível de pensadores capazes de aprofundar todo o alcance da Arte Real. A Iniciação era liberalmente concedida a quem podia se dizer *nascido livre e de bons costumes*.

Essa fórmula faz alusão aos escravos e aos servos privados do direito de dispor deles mesmos. Na impossibilidade em que se encontravam de fazer uso de sua personalidade, eles não podiam ser admitidos a consagrar-se à Arte que quer que o artista lhe pertença sem reserva. Depois que todos os cidadãos nasciam politicamente livres, foi preciso ligar um sentido espiritual à expressão *nascido livre*.

Nascer para a liberdade implica numa liberação que se impõe ao sábio desejoso de participar da vida superior dos Iniciados. É em se eximindo de preconceitos vulgares e elevando-se acima das paixões mesquinhas que o homem escapa à escravidão intelectual e moral que o impedia de confraternizar sinceramente com os protagonistas de opiniões variadas, cujas idéias ele deve respeitar, com a condição de que eles sejam, como ele próprio, de *bons costumes*, ou seja, irrepreensíveis em sua conduta.

Uma certa preparação intelectual teria devido ser exigida de qualquer candidato à iniciação maçônica. Esse não foi o caso. Todo cavalheiro de bom nome e todo “homem honesto” do século XVIII estavam seguros de encontrar boa acolhida entre os Franco-Maçons.

um precursor da Franco-Maçonaria moderna. (Nota do Autor).

Estes últimos, de uma maneira geral, mostravam-se, de preferência, superficiais. O papel misterioso da Franco-Maçonaria escapava-lhes; também divertiam-se com o ritual e fantasiavam-se de Franco-Maçons de modo bastante pueril, sem nada aprofundar. Uma Franco-Maçonaria infantil difundia-se pelo mundo, atraindo muito mais adeptos, para que todos pudessem se dizer filosoficamente *nascidos livres*.

Foi impossível propagar de imediato uma Arte Real perfeita. Para preparar a humanidade, convinha preludiar com um jogo iniciático que não se dirigia primeiro senão que ao sentimento. Aproximar os homens, levá-los a conhecerem-se melhor, a estimarem-se e a amarem-se, suportando-se com bondade, tal foi o programa inicial da atual Franco-Maçonaria. Substituir pela *tolerância* esclarecida o fanatismo cego dos preconceitos e as prevenções marca a primeira etapa da Iniciação progressiva da humanidade nos mistérios da Arte Real

Não é ainda o Templo que se constrói, mas é o estabelecimento prévio de suas pedras nas profundezas da alma humana.

O Catolicismo

Aquilo que contribuiu amplamente para com o sucesso da Franco-Maçonaria foi o segredo de seus mistérios que instigava a curiosidade. As Lojas exerceram uma ação fascinadora sobre a sociedade brilhante do século XVIII no seio da qual se tornou de bom-tom fazer-se iniciar. A filosofia que reinava então nos salões teve sua repercussão nas oficinas maçônicas, onde se oferecia a ocasião de filosofar com toda liberdade, sob a égide de uma fraternal tolerância. Todas as convicções podiam ser expostas com polidez, provocando discussões corteses, com as quais se deleitava o intelectualismo então de guarda.

As primeiras Lojas fundadas em Paris a partir de 1725 não tiveram, de imediato, um caráter filosófico. De importação inglesa, a nova confraternidade

contenta-se, para debutar em França, com realizar cerimônias misteriosas seguidas de um agradável jantar. Enquanto foi assim, o governo de Luis XV não fez sombra ao gênero de divertimento lançado por senhores britânicos; mas, quando os súditos do rei vieram a reunir-se com elegantes conspiradores, o Lugar-Tenente de polícia interveio. Ele acreditou suficiente interditar aos hospedeiros manterem-se em Loja, mas os Franco-Maçons assumiram os riscos da multa e puseram à sua cabeça o Duque d'Antin, que gozava da consideração de todos (24 de junho de 1738). As perseguições permaneceram, assim, insignificantes em França, onde elas não contribuíram senão que para tornar mais picantes os divertimentos maçônicos; não se deu o mesmo em outros países, sobretudo, depois da excomunhão solene dos Franco-Maçons, lançada pelo Papa Clemente XII a 28 de abril de 1738.

Sua Santidade estava alarmado com o sucesso das sociedades *Liberi Muratori* ou de *Franco-Maçons* que compreendiam homens de todas as religiões e de todas as seitas “atentos em respeitar uma aparência de honestidade natural, ligando-se entre eles por um pacto tão estreito quanto impenetrável, submissos a leis e estatutos feitos por eles próprios, engajando-se através de um juramento rigoroso prestado sobre a Bíblia, e, sob as penas mais severas, a manter ocultas, por silêncio inviolável, as práticas secretas de sua sociedade”.

As censuras assim formuladas pelo Papa fizeram-lhe reunir com urgência, a 25 de junho de 1737, alguns cardeais e o Inquisidor do Santo-Ofício de Florença: a bula *In eminenti apostolatus specula* nasceu desse conciliábulo.

Humana e divinamente esclarecido, o Soberano Pontífice aí excomunga os Franco-Maçons e, por extensão, todo aquele que mantivesse com eles quaisquer relações. Ele parte do princípio segundo o qual as associações maçônicas “não fazendo o mal, não teriam por que manter esta aversão à luz”²¹. Depois, exprimiu-se como segue:

“Repassando em nosso espírito os grandes males que resultam ordinariamente dessas espécies de sociedades ou de conventículos, não apenas para a tranqüilidade dos Estados, mas ainda para a saúde das almas; considerando quanto essas sociedades estão em desacordo, tanto com as leis civis quanto com as leis canônicas, e instruído pela palavra divina a velar dia e noite como fiel e prudente servidor da família do Senhor, para impedir esses homens de penetrarem na casa como bandidos e devastarem a vinha como raposas, quer dizer, perverterem os corações simples, e, a favor das trevas, deixarem seus traços nas almas puras; para fechar a via tão ampla que daí se poderia abrir às iniquidades que se cometeriam impunemente, e

²¹ O chefe da Igreja esquecia-se de que os cristãos das catacumbas foram, eles também, acusados dos piores crimes em razão da prática de seu culto. (Nota do Autor).

por outras causas justas e racionais por Nós conhecidas, na opinião de muitos de nossos Veneráveis Irmãos os Cardeais da Santa Igreja Romana, e de nosso pleno poder apostólico, Nós resolvemos condenar e interditar essas ditas sociedades, assembleias, reuniões, associações, agregações ou conventículos chamados de Libera Muratori ou de Franco-Maçons, ou chamados por qualquer outro nome, como as condenamos e interdítamos por Nossa presente constituição que permanecerá válida à perpetuidade.”

É, a seguir, estipulado que os fiéis devem abster-se da menor relação com a Franco-Maçonaria, sob pena de excomunhão “pela qual ninguém, a não ser em caso de estar à beira da morte, poderá receber o benefício da absolvição da parte de quem não seja outro senão Nós mesmos ou o Pontífice Romano então existente”.

Para terminar, é prescrito ao clero fazer uso de seus poderes contra os transgressores como fortemente suspeitos de heresia. “Eles devem ser punidos com as penas que merecem e, quando necessário for, não se deve hesitar em requerer a intervenção do braço secular”.

Os costumes estando abrandados, a Franco-Maçonaria não teve seus mártires senão na Itália, na Espanha e em Portugal.

Em França, a excomunhão de 1738 permaneceu sem o menor efeito, do mesmo modo que aquela de 1751, lançada por Benedito XIV. O Parlamento de Paris havia recusado o registro desses atos de um soberano estrangeiro, que não deveria ter jurisdição sobre os súditos do Rei de França. O abuso das excomuniões desacreditaram-nas, aliás, mesmo aos olhos dos eclesiásticos esclarecidos. Assim se explica a participação muito ativa do clero francês do século XVIII, tanto secular quanto regular, nos trabalhos das Lojas. Os quadros de membros constituintes das oficinas da época comportam dignitários da Igreja, numerosos abades e monges, em particular, beneditinos²². É assim que um fervoroso católico, Joseph de Maistre, desafiou seu bispo sem remorsos de consciência, fazendo-se iniciar pela Loja “Aux Trois Mortiers”, em Chambéry, 1774²³. Os Franco-Maçons acolheram os padres com solicitude, freqüentemente mesmo isentando-os das provas

²² Ver *L'Etat des Loges existant en France en 1771*, publicado por Gustave BORD, p. 357 a 504 de sua *Franc-Maçonnerie en France, des origines à 1815*, Tomo I, Paris, Nouvelle Librairie Nationale, 1908. Ver também, em *L'Acacia* de junho de 1927, o quadro da Loja Saint-Jean-de-Metz. (Nota do Autor).

²³ Ver François VERMALE. *Etude sur la Franc-Maçonnerie savoisienne à l'époque révolutionnaire*, Paris, E. Leroux, 1912. — Georges GOYAU. *La pensée religieuse de Joseph de Maistre*, *Revue des Deux-Mondes*, 1º de abril de 1921. — Paul VULLIAUD, Emile DERMENGHEM, *La Franc-Maçonnerie*, memorial endereçado ao Duque de Brunswick por Joseph de Maistre, Paris, F. Rieder, 1925. (Nota do Autor).

ritualísticas, o sacerdócio conferindo, a seus olhos, uma iniciação equivalente àquela da Franco-Maçonaria.

A Revolução

Universalmente fiéis aos *Old Charges* de 1723, em toda parte aceitos a título de carta fundamental de sua Ordem internacional, os Franco-Maçons não desejavam, em parte alguma, no século XVIII, conspirar contra a autoridade civil ou atacar as crenças recebidas. Os soberanos que se fizeram iniciar a exemplo dado, a 15 de agosto de 1738, pelo futuro Grande Frederico, encontraram em seus Irmãos Maçons a mais sólida sustentação do trono.

Ainda que se divertindo por ocasião dos decretos policiais, os Maçons franceses respeitavam a realeza em seu príncipe, sem se dissimularem as fraquezas de um regime então abertamente criticado nos salões e na literatura muito mais que no seio das Lojas. Estas permaneciam politicamente mudas, absorvidas nos trabalhos ritualísticos e monopolizadas por discussões relativas às inovações maçônicas. Os ritos em concorrência multiplicavam-se e desviavam, pela polêmica, os Maçons de qualquer ação dita profana.

Uma igualdade de bom-tom, de forma alguma declamatória, praticava-se em Loja, onde nobres e plebeus confraternizavam, o aristocrata aí dando o exemplo de uma polidez que assimilava o plebeu. Sentindo-se *Pedra Bruta*, este último se desbastava, aprendendo a *polir-se* de maneira maçônica. Ninguém duvida que a aproximação das classes sociais efetuada sob o nível maçônico não contribuisse para com a preparação moral do sacrifício da noite de 4 de agosto de 1789. O abandono generoso dos privilégios nobiliárquicos foi então realizado pelos aristocratas imbuídos de princípios maçônicos. Nada havia, aliás, sido decidido em Loja no que concerne a esse evento, não mais que à vista de todos aqueles que se desenrolaram a seguir. Representar-se os Franco-Maçons como administradores tenebrosos do drama revolucionário é um erro absoluto. O testemunho categórico de Joseph de Maistre, sozinho, deve ser suficiente para o restabelecimento da verdade histórica²⁴. Na realidade, os Franco-Maçons, invadidos pela onda das paixões sublevadas, nada dirigiram de maneira oculta. Eles foram, em grande número, vítimas da desordem que suprimiu a Franco-Maçonaria em 1793, a título de instituição que não mais tinha sua razão de ser, pois que seu sonho de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade vinha de ser realizado, — acreditava-se, — sobre o terreno político.

Desconhecendo as leis que regeram o levante das massas e dos povos em seu formidável conjunto, espíritos superficiais puderam atribuir a conjurados um poder que escapa a todo grupamento de indivíduos. É absurdo imaginar conciliábulos secretos decretando a convocação dos Estados-Gerais e a Tomada da Bastilha, levando, através de seus agentes, Luis XVI a fugir, a fim de fazê-lo prender em Varennes e assim provocar sua condenação à morte, pronunciada muito tempo antes pelos Iluminados da Baviera.

As nações não estão à mercê de sociedades secretas, das quais os membros obedecem cegamente a superiores desconhecidos. Nenhum historiador consente em inclinar-se diante de um poder oculto, qualquer que ele seja, suposto capaz de desencadear deliberadamente crises nacionais. Os povos têm uma alma coletiva que reage à sua hora sobre os indivíduos e seus grupamentos. Ciclone psíquico, o turbilhão revolucionário arrasta todos os franceses, Franco-Maçons e outros, mas não com mais violência quanto àqueles considerados em seu conjunto. Se entre eles existiram energúmenos, suas excitações não arrastaram as Lojas que eles abandonaram para ir desencadear as paixões nos clubes. Ainda que fossem Franco-Maçons, não devem ser vistos como agentes da Franco-Maçonaria, porque, surpreendida pelos eventos que ela não havia de modo algum provocado, ela permaneceu desamparada. Pacíficos asilos de filantropia e de especulações humanitárias,

²⁴ *Obras*, edição Vitte, pp. 325-326, *A Franco-Maçonaria pura e simples, tal como ela existe ainda na Inglaterra, nada tem de mau em si, e ela não saberia alarmar nem a religião nem o Estado...* O autor dessa passagem acompanhou-a de perto por muito tempo; ele acrescentou à sua experiência aquela de seus amigos: jamais ninguém viu nada de mau nessa associação. (Nota do Autor).

as Lojas foram viradas pelo avesso pelos realizadores impacientes do programa revolucionário. A violência jacobina²⁵ lhes foi fatal; elas desapareceram; algumas, para sempre, outras, caindo num sono cataléptico do qual não puderam ser despertadas senão quando do retorno de uma relativa calma.

Mas, ao despertar, a composição das Lojas encontra-se profundamente modificada. A aristocracia emigrara, o antigo clero estava em parte laicizado, ainda que a burguesia republicana se tornasse preponderante no seio das oficinas maçônicas do Diretório. O entusiasmo por Bonaparte levou, a seguir, os Maçons do Império a divinizarem o herói do dia, mas, idealistas impenitentes, eles quiseram ver nele o grande pacificador, trabalhando para realizar a felicidade dos povos, em os reunindo num imenso império de paz.

A Restauração foi acolhida como a realização do mesmo ideal maçônico, tornado mais modesto, portanto, menos quimérico em sua aplicação. Sob todos os regimes, os Franco-Maçons mostraram-se partidários convictos da manutenção da ordem pública e não conspiraram jamais contra o governo.

À força de acusá-los falsamente de serem os inimigos do trono e do altar, veio-se, todavia, a criar-lhes uma reputação que repercutiu sobre seu recrutamento. Os resistentes galicanos²⁶ haviam tornado inoperantes, sob o antigo regime, as excomunhões fulminadas contra os Franco-Maçons; com a concordata, toda mudança em benefício da autoridade pontifical. Daí em diante, todo católico afronta a danação, fazendo-se iniciar, de onde a deserção das Lojas pelos crentes e a afluência de elementos voltairianos, livres-pensadores e anti-religiosos. Malgrado essa nova orientação, mais de uma Loja permaneceu fiel às tradições de tolerância religiosa, se bem que, até por volta de 1830, certos regimentos particulares previssessem missas a serem rezadas às custas da oficina, para o repouso das almas dos membros falecidos.

Desde o século XVIII, os Franco-Maçons, ainda que animados de sentimentos religiosos, inclinaram-se, é verdade, ao anticlericalismo que se manifestou então pelo horror aos jesuítas. Ora, quando todo o clero se pôs então a semear o ódio contra a Franco-Maçonaria, os atacados persuadiram-se de que o jesuitismo governava uma Igreja que propagava conscientemente a mentira. Disso resulta a mentalidade característica das Lojas francesas do século XIX. Faltos de serenidade de pensamento, os Franco-Maçons exaltaram-se numa ideologia oposta àquela da Igreja. Esse foi muito

²⁵ Jacobinos eram os membros de um clube político revolucionário fundado em Paris em 1789. (N. da T.).

²⁶ Partidários das liberdades da Igreja francesa. (N. da T.).

freqüentemente, em Loja, o triunfo da filosofia de Homais; alguns pretensos livres-pensadores se acreditaram mesmo na posse de uma verdade incontestável, pelo único fato de negarem obstinadamente tudo aquilo que ensinava o clero. Esse clericalismo às avessas não teve senão um sucesso limitado, mesmo durante a crise que transporta a luta para o terreno político.

Cara aos Franco-Maçons, a Terceira República deveu ser sufocada pela formidável coalizão dos partidos reacionários e clericais.

Os partidários da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade tiveram então de escolher entre aquilo que lhes surgia como seu dever de cidadãos e as prescrições de 1723. Diante do perigo civil manifesto, eles não hesitaram: a política militante suplantou a filosofia, e a Iniciação foi negligenciada. A Maçonaria, entretanto, não saberia negar-se a ela mesma; ela pôde esquecer-se de si, desviando-se momentaneamente de seu objetivo superior, mas ela para aí retorna necessariamente, pela força de sua constituição iniciática.

As circunstâncias impuseram à Maçonaria das nações latinas uma evolução particular, à qual germanos e anglo-saxões permaneceram estranhos. Disso resulta um desdobramento da instituição fundada em 1717, Londres dando um tom que não é aquele de Paris.

Não nos ocupamos aqui senão que da tendência latina.

O Retorno ao Simbolismo

Ainda que transformadas em parlamentos em miniatura, as Lojas francesas do final do século XIX não permaneceram menos fiéis aos usos maçônicos, os mais inveterados. Os hábitos de disciplina mantiveram-se. Para obter a palavra, o advogado de uma causa ultraprofana devia colocar-se “à ordem”. Um golpe de malhete impunha o silêncio, e os trabalhos continuavam a ser abertos e fechados segundo os ritos.

Em certas oficinas, é verdade, a tendência ao relaxamento acentua-se; vêm-se a simplificar exageradamente as formas tradicionais, a ponto de não mais dar aos velhos Maçons a sensação de se encontrarem em um ambiente maçônico. Isso foi ir além da medida, porque o Maçom, por pouco filósofo que ele seja, quer sentir-se Maçom. Se ninguém lembra ao adepto de que ele não é um profano, seu instinto maçônico revolta-se. É o que advém no seio das Lojas muito radicalmente modernizadas: sem ritos nem símbolos, elas figuram clubes profanos, que não tardam em fazer sentir que a Franco-Maçonaria não é simplesmente uma associação política ou uma vasta confraria exercendo a benevolência. Existe nela um lado misterioso que intriga e dá a refletir: são os ritos e os símbolos, sem os quais a Franco-Maçonaria se desvanece. Solicitando a atenção do iniciável, eles convidam-no a penetrar os *mistérios da Arte Real*.

Se é assim, estudemos o simbolismo, disseram-se alguns Maçons em 1887, preocupados em tornar a Franco-Maçonaria inteligível aos seus

adeptos. Socorrendo-se do ocultismo, da alquimia e da procura do esoterismo nas religiões e nos mitos, eles chegaram a decifrar os hieróglifos maçônicos. Seu primeiro cuidado foi o de redigir um *ritual interpretativo para o grau de aprendiz* que foi distribuído a todas as Lojas francesas em 1889. Contrariando as idéias aceitas, essa publicação não teve senão que um medíocre sucesso: o Rito Escocês tradicionalista julgou-a heterodoxa, e o Grande Oriente reformador aí não viu senão que uma crítica às suas inovações de 1886. Somente a Grande Loja Simbólica Escocesa quis bem aprová-la em seu espírito. Uma Loja ao menos se conformou à publicação, esforçando-se para justificar os ritos iniciáticos pela explicação sumária de seu significado.

Reconhecendo que não é bastante instruir verbalmente o recipiendário, segundo o antigo método, um *grupo maçônico de estudos iniciáticos* elabora um *Livro do Aprendiz* que se torna clássico. O manual e os seguintes *Livro do Companheiro* e *Livro do Mestre* são considerados atualmente como breviários maçônicos, ou seja, eles modificaram a mentalidade da elite intelectual dos Maçons latinos, porque traduções apareceram em italiano, em espanhol e em grego.

Graças a essas publicações, foi reconhecido desde então que o ensinamento iniciático se distingue do ensinamento profano pelo uso que ele faz dos símbolos. A ciência profana ensina-se com a ajuda de *palavras*, enquanto o saber iniciático não pode ser adquirido senão que à Luz de *símbolos*. É em si próprio que o Iniciado busca seu conhecimento (gnose em grego): discernindo sutis alusões, é-lhe preciso adivinhar aquilo que se esconde nas profundezas de seu espírito. Aquele que não entende senão *palavras* repete sua lição à maneira de um papagaio, sem fazer ação de pensador autônomo. Posto em presença de um signo mudo, o adepto empenha-se em fazê-lo falar: *pensar por si mesmo* é a grande arte dos Iniciados.

Os *Mistérios* que aprofundaram os sábios não são outros senão aqueles do Pensamento. Existiram pensadores anteriormente à formação de uma linguagem filosófica, permitindo exprimir em palavras as concepções abstratas do espírito. Quando então as palavras faltaram, o pensamento inspirou-se em objetos, formas e signos: assim nasceu o mais antigo modo de expressão dos pensadores que se dirige aos olhos de preferência que aos ouvidos. Nós fomos dele desviados, em nos deixando absorver pelas palavras. A Franco-Maçonaria abre-nos uma escola do silêncio; ela ensina a calar para escutar aquilo que fala misteriosamente no interior silencioso do pensador. Ninguém é *iniciado* pelo único fato de haver visto aquilo que pôde lhe ser mostrado; salvo quando aquilo que viu nada lhe disse, ele permanece *profano*.

Eis o que compreendem os Franco-Maçons da nova escola. Quantos deles estão eles no seio da Franco-Maçonaria? Pouco importa; o grão está semeado, a colheita virá em sua estação.

II Parte OS RITOS INICIÁTICOS

O Iniciável

Nem toda madeira é boa para fazer um Mercúrio²⁷, nem toda rocha fornece uma pedra conveniente aos construtores, nem todo aspirante à iniciação é *iniciável*.

Para pretender tornar-se Franco-Maçom, é preciso desejar a luz. Ora, nós não desejamos senão aquilo que nos falta; é, pois, necessário sentir-se nas trevas para experimentar a necessidade de sair delas.

²⁷ O termo “Mercúrio” aqui empregado quer significar a parte líquida que exsuda a madeira quando queimada. Trata-se de um princípio tradicional da Alquimia, que via todas as coisas como formadas por três elementos primordiais: o sal, o enxofre e o mercúrio, expressões estas que nada tem a ver com o emprego que usualmente se faz delas. (N. da T.).

Essa observação é mais importante do que parece à primeira vista, porque aquele que crê possuir a verdade não deseja procurá-la, do mesmo modo que o justo, satisfeito de sua virtude, negligencia seu aperfeiçoamento moral. É, pois, compreensível que o sábio desdenhe de fazer-se iniciar, porque, rico daquilo que ele sabe, não tem a solicitar uma instrução nova, como o crente, certo de suas crenças.

A iniciação dirige-se, pois, aos espíritos inquietos, àqueles que não satisfaz aquilo que puderam aprender. É preciso estar descontente de si mesmo, de seu saber e de sua sabedoria para aspirar mais. Quem adere a um intangível *credo* religioso, filosófico, científico ou político erra ao dirigir-se à porta do Templo. Ele não poderá comportar-se aí senão como intruso, se for admitido a franquear o umbral de um santuário voltado à procura de uma verdade estritamente imparcial, excluindo todo preconceito e toda doutrina formulada de antemão. A vocação iniciática encontra-se entre esses vagabundos espirituais que erram na noite, depois de haverem desertado de sua escola ou de sua igreja, faltos de aí encontrarem sua Verdadeira Luz.

As disciplinas do espírito têm sua razão de ser. Também convém que o crente inquebrantável em sua fé permaneça fiel à sua religião, que o filósofo, ancorado em seu sistema, dele reste prisioneiro, que o cientista atenha-se a suas concepções, que seitas e partidos, doutrinas e opiniões conservem seus adeptos. Não é a Iniciação que os disputa. Religiosos os laicos, os rebanhos humanos retêm os timoratos aos quais não atormenta nenhuma sede de independência; não é, pois, de emancipar-se aqueles que não saberiam passar sem tutela.

Quanto aos outros, eles se liberam deles mesmos, a fim de nascerem para uma liberdade que os autoriza a se dizerem *nascidos livres*. São eles que os Franco-Maçons reconhecem dignos de ser admitidos nas provas da Iniciação.

A fórmula tradicional *nascido livre e de bons costumes* não tem, infelizmente, sido compreendida em sua primeira parte. Ela deveu ser tomada literalmente na Idade Média, quando ninguém poderia contrair as obrigações da aprendizagem, se dependesse de um senhor feudal, dispondo legalmente de seus servos. Ser positivamente *nascido livre* era então condição indispensável para a adesão à confraternidade dos *Livres* Maçons. Nos tempos modernos, todo cidadão nasce livre; tem-se, pois, acreditado supérfluo insistir sobre a liberdade de nascimento, para não mais constatar que o estado de liberdade relativamente às obrigações que contrai um Franco-Maçom é: *seria ele livre para vir às reuniões e exercer seus deveres de iniciado?*

Preocupações de ordem prática têm assim feito perder de vista a liberdade espiritual que implica numa morte libertadora, conduzindo a um novo nascimento. Para dizer-se, de maneira iniciática, *nascido livre*, é preciso estar

liberto da escravidão profana. Enquanto ilusões nos mantiverem cativos, nós não gozaremos da independência necessária para procurar nossa livre orientação rumo à verdade. Prisioneiros da conveniência, daquilo que é passivamente admitido em nosso meio e em nossa época, nós não podemos nos associar aos espíritos emancipados que têm a ambição de descobrir por eles mesmos uma verdade que se recusam a aceitar de outrem.

No mundo profano, as igrejas e as escolas prometem a revelação de certezas que, para o Iniciado, permanecem ilusórias. Nós não sabemos nada de absolutamente certo, porque nenhuma de nossas suposições saberia ser estritamente adequada à realidade. Nessas condições, o pensador reflexivo distingue-se da massa que tem horror à incerteza; ela quer saber, a fim de ser fixada em suas representações mentais; ela ouve também qualquer um que afirme com segurança comunicativa. À massa, são necessários mestres aos quais ela possa se reportar, doutores retendo o dogma, reveladores proclamando o incognoscível.

Liberar-se da mentalidade dessa massa equivale a sair das fileiras de um rebanho: é renunciar ao clarão convencional que esclarece uma coletividade, para penetrar na noite a procura da *Verdadeira Luz*.

Ninguém se pode vangloriar de possuir essa clareza definitiva. A iniciação ensina a procurar, mas não pretende fazer dela dádiva aos Iniciados, que sabem se consagrar a uma procura que jamais tem fim. Resignados a perseguir incansavelmente um ideal de verdade que lhes escapará sempre, eles contrastam com as massas ávidas de certezas que as tirem da perplexidade. Isso é dizer que o Iniciado não saberia ser um pontífice, tendo resposta a todas as questões colocadas pela insaciável curiosidade humana.

A Iniciação não se dirige aos que se evadem de uma igreja, apressados em escolher uma outra. Miríficas doutrinas disputam entre si esses falsos emancipados que se contentam em mudar de tutela, com o risco de alistarem-se sob o estandarte de uma fé muito mais suspeita do que aquela de uma antiga instituição, oferecendo garantias históricas.

Em Iniciação pura, nenhuma teoria se expõe e nada é ensinado de maneira dogmática. As revelações sensacionais são de ordem profana. Aquilo que o Iniciado aprende, ele não pode descobrir senão nele mesmo. Sua instrução irá muito longe, se ele se iniciar realmente nos *mistérios da Arte*, isto é, se ele se tornar artista na Arte de pensar, essencialmente baseado sobre o imparcial discernimento do *verdadeiro* e do *falso*.

Esse discernimento é o grande segredo que ninguém saberia trair; ele se adquire pelo exercício, como a habilidade em não importa qual arte. Aprendei a pensar, e vós descobrireis tudo aquilo que vós sois capazes de compreender. Desejais trabalhar de acordo com um método experimentado,

baseado na experiência de um passado prodigiosamente antigo? Se a resposta for “sim”, batei à porta de uma oficina onde as tradições estejam conservadas. Vós não deveis ser admitidos senão se fordes *iniciável* na Arte dos pensadores, logo, se vós fordes capaz de procurar em vós mesmos uma verdade que não pode ser oferecida do exterior. Se existe uma sapiência comum a todos os Sábios, a Iniciação não pode ser dela senão que a detentora muda. Ela mostra imagens, cuja significação pede para ser adivinhada: quem não tem perspicácia permanece profano, a despeito da mais solene recepção cerimonial. Os iniciadores podem se enganar quanto à qualificação de um recipiendário que, em última análise, se julga a si próprio em presença do trabalho exigido dele. Se, — contrariamente às esperanças que ele havia feito conceber, — mostrar-se inepto para as obras do espírito, ele engrossará o número dos chamados que não são eleitos.

A APRENDIZAGEM

Os Metais

Para tornar-se Franco-Maçom, é preciso começar por despojar-se de seus metais. Aplicada em todas as Lojas, esta regra parece remontar a uma prodigiosa antiguidade, pois que, num poema babilônico, — que já passava por muito antigo há cinco mil anos, — a deusa Ishtar nos é mostrada constringida a depositar, sucessivamente, seus adornos, a fim de poder franquear as sete muralhas do mundo infernal e comparecer nua perante sua irmã, a temível rainha da morada dos mortos²⁸.

Que significa a renúncia aos metais? Vê-se aí o símbolo de um empobrecimento voluntário, porque se diz que os ricos não entram no Reino de Deus, o que, filosoficamente, se aplica aos afortunados da inteligência, satisfeitos daquilo que possuem e muito apegados aos seus bens para deles se desfazerem e trabalharem na aquisição de riquezas de valor mais efetivo. O metal brilha, ele deslumbra e presta-se às trocas, de onde o seu poder de

²⁸ Ver na Coleção *Symbolisme* nossa interpretação do Poema de Ishtar, tal qual nos foi conservado em seu texto assírio. (Nota do Autor).

compra que se estende até as consciências. É assim que o ouro e a prata fazem ofício de agentes de corrupção, enquanto o bronze e o ferro tornaram mais mortais as lutas entre os seres humanos. É surpreendente, nessas condições, que os antigos moralistas hajam lamentado saudosamente a idade anterior ao uso dos metais? Eles atribuíram aos metais todas as perversões, de forma que o retorno ao estado de candura, de inocência e de pureza fosse figurado em sua linguagem alegórica por uma renúncia aos metais.

O metal lembra, além disso, aquilo que é artificial e que não pertence à natureza original do homem; ele é o símbolo da civilização que faz pagar caro aos humanos as vantagens que ela proporciona. O civilizado ignora aquilo que perdeu; é preciso, todavia, que ele saiba disso, para reconquistar as virtudes primitivas. Ele nem sempre é tornado melhor pela instrução, e numerosos vícios, ignorados pelo selvagem, são nele desenvolvidos. Uma associação visando a melhora dos indivíduos e, através deles, a melhora da sociedade humana, deve esforçar-se para remediar as perversões consecutivas aos progressos das artes e das ciências.

Não se trata, todavia, de uma *reintegração* tal como entendem certas escolas. A conquista de um paraíso, análogo àquele do qual foi expulsa a humanidade primitiva, não é uma perspectiva do amanhã; não pode se tratar senão que do despertar de faculdades naturais, das quais a vida civilizada não exige mais o emprego. A perda dessas faculdades nos coloca em inferioridade, quando somos chamados a compreender outra coisa além de frases. Ora, como a sabedoria fundamental do gênero humano é independente dos modos de expressão de nossa época, é preciso, para iniciar-se nos mistérios desta sabedoria, começar por uma renúncia aos processos modernos, que nos levam a brincar com as palavras de cujo valor nós abusamos.

Os homens pensaram antes de possuir uma linguagem filosófica, antes de adotarem termos pesquisados, adaptando-se às concepções abstratas. Desde que sua inteligência despertou espontaneamente, eles foram levados a refletir sobre o mistério das coisas. Aquilo que lhes vem ao espírito, fora de toda sugestão anterior, merece ser procurado por nós, que aspiramos nos afastar dos erros acumulados, em meio aos quais nos debatemos. O primitivo não era um estúpido e, se nós remontarmos à fonte de sua inspiração, não poderemos senão admirar sua instintiva lucidez. É preciso que nos tornemos *lúcidos* por nossa vez, colocando-nos em condições nas quais, afastados de toda experiência convencional, nosso espírito reencontre sua original impressionabilidade receptiva.

Os simples enganam-se menos, em sua ignorância cãndida, que os soberbos em seu saber pretensioso. Descartes, em seu método, prescreve ao filósofo começar esquecendo-se de tudo aquilo que ele sabe, a fim de reduzir seu intelecto à *tabula rasa*. É uma ignorância querida que se torna o começo

do verdadeiro conhecimento; o despojamento dos metais faz alusão a esse empobrecimento intencional, graças ao qual o espírito, desembaraçado de todos os falsos bens, prepara-se para a aquisição de incontestáveis riquezas.

Um símbolo não vale senão por aquilo que ele significa; não é, pois, de tomar-se como trágica uma prescrição tradicional. O gesto ritualístico é apenas a imagem de uma operação mental que unicamente importa na realidade. Infelizmente, a materialidade do rito é suficiente para a maioria dos Franco-Maçons que, não havendo jamais sonhado em despojar-se de seus metais em espírito e verdade, excluem-se a si mesmos da efetiva Iniciação maçônica.

Não há lugar, no começo da Iniciação, para ver os metais sob os múltiplos aspectos de seu simbolismo. O programa iniciático é gradual. O estudo dos números prossegue normalmente, partindo da Unidade para chegar ao Setenário após uma preparação. Ora, os Metais-Planetas figuram as causas segundas, coordenadoras do caos. O Companheiro penetra-se das leis de sua ação para elevar-se ao Mestrado; quanto ao recipiendário, ele não irá além daquilo que sugere a deposição dos metais, vistos como fazendo obstáculo ao exercício das faculdades intelectuais que o homem possuiu em estado de natureza. Estas faculdades se manifestam por uma acuidade de percepção que fazia o primitivo adivinhar aquilo que o civilizado não chega a conceber. Tudo é símbolo para o espírito ingênuo posto em presença de fenômenos naturais: a criança possui o sentido de uma poesia que o adulto erra em desdenhar, porque a prosa está longe de reinar sozinha no universo. A revelação mais antiga e mais sagrada liga-se a idéias que nascem delas mesmas em intelecto virginal. Retornemos ao frescor original de nossas impressões, se aspiramos a nos *iniciar*. *Initium* significa *começo*; saibamos, pois, *recomeçar* para entrar na boa via.

A Descida aos Infernos

Para distinguir-se da multidão que permanece supérflua em sua maneira de pensar, convém aprender a meditar profundamente. Para esse efeito, o isolamento silencioso impõe-se, porque nós não podemos seguir o curso de nossos pensamentos, senão evitando aquilo que nos distrai; retirar-se para a solidão foi, pois, outrora, o primeiro ato do aspirante à sabedoria. Fugir do tumulto dos vivos para refugiar-se perto dos mortos, a fim de inspirar-se naquilo que eles sabem melhor do que nós, tal nos parece haver sido o instinto dos mais antigos adeptos da Arte de Pensar.

A deusa da Vida, a grande Ishtar, instruía os sábios por seu exemplo, quando, voltando seu rosto na direção do país sem retorno, ela renunciava aos esplendores do mundo exterior para penetrar nas trevas de Aralou. É preciso descer a si mesmo para iniciar-se. Os heróis mitológicos, cujas explorações subterrâneas nos são poeticamente contadas, foram Iniciados vitoriosos do ciclo das provas inelutáveis.

Na realidade, o Inferno dos filósofos não é outro senão o mundo interior que trazemos em nós. É o interior da terra, ao qual se reporta o preceito alquímico: *Visita Interioria Terrae, Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, frase cujas palavras têm por inicial as sete letras de VITRIOL. Esta substância devia levar o Hermetista a visitar seu próprio interior, a fim de aí descobrir, em retificando, a Pedra escondida dos Sábios. Trata-se de uma pedra cúbica que se forma no centro do ser pensante, quando ele toma consciência da certeza fundamental em torno da qual se realizará a cristalização construtiva do Templo de suas convicções.

Ao despojamento maçônico dos metais corresponde, em Alquimia, a limpeza do indivíduo, ao qual nada deve aderir que seja estranho à sua substância. Tomada tal precaução, o indivíduo é introduzido no *Ovo filosófico*, onde ele será incubado até sua eclosão.

Em Maçonaria, o Ovo hermeticamente fechado, onde o indivíduo é chamado a morrer e a decompor-se, toma o aspecto de uma cripta funerária dita *Câmara de Reflexões*. É de ordinário um espaço reduzido, organizado num porão, cujas paredes negras trazem, em branco, inscrições do gênero das seguintes:

Se é a curiosidade que aqui te conduz, vai-te.

Se temes ser esclarecido sobre teus defeitos, estarás mal entre nós.

Se és capaz de dissimulação, treme, serás descoberto.

Se te aténs às distinções humanas, sai; aqui não se reconhece nenhuma delas.

Se tua alma sente pavor, não vás mais longe.

Se perseverares, serás purificado pelos elementos, sairás do abismo das trevas, verás a luz.

Encerrado nesse lugar, o recipiendário despojado de seus metais senta-se diante de uma pequena mesa, em face de uma caveira cercada por duas taças, uma delas contendo sal e a outra, enxofre. Um pão, um cântaro com água e material necessário à escrita completam as ferramentas da cripta, onde o prisioneiro deve preparar-se para morrer voluntariamente.

As frases que pode ler e os objetos que surpreendem sua visão à luz de uma lâmpada funerária levam ao recolhimento. Se o recipiendário entra no espírito da *mise en scène* ritualística, ele esquecerá o mundo exterior para voltar-se sobre si mesmo. Tudo aquilo que é ilusório e vão apaga-se diante da realidade viva que o indivíduo traz dentro de si. No fundo de nós reside a consciência; escutemo-la. Que responde ela às três questões que se colocam ao futuro iniciado? Quais são os deveres do homem em relação a Deus, a ele mesmo e a seus semelhantes?

Deus é uma palavra que não poderia ser retirada da linguagem dos sábios, porque a inteligência humana se consome em esforços constantes para conceber o divino. Representações grosseiras tem tido lugar; no decorrer de inumeráveis séculos, chegaram idéias mais sutis, mas o enigma do *Ser* permanece sem solução. Nenhum pensador adivinhou a palavra *daquele que é*, e, quando hierogramas nos são propostos como solução, esses não são senão símbolos de um indecifrável Desconhecido. Deus permanece o “x” de uma irreduzível equação.

O aspirante à luz aí verá a tradução da homenagem rendida pelo homem àquilo que sente estar acima dele. Seria razoável atribuímo-nos o mais alto lugar na escala dos seres, a nós, miseráveis parasitas de um globo ínfimo perdido da imensidão cósmica? Somos menos que o grão de areia arrastado pelo vento que sopra numa praia. Se existimos, é em razão daquilo que repercute em nós: forças que estão tão pouco sob nosso controle que

nem mesmo as conhecemos. Perguntemo-nos, pois, com toda humildade, o que devemos àquilo que está acima de nós?

O simbolismo maçônico sugere que tudo se constrói e que a tarefa dos seres é construtiva. Um imenso trabalho se realiza no universo e o gênero humano dele participa à sua maneira. O dever do homem é, pois, trabalhar humanamente, cumprindo a tarefa que lhe é assinada. Isso equivale a dizer, em linguagem mística: meu dever em relação a Deus é o de conformar-me à sua vontade, à vista de associar-me à sua obra de criação que é eterna. Eu desejo ser o agente dócil, enérgico e inteligente do arquiteto que dirige a evolução e assegura o progresso. Tenho, em relação a mim mesmo, o dever de desenvolver-me pela instrução e aplicação ao trabalho; enfim, eu devo a meus semelhantes ajudá-los a instruir-se e a bem trabalhar.

Quando o recipiendário está assim orientado, ele liquida seu passado profano, redigindo seu testamento. Despojado de seus metais, ele não possui mais nada que possa legar. De que pode dispor então, a não ser dele mesmo e de sua energia ativa? Ele testa, renunciando aos erros passados, tomando irrevogáveis resoluções para o amanhã.

O sal e o enxofre da câmara de reflexões têm por que intrigar ao recipiendário entranho à Alquimia. Essas substâncias fazem parte de um ternário que se completa pelo *mercúrio*. Tudo, segundo o Hermetismo, compõe-se de enxofre, mercúrio e sal, mas estes três princípios fazem alusão:

- 1º. À energia expansiva inerente a toda individualidade;
- 2º. A esta mesma energia proveniente de influências ambientais que se concentram sobre a individualidade;
- 3º. À esfera de equilíbrio resultante da neutralização da ação sulfurosa centrípeta penetrante e compressiva.

O isolamento e a subtração às influências exteriores condenam à morte o indivíduo privado do enxofre mercurial que mantém a vida. Quando o enxofre queima num invólucro de sal tornado impenetrável ao ar que mantém o fogo vital, tende a extinguir-se, reduzido a incubar-se sob as cinzas salinas. Tal é precisamente o estado do recipiendário que sofre a prova da Terra; ele é enterrado no solo, como o grão chamado a germinar. É preciso que seu núcleo espiritual desdobre-se interiormente, tomando posse de sua caverna sulfurosa. Começamos por reinar sobre nosso Inferno, se quisermos sair para conquistar o céu e a terra²⁹.

²⁹ Nós não podemos aqui levar mais longe as explicações por nós desenvolvidas em uma obra específica: *Le Symbolisme hermétique dans ses rapports avec l'Alquimie et la Franc-Maçonnerie*. (Nota do Autor).

A Sublimação

Morrer é passar de um modo de existência a outro, porque nada se perde. A ciência moderna concorda nesse ponto com a intuição primordial da espécie humana. A semente morre como tal, quando sua crosta se rompe e uma planta nasce de sua substância. O recipiendário, ele também, deve morrer para as fraquezas profanas, nascendo para a vida iniciática. O nascimento é, para ele, o esforço pelo qual se libera daquilo que é inferior, a fim de poder lançar-se em direção ao céu da mais pura idealidade.

É em vista de sua regeneração espiritual que os heróis antigos desceram aos Infernos; mas não eram aí retidos, porque a força ascensional extraída das profundezas não tardava em transportá-los ao céu. O recipiendário, ele também, não se hospeda senão transitoriamente na matriz subterrânea onde se prepara seu renascimento. Ele não pode, todavia, sair de sua cela a não ser “nem nu nem vestido”, ou seja, abandonando uma parte de suas vestes. O uso prescreve, com efeito, colocar a nu o peito e o joelho esquerdo, assim como o braço direito. Convém, além do mais, descalçar o pé direito e colocá-lo numa alpargata, depois, o que é mais importante, vendar os olhos do recipiendário. Este não recebe nenhuma explicação enquanto as provas não forem sofridas; ele permanece desconcertado, entregue intencionalmente às suas conjecturas, aguardando a instrução iniciática que deve merecer.

O leitor adivinha que a região do coração é colocada a descoberto em alusão à absoluta sinceridade do recipiendário, do qual a manga direita da camisa é erguida em sinal de preparação para o trabalho. A nudez do joelho quer que, a isso se submetendo, ele entre diretamente em contato com o solo sagrado, que o pise, por sua vez, com o pé descalço. Mas por que o outro pé conserva-se calçado? É indispensável executar mancando os primeiros passos que conduzem à iniciação?

Paira um mistério sobre o rito do pé descalço. Sem a perda de uma das sandálias, Jasão não teria empreendido a conquista do Tosão de Ouro. O israelita que se recusa a desposar a esposa de seu irmão deve percorrer a cidade com um só dos pés calçado. Eliphaz Levi sugere que a preparação física do recipiendário lhe ensina a levar em conta a alternância das ações

mágicas. A toda corrente positiva intencionalmente acionada corresponde uma contracorrente negativa oculta; quando o profano se lança na ação, ele negligencia, muito freqüentemente, a reação fatal que prevê o Iniciado. Há muito que meditar sobre essa matéria.

Mas o cerimonial iniciático não comporta pausas, prestando-se ao recolhimento; ele desenrola-se teatralmente, um programa enigmático, desconcertante à primeira vista. O recipiendário deve resignar-se a não compreender imediatamente a significação do cenário que se desenrola em sua honra. Atém-se a se abandonar ao guia invisível que o faz sofrer as provas de olhos vendados.

Conduzido cegamente diante da porta do Templo, ele é convidado a aí bater. Antes de ser admitido, ele deve ser reconhecido como “nascido livre e de bons costumes”, ao mesmo tempo em que sinceramente desejoso de ver a luz.

Para entrar, ele se inclina profundamente, testemunhando seu respeito para com o mistério que ele ignora. Um orgulhoso não saberia penetrar senão como intruso no santuário da procura independente do verdadeiro; ele deve ser humilde para instruir-se: quanto mais consciência temos de nossa ignorância, melhor realizamos as disposições favoráveis à nossa instrução.

O recipiendário não se curva, todavia, senão que para endireitar-se com a legítima altivez do homem livre. Ele nada vê, mas, forte em sua lealdade, é sem temor. Quando uma ponta de aço toca-lhe à altura do coração, ele pode acreditar-se ameaçado pela vingança dos iniciados, no caso de trair sua confiança. Na realidade, o rito faz apelo à sua sensibilidade; é ao coração que se endereça a Iniciação, mesmo intelectualmente: são as verdades intimamente sentidas que nos colocam no caminho da luz.

Antes de o recipiendário prosseguir, questões lhe são propostas. Elas não deveriam visar senão que a dirigir sua atenção sobre o esoterismo do cerimonial iniciático. Os símbolos destinam-se a fazer pensar; eles têm uma significação muito vasta e muito profunda para que possam ser substituídos por palavras. O que caracteriza o Iniciado é que os símbolos não são mudos para ele; ele sente, no mais profundo de si mesmo, aquilo que os símbolos se esforçam por dizer-lhe, primeiro confusamente, depois com uma nitidez crescente. Eles obrigam-no a adivinhar, a tirar de si mesmo um ensinamento que não é mendaz, como o é, muito facilmente, aquilo que traduzem as frases.

Advertido do caráter emblemático dos usos maçônicos, o recipiendário empreende sua *primeira viagem* em torno do *quadrilongo* traçado no meio da Loja. O espaço central delimitado em forma de retângulo figura uma espécie de Santo dos Santos da Maçonaria. O pé descalço parece autorizado a aí

pousar ao longo da borda, à vista de uma santificação, tornando este pé sensível às influências terrestres, permitindo-lhe orientar-se em direção à região de onde provém a luz.

Esses detalhes merecem ser conhecidos, ainda que, na prática, se faça abstração de minúcias ritualísticas mais chamativas do que imediatamente instrutivas. As simplificações admitidas reduzem as peregrinações simbólicas a rápidas caminhadas, partindo do ocidente para o norte e reconduzindo do oriente para o meio-dia, a rota prescrita sendo aquela do Sol, guia daqueles que procuram a luz.

Quando o iniciado penetra o sentido misterioso dessas provas, lembra-se das florestas tenebrosas dos romances de cavalaria. Os monstros aí ameaçam o temerário que, vacilando a cada passo, deve vencer mil dificuldades para chegar aos campos ensolarados de seus sonhos. Para os maçons, a luz é contida no Ocidente pelos objetos que caem sob nossos sentidos. Partimos daí para nos dirigir ao Oriente, cuja claridade nos ajuda a compreender. Quanto mais o espírito está ávido de compreensão, mais se entrega às suposições casuais, às hipóteses falaciosas, caminhando assim através das trevas brumosas do setentrião. Chegado ao Oriente, vangloria-se de haver percebido a razão dos fenômenos ocidentais. Orgulhoso de sua filosofia, ele retorna ao Ocidente pelo caminho do meio-dia, que o conduz sobre uma planície queimada, onde o raciocínio se exerce sem piedade, ambicioso de tudo explicar. Não escutando senão sua lógica, o raciocinador elabora um sistema que o satisfaz: isso equivale à ascensão simbólica a uma montanha, no cume da qual a vida espiritual estende-se sobre todo domínio terrestre... Satã não intervém senão que para tentar o filósofo, prometendo-lhe o império do mundo, mas o orgulho espiritual chama uma catástrofe. O vento da crítica eleva-se; ele não tarda em soprar como tempestade: o granizo se abate, a torrente ronca e turbilhões furiosos arrancam do solo o audacioso ascensionista. Projetado através *do Ar*, ele cai na planície das constatações objetivas, onde o recebem braços que amortizam sua queda.

Visto a rapidez da iniciação cerimonial, o ritual em uso nas Lojas renuncia sabiamente a toda instrução esotérica; tudo se limita a interpretações indicativas elementares relacionadas ao alcance moral das provas. Muitos maçons se atêm infelizmente às migalhas verbais que puderam recolher e, não refletindo mais adiante, param no texto que lhes foi lido:

Essa primeira viagem é o emblema da vida humana; o tumulto das paixões, o choque dos diversos interesses, a dificuldade dos empreendimentos, os obstáculos que multiplicam sob vossos passos as correntes que se empenham em vos prejudicar e sempre dispostas a vos desencorajar, tudo isso está figurado pela desigualdade do caminho que haveis de percorrer, assim como pelo ruído que se faz em torno de vós.

Vós entrastes numa senda difícil e eriçada de asperezas; vós escalastes com esforço uma montanha do cume da qual seríeis precipitados num abismo, se um braço protetor não vos houvesse sustentado.

Isso significa que, no mundo, se nos damos freqüentemente muito trabalho para atingir uma posição que, finalmente, não reserva senão ruína e decepção.

Para o iniciável que retorna das profundezas onde o espírito se encontrou em presença dele mesmo, não está aí senão um início de perseverantes meditações. Por reação equilibrante, a descida concentradora levada ao extremo suscita uma equivalente expansão ascendente. Aquele que desceu aos infernos obterá escalar o céu; ao sair de si, ele vai distender-se até a contemplação do Todo exterior, mas a vertigem mental provoca então a queda sobre o terreno da objetividade.

O Batismo Iniciático

Para encontrar seu equilíbrio entre dois extremos, o místico deveu descer até o fundo do abismo da reflexão, depois, elevar-se, por contraste, até os limites do concebível. Retornando das profundezas e caindo bruscamente das alturas atingidas, o aspirante à sabedoria toma pé sobre o solo médio, aonde deve desenvolver sua atividade.

É uma vasta planície onde se livram incessantes combates, como se se tratasse do terreno de luta pela vida material. O recipiendário, cujos olhos permanecem vendados, não percebe, na realidade, senão um tilintar de armas que sugere a idéia de duelistas esgrimindo sem resultado. A *segunda viagem* parece, pois, fazer alusão a outra coisa que aos combates “que o homem é forçado a sustentar para vencer suas paixões”.

Essa interpretação oficial é muito manifestamente insuficiente para que um espírito reflexivo possa aí se deter. Os gladiadores da arena da vida humana não se ferem entre eles e contentam-se em fazer um ruído atordoante. Eles representam as opiniões em conflito, das quais os campeões discutem com pura perda, opondo-se argumentos tirados de palavras mal compreendidas. Os espíritos superficiais, que não desceram às profundezas, deixam-se iludir pela sonoridade das frases e tomam partido. As contestações interessam-nos, e eles aí se detêm, porque não souberam elevar-se bastante alto para apreciar a mesquinha das querelas que dividem os homens.

Quem pára para tomar partido prova que sofreu mal as duas primeiras provas; ele não atravessou o plano da disputa e não atingiu a margem do rio que o limita.

Esse largo curso d'água escoia em turbilhões. Ele figura a opinião geral que arrasta os pensadores fracos, incapazes de autonomia intelectual, ainda que conservassem sua independência em relação às escolas apaixonadas, a sustentar, cada uma, sua tese. A *prova da água* constrange o místico a nadar, resistindo à corrente do rio. Se se deixar arrastar, não atingirá nunca a margem do deserto que se estende para além do Jordão.

O nadador vitorioso alcança a margem do alto da qual o filósofo desiludido contempla o campo do conflito dos erros humanos que o separa do rio atravessado. Numerosos são os intelectuais que, satisfeitos com a vitória, ficam pelo rio, não indo mais longe. O frescor lhes convém e, em seu peripatetismo ribeirinho, lamentam a cegueira dos homens, felicitando-se por seu discernimento superior. Sofreram mal a prova, se a água não os lavou das máculas da alma e permanecem acessíveis à vaidade. O frio raciocinador não possui senão que uma sabedoria negativa: ele denuncia os erros humanos, mas sua crítica destrutiva não tem o poder de construir. Sua imaginação está purificada, nenhuma miragem falaciosa aí se reflete; mas é um espelho turvo que não mostra os contornos da Verdade. O rio da vida retém os filósofos que se divertem em dissertar sobre as enfermidades humanas. Brilhantes literatos, eles pregam uma bela sabedoria teórica, mas não semeiam senão frases. Não contribuem senão muito indiretamente para a regeneração da humanidade que eles lamentam em suas fraquezas.

A Prova do Fogo

Ao sair da água que purifica exteriormente, o místico aborda uma margem de árida solidão. Separado dos vivos pelo discernimento de suas ilusões e de seus erros, ele pode, em sua lucidez que não é ingênua de nada, ater-se ao seu desencanto erigido em sistema. Desencorajado dele mesmo, ele desencoraja então outrem e, cativo do rio que corre em ondas cambiantes, ele pára no caminho de sua iniciação.

Mas, se estiver destinado a prosseguir, o deserto exercerá sobre ele sua tração; ele aí adentrará sem recuar perante um sol tornado cada vez mais ardente sob seus passos. O calor que o invade pode torná-lo saudoso da frescura reconfortante do rio ao qual ele voltou as costas. Ele é livre para voltar atrás, sobretudo quando surgem chamas do solo e ameaçam cercá-lo. Se hesitar, será muito tarde; um círculo de fogo o envolverá, e ele mesmo terá decidido sua sorte: terá desejado ser queimado.

Desta vez, não será mais simplesmente em seu exterior e em seu ambiente psíquico que ele será purificado; o fogo espiritual que o vai penetrar destruirá nele todos os germes de mesquinharia e de inferioridade. A purificação integral acaba a transmutação do recipiendário: aquilo que era profano deve, doravante, permanecer morto nele; e ei-lo regenerado integralmente no sentido rosacrucianista: *Igni Natura Renovatur Integra*. Tendo sido purificado pela Terra, pelo Ar, e pela Água, o místico é renovado pelo Fogo.

Ao batismo pela Água sucede aquele do Fogo ou do Espírito Santo. Ora, como Shiva, o Fogo iniciático não mata senão que para vivificar. Ele é o universal animador e distribui, a esse título, o calor ativo do Amor. Se a prova do Fogo não acender no coração um ardor generoso que invada de um modo permanente toda a personalidade, é porque não foi senão fictamente sofrida. Uma faísca do universal *Fogo Sagrado* dorme em cada um de nós; ela nos anima à vista da tarefa que nos incumbe, mas não acende muito freqüentemente em nossa lanterna senão que uma pobre chama vacilante, iluminando com parcimônia o caminho de nossa honesta existência. Para

comportar-se como simples homem de bem não é indispensável, com efeito, afrontar as provas da Iniciação; mas quem ambiciona trabalhar superiormente e ultrapassar o dever banal deve fazer prova de nobreza de alma e de corajosa abnegação. O indivíduo não é nada por ele mesmo, senão um começo daquilo que pode se tornar. É livre para permanecer inerte, adormecido, frio, inativo. Se não quiser vibrar, estará à vontade para retirar-se da vida agitada e suicidar-se pela abstenção. Eis aí um ideal que é preconizado no Oriente; esse não é aquele da Iniciação nos mistérios da Arte Real. A Realeza proposta é aquela do espírito ativo, eternamente ativo. Para participar disso, é indispensável querer o bem com um fervor que faça o indivíduo entrar em vibração com o ritmo criador. É preciso que o homem se divinize, querendo e amando como um Deus, para que efetivamente ele seja colocado na posse do *Fogo Sagrado*.

As provas maçônicas, tais como elas são colocadas em cena no seio das Lojas, podem parecer ridículas aos profanos, como todos os atos simbólicos vistos em sua exterioridade. Por pobre que possa ser sua dramatização material, elas aludem, em seu esoterismo, aos mistérios mais formidáveis da tradição iniciática. Quem as sofre *em espírito e em verdade* torna-se um *real Iniciado*. Quanto àquele que as evita, ele permanece *profano*, a despeito de todos os conhecimentos que possa ostentar, a despeito mesmo dos milagres que saiba realizar. Paulo exprime-se como Iniciado, quando escreve aos Coríntios:

Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e mesmo aquelas dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

E ainda que eu tivesse o dom da profecia, que eu conhecesse todos os mistérios e possuísse toda sorte de ciência, que eu tivesse toda a fé que se possa ter de maneira tal que transportasse as montanhas, se eu não tivesse a caridade, nada seria.

E ainda que eu distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse a caridade, nada disso me aproveitaria.

.....

Quando tudo perece, três coisas permanecem: a fé, a esperança e a caridade; mas a mais excelsa dessas virtudes é a caridade.

Na ordem profana, estimáveis resultados podem ser obtidos com sangue-frio, através da aplicação judiciosa das forças disponíveis; é o caso das obras de detalhe às quais se entregam os homens. Mas existe uma *Grande Obra* eterna e global que não é realizável senão pelo Amor. É preciso

amar para trabalhar divinamente; para criar, coordenar do caos e transmutar o mal em bem. Quem não arde verdadeiramente de afeição por outrem não é senão um miserável obreiro, para sempre incapaz de operar o menor milagre da Arte. Se ele não souber amar, não realizará senão uma pobre tarefa mercenária; ele não se elevará acima da profissão, senão amando o trabalho para a ele entregar-se com a abnegação do amor. Se assim é no domínio das múltiplas ocupações humanas, — porque todas se transformam desde que um nobre sentimento as inspire, — que dizer do Trabalho espiritual superior ao qual se consagram os Iniciados?

Na qualidade de Franco-Maçons, os purificados efetivos espiritualizam a Arte de construir, adaptando, à Grande Obra construtiva de uma Humanidade melhor, as regras tradicionais da antiga arquitetura sagrada. Ora, as catedrais, construídas pelos predecessores dos adeptos atuais do esquadro e do compasso, são obras de amor, onde cada pedra foi talhada com o mesmo fervor afetuoso, para edificar o Templo humanitário, cujos construtores são eles mesmos os materiais. Se o Amor verdadeiro, intenso e profundo não for nosso estimulante e nosso guia, nós nos debateremos em pura perda.

O Cálice da Amargura

A vida não é cruel para quem a começa entre os vivos. Mimada por sua mãe, a criança não manifesta senão a alegria de viver; do instinto, ela reivindica seu direito à vida, que parece não lhe ser dada senão para permitir que goze dela sem reservas. A juventude ensina, todavia, que nem tudo é encanto na vida que está longe de nos ser outorgada gratuitamente. A necessidade, para cada um, de ganhar sua vida não tarda a se impor. A despreocupação infantil não dura senão um tempo, porque, rapidamente, a vida nos instrui de suas rudezas e, desde que nos tornemos fortes, ele exige que aprendamos a suportar as durezas da existência: mostrar-se covarde diante da dor é confessar-se indigno de viver.

A Iniciação, — ensinando a *Arte de Viver*, — concebeu torturas infligidas a título de provas no curso das iniciações primitivas. A resistência à dor física não se impõe mais no mesmo grau na vida civilizada, pois o místico moderno não está mais exposto ao menor tratamento cruel; todavia, ele deve esvaziar certo cálice que lhe é apresentado.

Ele não contém nem veneno nem droga que provoque perturbações psicofisiológicas, mas água fresca e pura, reconfortante para o neófito que acaba de sofrer a prova do fogo. É a beberagem da vida, doce como o leite materno para quem experimenta seus primeiros goles. Mas de que maneira tal líquido se torna subitamente amargo, para voltar depois à sua primitiva doçura, quando o bebedor se decide a esvaziar até o fim o cálice fatal? Beber, malgrado a amargura, é aceitar estoicamente os rigores da vida. O hábito nos alivia as penas e as dores que aprendemos a suportar. Quando o sofrimento nos torna fortes, a amargura se nos faz doce, pois que ela nos confere vigor e saúde, temperando nosso caráter.

Os ritualistas superficiais imaginaram uma sorte de julgamento de Deus relacionado ao juramento do Iniciado, a amargura a fazer alusão ao remorso que dilaceraria seu coração, se ele se tornasse perjuro. Outros se contentam em dizer: “Essa bebida, por sua amargura, é o emblema das aflições

inseparáveis da vida humana; a resignação aos decretos da Providência unicamente pode abrandá-las”.

A lição é menos elementar. O místico purificado leva aos seus lábios o cálice do *Saber Iniciático*, no qual sua inteligência abebera-se de uma nova vida, isenta das brutalidades profanas. Concebendo uma existência de doçura em meio a irmãos que sonham apenas em ajudá-lo em todas as coisas, o neófito sente-se feliz e satisfaz-se com uma água deliciosa; a reflexão, porém, revela-lhe as responsabilidades que ele assume em razão de seu avanço espiritual. O ignorante que não compreende o sentido da vida pode abandonar-se ao egoísmo; vivendo apenas para si, ele não se coloca a serviço da Grande Obra, e nada há a se lhe reprovar, se, respeitando os outros, ele leva uma honesta existência profana. De outro modo exigente mostra-se a vida iniciática: ela impõe o devotamento, o esquecimento de si, a constante preocupação com o bem geral. A preocupação com o outro angustia a alma generosa que sofre as misérias humanas; querendo aliviá-las, o filantropo expõe-se a não ser compreendido. Seus conselhos são mal interpretados; a multidão imputa-lhe todas as calamidades. Ele é então maldito, perseguido, no mínimo, cruelmente desprezado: é a amargura que ele bebeu a grandes goles.

A ingratidão incompreensiva não saberia, porém, desencorajar o Iniciado; ele a prevê, e nem por isso prossegue menos com sua obra de abnegação. A calúnia não o alcança; ele se fixa com perseverança na realização do bem. Que lhe importam as gritarias maldosas e as críticas injustas? Sem cessar preocupado em fazer o melhor, ele aperfeiçoa seus métodos, tudo isso tirando partido da ingratidão de sua tarefa. Seu heroísmo encontra sua recompensa: vivendo para o bem, o sábio vive no bem. A cólera dos maldosos não o atinge mais, porque ele se eleva acima do mal cometido por outrem.

O ser que entra na vida contrai com esta um pacto que comporta encargos. Quem pretende não retirar da vida senão encantos não tem consciência das obrigações contraídas; recriminações, temores, cóleras contra os rigores da vida testemunham incompreensão. A vida é maternal e quer que nos tornemos fortes, de onde seus processos educacionais, contra os quais somos estúpidos ao nos revoltarmos. Sejamos bons escolares, aplicados em aproveitar as lições da vida. Armados de valentia, afrontemos dor, decepção, martírio, não temamos nada e caminhemos com firmeza diante daquilo que nos espera. Essa tática fará muitas vezes recuar o inimigo, assegurando-nos a vitória sem combate. A coragem ameniza as dificuldades: dar provas dela, nesta vida, é, na convicção dos fiéis de Ishtar, merecer o amor da deusa que não se dá senão aos valentes. Para ser amado pela vida, não é bastante se deixar fascinar por seus encantos; ela não se liga senão aos heróis que por ela afrontam a amarga luta pela existência e consagram-se à realização de grandes coisas. Já que a vida se identifica com o trabalho,

amar dignamente a Vida é amar o Trabalho e trabalhar com zelo por amor aos vivos.

Seguremos com firmeza o cálice da amargura, decididos a esvaziá-lo até o fim: nós assim teremos a surpresa de fazer retornar à sua primitiva doçura a beberagem da vida.

Fazer o Bem

O místico que esvaziou o cálice simbólico aceita a vida iniciática com suas inelutáveis durezas. Ele deseja esclarecer-se à vista de agir utilmente no interesse da melhora da sorte dos homens. Qual é, desse ponto de vista, sua tarefa imediata senão que a de socorrer os vencidos pela vida? O infortunado que não pode bastar-se a ele mesmo tem direito ao socorro, e o Iniciado nas leis da vida torna-se seu devedor. A vida é geral em sua essência; existe solidariedade entre todos os vivos, tanto que é impossível *viver bem* individualmente, sem se importar com os sofrimentos de outrem. O verdadeiro *saber-viver* considera a vida como uma corrente que não pode ir senão que do positivo ao negativo, logo, do rico ao pobre, do forte ao fraco e do inteligente ao simples de espírito; unicamente as trocas vitais tornam a vida ativa, e, assim, verdadeiramente viva e digna de ser vivida.

A vida não é preciosa senão se for sã. Ora, no organismo, as células são solidárias; aquelas que sofrem entram o vigor das outras. O que é verdade no microcosmo individual não o é menos no macrocosmo humanitário. Se a doença não encontra nenhum obstáculo, ela se difunde, abatendo regiões e povos inteiros. O dever é, pois, lutar contra o mal em toda parte onde a ocasião para isso se apresenta.

O menos difícil é contribuir materialmente para o consolo dos infortunados que possam ser socorridos. As religiões do trabalho têm, desde os tempos mais recuados, imposto aos seus adeptos a obrigação de assegurar a existência das viúvas e dos órfãos da confraria. O velho tornado fraco não estava mais abandonado; ele recebia cuidados convenientes e sabia que funerais honrosos lhe estavam reservados. Os Maçons modernos não quiseram se subtrair a esses tradicionais encargos sagrados; também cada Loja mantém seu tronco de solidariedade, sem prejuízo das contribuições a caixas de socorro e outras obras de caridade: orfanatos, asilos, etc.

O neófito realiza sua primeira ação maçônica associando-se à beneficência coletiva por uma doação proporcional aos seus meios; ele deposita discretamente seu óbolo no tronco cuja circulação fecha obrigatoriamente toda reunião de Franco-Maçons. Assim o ritual parece

receber satisfação, quando, na realidade, suas exigências vão muito mais além.

Bebendo da *água da vida*, o adepto torna-se taumaturgo curandeiro. Ele assimila uma vida exterior a sua e dispõe de um acréscimo de energia vital. Isso pode ser entendido fisiologicamente, porque a transfusão de vida de um indivíduo para outro não é uma quimera. Os antigos sabiam curar pela imposição das mãos, e os discípulos atuais de Mesmer encontraram seu segredo. Mas o agente curativo é um fluido magnético emanando do corpo humano ou uma vibração a serviço da vontade? O grande arcano da arte medicinal não residiria, desde a origem, no fervor com o qual o curandeiro aspira a curar o doente? Curas foram obtidas em todos os tempos através de meios dos quais a ciência médica esclarecida sorri, ainda que reconheça, todavia, que um medicamento sem virtude intrínseca pode tornar-se o ponto de apoio de uma ação psíquica eficaz.

Nessas condições, é suficiente vibrar com um intenso desejo de consolar outrem, para intervir de modo caritativo, às vezes com sucesso manifesto. Nenhum bom sentimento se perde, e nossa compaixão ativa ajuda, ao menos, o doente a melhor suportar o seu mal, quando uma melhora temporária ou definitiva não é obtida. Não se trata de condenar aqui a medicina profana, e impedir-se de a ela recorrer; a Iniciação, porém, ensina a curar, porque a realização da *Grande Obra* corresponde à prática da *Medicina Universal*. Esta medicina é miraculosa, pois, procedendo da alma, ela age sobre a alma e sobre o corpo por intermédio da primeira. Ela se aplica, de preferência, à cura do mal moral e não exige, para ser exercida, senão uma sã inteligência acrescida de uma bela riqueza de coração. Amemos com toda nossa alma e desejemos socorrer através todos os meios que a nós se oferecem: a inspiração fará o resto.

Se o místico permanecesse indiferente, desdenhoso de outrem em seu intelectualismo falsamente esclarecido, ele não participaria da vida superior dos Iniciados: suas provas seriam ilusórias e ele se condenaria a uma existência falsa. Entrincheirando-se na solidariedade vital, ele se comportaria no organismo como um abscesso ou um quisto. *Tornar-se bom* deve ser a preocupação ao mesmo tempo primeira e constante do neófito, porque toda Iniciação se edifica sobre a melhora perpétua de si mesmo.

Ora, podemos nos exercitar na bondade através de atos de generosidade que não devem se limitar a sacrifícios materiais: dar do supérfluo é bom; mas o pobre que recebe é capaz de dar com usura, se sua gratidão efetiva tornar-se psicicamente operante. Aquele que é rico em vitalidade pode comunicar sua energia aos deprimidos. Ninguém é incapaz de fazer o bem sob uma forma ou outra; não há deserdado que não possa dar, ao menos, um bom exemplo, suportando seu infortúnio. Se um vem em auxílio dos pobres através de doações materiais, outro socorre os indigentes

espirituais, instruindo-os. Um bom conselho vindo a propósito torna-se inestimável, mas o maior serviço não nos é prestado por quem nos coloca a caminho da descoberta do verdadeiro?

Iniciar aos iniciáveis é um dever sagrado para quem, saído das trevas profanas, entra na senda da luz. Nada é mais precioso que a sabedoria; também o supremo dever de caridade nos obriga a esclarecer-nos reciprocamente.

O Juramento

Quem se aplica a fazer o bem atrai para si a clareza que ilumina a inteligência.

Existe um pacto em iniciação: consagrando-me ao bem, tenho direito à verdade e não serei enganado, se eu permanecer fiel às obrigações contraídas em relação à minha conduta.

Mas a que devo obrigar-me para merecer a luz? O ritual responde pela fórmula do juramento que presta o recipiendário. Este último promete três coisas: 1º — observar a disciplina do segredo; 2º — amar seus irmãos; 3º — submeter-se à lei.

O iniciado deve calar-se, porque ele se tornaria culpado de traição, divulgando aquilo que lhe foi confiado sob o selo do segredo. Por insignificantes que possam ser, em si, certas convenções, elas tornam-se sagradas, se uma associação as adota como procedimento de reunião. O homem honesto respeita todo segredo que não é seu, ao mesmo título que a propriedade de outrem.

Mas o silêncio que observam os iniciados não alcança unicamente aquilo que aprenderam quando de sua iniciação cerimonial: eles devem diferenciar-se dos tagarelas profanos, apressados em espalhar seu saber superficial. Aquilo que o pensador concebe por si mesmo é dificilmente exprimível; ele experimenta o pudor diante da nudez de seu pensamento e respeita a castidade da verdade surpreendida no fundo do poço do intelecto.

O sábio não fica jamais satisfeito com aquilo que ele percebe sem suficiente nitidez; ele esforça-se para bem distinguir antes de falar, de onde sua discreta reserva.

Interrogado, ele responderá por enigmas, símbolos ou similitudes, porque não quererá trair a verdade, vestindo-a para que se torne apresentável. Também, na verdadeira Iniciação, nada de doutrina imutável, nada de dogmatismo comunicável oralmente: imagens, símbolos, gestos acompanhados de um mínimo de palavras: a *Arte de Viver* ensina-se pela prática, porque a vida não se fala: ela se vive.

Havendo jurado provar seu amor pelo próximo, socorrendo-o segundo suas faculdades, o neófito obriga-se a preencher as condições que tornam

sua iniciação efetiva. Ele permaneceria *profano*, a despeito de tudo aquilo que pudesse aprender, se faltasse à caridade, sem a qual o pretense sábio nada é. Viver sem amor não é viver. Nós não vivemos verdadeiramente senão na medida em que sabemos amar.

A submissão à lei impõe-se a quem aceita viver, pois que a vida de todo ser é subordinada a um modo mais extenso de existência. Toda autonomia vital é um microcosmo no seio do macrocosmo, logo, uma ordem participante de uma coordenação mais geral. Quem quer que pretenda *bem viver* deve aplicar-se a vibrar de acordo com o ritmo da harmonia ambiente. As leis arbitrárias que os homens formulam, as regras que se impõem à vista de coordenar sua atividade não serão jamais, da parte do Iniciado, objeto de desdém, ainda que só a *lei da vida* tome a seus olhos um caráter plenamente sagrado. Ele dará sempre exemplo de disciplina, mesmo quando a imperfeição das regras impostas não lhe escapar. Sem acordo, nenhuma vida é possível; o estado de perturbação marca a passagem de uma ordem defeituosa para uma melhor coordenação. Por sua influência, os Iniciados aceleram a reconstituição da ordem perturbada, porque eles têm horror à doença à qual corresponde toda desordem.

Em Iniciação espiritual, o juramento presta-se interiormente; o Iniciado obriga-se em relação a si mesmo, na absoluta sinceridade de sua alma. Eis aí o verdadeiro juramento, ao qual se deveria conduzir aquele que se pronuncia com solenidade.

Quando o neófito se se declara resolvido a ligar-se irrevogavelmente à Ordem na qual ele pede para entrar, ele encaminha-se para o Oriente dando três passos que se lhe ensina a executar, partindo com o pé direito³⁰ que o pé esquerdo apóia a cada vez, formando o esquadro. O pé direito dirige, porque, descalço para esse efeito, ele foi posto em contato com o solo sagrado circunscrito em meio à Loja por um *quadrilongo*. Tornando sensível ao terreno, esse pé se orienta corretamente, enquanto os olhos permanecem vendados.

A iniciativa pertence, aliás, à direita racional ativa de preferência à esquerda sentimental passiva.

Diante de um altar santificado pelo esquadro e pelo compasso, o recipiendário é convidado a ajoelhar-se, dobrando o joelho esquerdo que foi posto a nu. Com a mão esquerda, ele mantém contra o seu coração uma das pontas do compasso, enquanto estende a direita sobre o esquadro. Nesta posição, ele repete frase por frase a fórmula do juramento que pronuncia o Venerável Mestre da Loja, na presença de todos os assistentes, de pé e à ordem.

³⁰ Conservamos o texto conforme o original de Oswald Wirth, muito embora a divergência ritualística inerente ao uso adotado em nossa Instituição. (N da T.).

Essa fórmula visa a tornar o engajamento tão sagrado quanto possível. No tempo das religiões de ofício, o neófito obrigava-se em relação ao gênio tutelar da profissão abraçada, divindade facilmente erigida em deus supremo. Os antigos construtores invocavam o Grande Arquiteto do Universo que os cristãos cristianizaram. Jurando segundo sua fé, eles suplicavam o testemunho da Santa Trindade, dos santos do paraíso e, mais particularmente, do patrono celeste de sua confraria obreira. Com a imprensa e o protestantismo, o uso de jurar sobre a Bíblia difundiu-se na Inglaterra, mas, quando a Maçonaria moderna, tornada especulativa, aceitou iniciar não-cristãos, ficou entendido que o Livro da Lei sagrada poderia, eventualmente, conter o texto do Alcorão, do Avesta ou o de não importa qual escrito admitido como tradução fiel da palavra divina. Não há nada de iniciático em semelhante divinização de documentos religiosos. Tudo aquilo que existe é divino, e toda opinião sincera faz jus ao respeito do sábio, mesmo aquela do crítico, cujo estudo metódico reconduz os diversos livros sagrados às suas proporções humanas.

Na realidade, o juramento vale pelo *fundo* e não pela *forma*; pouco importa sobre o quê ele é prestado, contanto que seja mantido. Para permanecer estritamente *maçônico*, o ritual das Lojas não deveria se inspirar em nenhuma das confissões religiosas que dividem os homens. Elevando-se acima das crenças particulares, a Franco-Maçonaria deve procurar a neutralidade conciliadora na pura tradição dos antigos construtores. Jurar sobre o esquadro é amplamente suficiente para quem compreende bem a Arte. Tudo é dito através da atitude do juramento; o joelho na terra exprime o sentimento de piedade que leva o homem a se inclinar diante do mistério que ele sente em torno e acima dele; o compasso apontado em direção ao coração diz que o neófito se faz sensível à verdade penetrante que não se traduz em vãos discursos; enfim, o esquadro recebe um voto de absoluta correção moral e de aperfeiçoamento de si mesmo aplicado à Grande Obra construtiva de uma Humanidade melhor. Aquilo que se pretenda acrescentar não pode senão desviar da real e correta compreensão da Arte.

A Luz

A venda cai desde que o juramento é prestado. Ao sair da escuridão, uma claridade súbita ofusca o neófito. Ele vê globalmente, mas não distingue senão aos poucos; espadas de toda parte apontadas em sua direção o desconcertam. Que significa esse gesto ameaçador?

É bem ao contrário de uma ameaça, porque as armas estão seguras pela mão esquerda e projetam um raio de simpatia emanando do coração. Cada iniciado protegerá doravante o novo Irmão e concentrará sobre ele sua afeição e sua projeção intelectual.

Os antigos construtores fizeram uso da espada no curso de suas iniciações? Nós o ignoramos, mas após o machado e o malho, a espada torna-se a arma sagrada por excelência. Os conjuradores mágicos não puderam dela fazer uso senão lhe atribuindo uma ação misteriosa: prolongamento do braço, a espada conduziria, — segundo sua crença, — as emanções do indivíduo, projetando-as ao longe. É em razão do papel que lhe era assim atribuído que a espada tornou-se mais tarde o símbolo do Verbo, emanção ativa do centro universalmente irradiante.

Em nossos dias, a maior parte das Lojas limita-se a dar a luz *simbolicamente*, sem estabelecer uma idéia precisa da *verdadeira Luz* da tradição. Esta claridade, que toma nascimento no coração puro do homem de bem, nada tem de profano. Não é preciso confundi-la com a chama teatral que cega momentaneamente o recipiendário, cuja vista, ainda fraca, não está mais protegida por uma venda misericordiosa. Ela não se relaciona a noções profanas com as quais podemos nos enriquecer, escutando os instrutores, lendo livros ou observando aquilo que cai sob os sentidos. A *verdadeira Luz* é discreta: ela nada tem de fulgurante e infiltra-se nos corações, não esclarecendo, primeiramente, senão apenas os atos que visem à realização do bem. Nós não estamos destinados a tudo saber, mas aquele que aspira a fazer o bem com todo fervor de sua alma não pode ficar abandonado ao erro, quando se devota ao fiel cumprimento de sua tarefa terrestre.

Não nos enganemos: as purificações tradicionais praticadas em espírito e em verdade conduzem sozinhas à conquista da Luz iniciática. Os falsos iniciadores que aceitam esclarecer o primeiro que aparece e vangloriam-se de satisfazer todas as curiosidades não podem iniciar senão em teorias e práticas *profanas*. A verdadeira iniciação não é profanável: quem não se conforma às suas regras inelutáveis a ela renuncia pela força das coisas.

Não é indispensável, a quem procura a *Luz* com toda a sinceridade, ser instruído nas teorias herméticas. Todavia, o símbolo da *Luz iniciática*, que atinge os olhos do neófito desde que ele recupera sua vista que fora ofuscada, — o *Delta irradiante*, — deve dar-lhe no que refletir. É um triângulo equilátero. Em seu centro abre-se um olho, do qual partem raios limitados por um círculo de nuvens.

Esse símbolo não é novo para o cristão que tem visto representar assim a Santa Trindade. O olho que tudo vê é aquele da Providência exercida pelo Pai eterno; os raios correspondem ao Filho, que é o Verbo, logo, à atividade divina, quando, então, o Espírito Santo se condensa em névoa luminosa circular.

O neófito é livre para não ir mais longe, mas, se a imagens levam-no a refletir, ele reconhecerá que a adoração dos cristãos endereça-se ao Deus-Luz dos Iniciados. Não se trata nem do *Sol* nem do *Fogo* divinizados mais ou menos grosseiramente. O *Verdadeiro Deus*, o *Deus vivo*, distinto da multidão dos ídolos mortos, é o princípio da vida dos seres e das coisas: é o *Verbo* eternamente criador que o Evangelho identifica com a *Vida* e que se torna a *Luz dos homens*.

Os Hermetistas relacionaram tudo a uma irradiação que parte simultaneamente de toda parte. *Um* em sua essência, esse *agente criador* lhes parecia triplo em sua manifestação. Na qualidade de Enxofre, é o centro onipresente de onde emana a luz universal; visto em sua irradiação dinâmica, em sua irresistível propagação, o mesmo Agente é caracterizado pelo Mercúrio, o universal animador que penetra todas as coisas. Um estado de equilíbrio e de estabilização resulta, enfim, do retorno sobre si mesmas das ondas luminosas que, emitidas pelo centro, chocam-se às emanações de todos os outros centros. Desse rechaço resulta o Sal, princípio de formação e gerador de toda corporeidade.

Essa teoria, — ou outras não menos engenhosas, — não se ensina em Loja senão a título de sugestão. Cada um pensa aquilo que quer, esforçando-se sempre por aprofundar, sem deter-se nas fórmulas verbais. No santuário do silêncio, a palavra não está senão, verdadeiramente, nos símbolos mudos: tudo o que o ouvido percebe é apenas ruído, eco suspeito do mundo profano.

O Avental

Desde que o neófito recebeu a luz, ele avança em direção ao Oriente, executando os três passos de Aprendiz Maçom. Ele renova a seguir seu juramento e recebe o avental, vestimenta de trabalho que lhe permite participar da Grande Obra da Franco-Maçonaria.

Revestido dessa insígnia, ele é consagrado Aprendiz Maçom por três golpes de malhete batidos sobre a cabeça e sobre os ombros. É provável que se ativessem, primitivamente, a esse único ternário, triplo em nossos dias, sobre a lâmina de uma espada flamejante, da qual o uso se inspira na cavalaria. Se pensarmos que é mais natural bater com o malhete do que com a espada, perguntar-nos-emos se o uso de *consagrar cavaleiro* não foi tomado de empréstimo a muito antigos costumes maçônicos; nesse caso, a Maçonaria moderna teria retomado à cavalaria aquilo que ela, originalmente, lhe teria dado. Essencialmente pacíficos, os construtores não usam da espada para trabalhar; erram eles em armar-se numa Loja? Talvez valha mais não ser muito exclusivo em simbolismo: os maçons, com o passar do tempo, confraternizaram mais de uma vez com Iniciados de outras disciplinas, o que explica a adoção, em Maçonaria, de simbolismos estranhos à arte de construir. Usemos de tudo aquilo que nos instrui, mas saibamos distinguir nosso patrimônio fundamental.

Visto como testemunho de honra, o avental decora o Maçom mais honrosamente que as distinções profanas, as mais procuradas. As insígnias do Tosão de Ouro ou as da Ordem da Jarreteira são apenas pobreza perto do humilde pedaço de pele branca que distingue o Maçom. Não existe aí vaidade do artista orgulhoso de sua profissão, porque nada poderia ser mais glorioso sobre a Terra que o porte do avental, insígnia do participante da Grande Obra.

Ao sair da fase de sua infância paradisíaca, o Homem, — dizem-nos, — foi vestido com túnicas de pele para inaugurar sua carreira de trabalho. O avental do Maçom faz perceber o sentido do mito. Para cumprir nossa tarefa terrestre, é-nos necessária uma vestimenta de trabalho que não é outra senão que nosso organismo corporal.

Certas escolas figuram-se a criatura saída das mãos de Deus em estado angélico, virtuosa, onisciente e isenta de todas as misérias humanas. O pecado original ter-nos-ia feito decair dessa felicidade terrestre, e estaríamos condenados a ganhar nosso pão com o suor de nosso rosto, o que seria a justa punição à nossa desobediência às ordens divinas.

A tal concepção sacerdotal opõem-se o idealismo das religiões de obreiros. O trabalhador, para quem o trabalho é sagrado, quer bem admitir que ele descende do Céu, mas, ao seu sentir, isso não ocorreu de modo algum para que sofresse uma punição. Ele é recrutado junto a uma oficina aonde vai aprender e, depois, exercer uma arte. De *qualquer coisa* ele vai tornar-se *alguém*; da passividade semiconsciente passará à plena consciência de uma atividade voluntária. Um glorioso destino o espera: o de participar da obra divina, logo, divinizar-se pelo trabalho meritório do qual o preguiçoso tem horror.

Em suma, as religiões atraem duas grandes categorias de adeptos: de uma parte, os indolentes, aspirando ao repouso e à beatitude passiva; de outro, as naturezas enérgicas, corajosas, empreendedoras, que aceitam sofrer à vista da realização de uma obra de bem e de beleza. De que lado é preciso procurar a verdadeira religião, aquela do amanhã?

O avental é o ornamento cultural dos construtores. Para participar de seu culto, é indispensável estar vestido de maneira maçônica, do mesmo modo que é necessário estar *incorporado* à espécie humana, para participar do trabalho terrestre. Entre as espécies que se agitam sobre a terra, nós temos o direito de ficar orgulhosos de estarmos encarnados sob a forma hominal. O Maçom deve, muito particularmente, apreciar a nobreza que implica o uso do avental; mas, — *noblesse oblige*, — e o avental não saberia ser portado com indiferença, sem lembrar ao portador suas obrigações de iniciado.

O Maçom não está menos inclinado às fraquezas humanas; ele falta, muito freqüentemente, à instrução iniciática, e não é esclarecido sobre o alcance dos símbolos. O uso interdita-lhe, todavia, penetrar em Loja sem estar vestido para afirmar sua renúncia momentânea aos hábitos profanos. Seguramente, o hábito não faz o monge, e o avental não é suficiente para disciplinar o Maçom: se o militar de uniforme não é mais o simples cidadão que era em estado civil, o Maçom vestido como tal não é mais aquilo que era no mundo profano. Observai-o tomando a atitude prescrita para pedir a palavra em Loja; ele exprimirá sua opinião com calma, em termos medidos, calculados para não ferir ninguém, mesmo quando ele estivesse tentado a alterar-se em defesa das idéias que lhe são caras.

Ornamento religioso, o avental não deve ser usado levemente. Não está prescrito, antes de cingi-lo, invocar o Grande Arquiteto do Universo, mas um exame de consciência se recomenda ao Maçom escrupuloso, porque, em

presença de um Irmão que lhe inspire animosidade, não deveria permitir-se o uso do avental. Não se deve entrar em Loja senão levando para lá sentimentos depurados, fraternais sem restrição.

Do precedente resulta que, estritamente falando, um *Maçom sem avental* não é concebível. A expressão está, todavia, em uso, para designar um homem que se comporta como Maçom sem haver sido iniciado nos mistérios da Franco-Maçonaria. Trata-se aqui, apenas da insígnia que se usa em Loja, não do *avental iniciático real*.

O avental do construtor espiritual não se usa convencionalmente. Ele é simbolizado pelo corpo que recebemos para realizar nossa tarefa terrestre; é o invólucro de nossa personalidade, de algum modo, um segundo corpo mais misterioso que o primeiro. Seu papel é o de proteger-nos durante o trabalho, porque não é preciso que sejamos feridos pelos estilhaços que se destacam de nossa Pedra bruta. Estes estilhaços são nossos próprios defeitos; arriscamo-nos, de sua parte, a um retorno ofensivo ou choque de retorno, quando nos esforçamos para deles nos desembaraçar. Nada é mais difícil que se corrigir definitivamente; se não tomarmos cuidado, o orgulho expulso retorna disfarçado em falsa humildade; a cólera subjugada deixa um fermento de ressentimento pérfido e os outros pecados capitais que acreditamos expulsos conservam, muito facilmente, sinais em nossa fortaleza; todavia, não há nada a temer, se o avental nos protege.

De que se trata, pois, senão que de um estado moral? Soframos realmente as provas iniciáticas, desejemos o bem como todo o fervor do adepto entusiasta da Grande Obra, e o avental nos cobrirá com sua brancura ritualística. Nossos bons sentimentos nos valerão, porque eles nos protegem à medida que são puros em sua sinceridade, generosos e desinteressados em seu ardor. Avental branco de pele de cordeiro e armadura de prata são símbolos similares: a alma exteriorizada constitui a vestimenta protetora do Maçom, obreiro do espírito; a armadura do cavaleiro que coloca sua valentia a serviço de uma alta idealidade.

As Luvas

O *gentleman* que no século XVII era aceito como *Freemason* devia gratificar cada um de seus iniciadores com um par de luvas brancas. A Maçonaria moderna modificou esse uso, invertendo-o: as luvas são oferecidas pela Loja ao novo iniciado, para lembrar-lhe de que as mãos de um Maçom devem permanecer sempre puras.

Na Inglaterra, eles se atêm a esse único par de luvas destinado a completar o traje maçônico do neófito. Os Maçons do continente tiveram a idéia de fornecer um segundo par de luvas, não mais masculinas, mas femininas. A mulher, não sendo admitida nos mistérios da Franco-Maçonaria, nossos galantes ancestrais experimentaram remorso: eles quiseram remediar o ostracismo imposto, associando com delicadeza as damas à iniciação maçônica. Elas não devem ser instruídas nos detalhes de nossos segredos, mas convém fazer-lhes conhecer o objetivo que persegue a Franco-Maçonaria. É mais importante ainda associá-las à Grande Obra do aperfeiçoamento moral que é aquela dos Iniciados. Como? Em lhes confiando a honra dos Maçons. Todo homem purificado, digno de iniciação, admira a mulher em razão de suas qualidades morais; ele aprecia a beleza física, mas coloca acima desta uma beleza mais nobre, inalterável, independente de acidentes exteriores. Entre as mulheres, ele deve encontrar uma que mereça mais particularmente sua estima, e cuja influência se esforça por sofrer. É a ela que ele enviará o par de luvas, para com isso homenagear a mulher que ele mais estima. Essas luvas têm o valor de um talismã: mostrá-las ao Maçom desencorajado, tentado a abandonar-se às fraquezas das naturezas vulgares, é lembrar-lhe sua dignidade de Iniciado. Suas mãos jamais devem estar sujas. A mulher da qual ele quer conservar a estima vela por ele; sob sua influência tutelar ele não saberia decair.

A iniciação feminina jamais teve, até agora, seus mistérios formais, com ritos transmitidos através dos tempos. Nenhuma tradição nos ensina a iniciar nossas companheiras de vida, sem a ajuda das quais nós não podemos realizar progressos decisivos na via de nossa purificação. Tentativas foram feitas para transformar nossas contemporâneas em maçonas. Esse título não é feliz: jamais existiram construtoras, e pretender iniciar a mulher na arte de construir, — que é essencialmente masculina, — aparece como um contra-

senso. Isso é incontestável na Maçonaria dita “operativa”; mas, em nossa qualidade de Maçons “especulativos”, não deveríamos abrir as Lojas à mais graciosa metade do gênero humano? Os tradicionalistas respondem não, e eles estão com a verdade. A mulher não tem lugar em Loja, meio exclusivamente masculino. É irracional fazer-lhe sofrer provas que visam ao desenvolvimento da masculinidade, quando, em boa lógica, a Iniciação feminina não pode perseguir senão que o desabrochar da pura feminilidade. A dificuldade encontra-se resolvida pela aplicação de um ritual feminino, visando a feminizar as provas? A *Maçonaria de adoção* fez o melhor nesse sentido, mas, malgrado sua boa vontade, ela está condenada a não ser senão a contrafação masculina. Um clube masculino feminizado, não realizando, de maneira alguma, o ideal de uma organização própria a agrupar mulheres para mantê-las associadas e permitir-lhes aplicar o gênio feminino na realização da Grande Obra humanitária. Esse gênio não vem a reboque do homem; ele segue sua própria inspiração, para criar aquilo que a humanidade não saberia inventar.

Os Maçons do século XVIII foram melhor inspirados que aqueles do XIX, quando, abstendo-se de chamar a mulher para a Loja, resolveram fazer-lhe homenagem com um simbólico par de luvas. A eleita de cada iniciado não é ela distinta da multidão frívola das filhas de Eva? Aquele que sofreu as provas não se torna apto a discernir a mulher de elite digna da suprema homenagem que ele possa render-lhe? De que servem as afetações da iniciação feminina? A mulher que recebeu as luvas de um Maçom não se torna uma “Maçona”, uma companheira de oficina: ela permanece a *dama* religiosamente admirada.

Quando Goethe, iniciado a 23 de junho de 1780 em Weimar, dispôs de suas luvas em favor da Senhora de Stein, ele a fez observar que esse presente, ínfimo em aparência, tinha a particularidade de não poder ser oferecido senão uma só vez na vida. Nada saberia ultrapassar o valor de semelhante doação, se ela for feita, não levianamente, mas em conseqüência de uma escolha judiciosa e maduramente refletida.

Os Segredos do Aprendiz

A primeira coisa que aprende um Maçom após haver sido “vestido” é a atitude maçônica pela qual ele se afirma Aprendiz. De pé, ele se mantém direito, a cabeça erguida, o olhar firme dirigido bem à frente. O braço esquerdo pende ao longo do corpo, enquanto o direito dobrado leva à garganta a mão que afirma: prefiro morrer a trair meu juramento. O peito retrai-se ligeiramente, porque o pé direito está à frente, formando o esquadro com o esquerdo que o apóia.

Essa atitude simbólica resume todo o programa do grau de Aprendiz.

Manter-se orgulhosamente de pé é afirmar-se como homem adulto, havendo ultrapassado a infância ainda prosternada em direção a terra à maneira dos quadrúpedes. O Iniciado renega as tendências animais, porque ele entende tornar-se homem heroicamente. Está prestes a caminhar com o pé direito, que é aquele do discernimento racional, porque se dirige de acordo com aquilo que ele mesmo concebe, e não de acordo com seus pressentimentos, indicações que subordina às constatações positivas (pé esquerdo apoiando o pé direito que avança sempre primeiro para a execução do passo ritualístico).

O braço esquerdo resta passivo, porque o Aprendiz não usa sua sensibilidade, fonte de faculdades de assimilação intuitiva. Ele não se beneficiará de dons *lunares* senão após haver desenvolvido plenamente suas aptidões *solares*; esses dons residem nele e traduzem-se em talentos que importa cultivar com método. A Arte não faz apelo, primeiramente, à genialidade baseada sobre uma longa experiência, e o iniciante deve dobrar-se à disciplina de uma técnica árida. Longe de pretender seguir sua inspiração, ele tende a submeter-se a regras rigorosas que fazem suas provas. Mantendo sua imaginação em reserva enquanto aprendiz-pensador, é-lhe preciso aprender a raciocinar severamente antes de abandonar-se ao sonho.

É isso que exprime a mão direita dominando o tórax para domar sua ebulição. Nada daquilo que ruga no domínio da sensibilidade deve obter acesso ao cérebro do Iniciado, onde a calma é indispensável às deliberações

frutuosas. Um agitado não saberia pensar justamente; conseqüentemente, a aquisição da serenidade cerebral impõe-se desde o começo da iniciação.

Observemos aqui o erro dos processos que exploram uma forma qualquer de exaltação. Os excitantes que provocam um funcionamento artificial do cérebro estão proscritos a quem quer pensar de maneira sã. Nós não pensamos com justeza senão em perfeita calma, calma que os Maçons procuram realizar em Loja, quando se colocam “a coberto”. O cérebro do Aprendiz é, ele também, uma oficina a ser preservada da agitação exterior: ele não funcionará bem se as paixões para aí aportarem qualquer perturbação.

Por sua atitude imóvel, o Aprendiz faz-se reconhecer, de qualquer sorte, passivamente. Limita-se a prestar atenção ao seu juramento de calar-se. Se um gesto idêntico ao seu encorajar-lhe, ele executará o *signal* de Aprendiz que desenha um esquadro. Ele afirmará desse modo que seus atos visam à concórdia entre os homens e que eles têm a correção exigida dos adeptos da Grande Obra. Uma resposta dada da mesma maneira incita os Irmãos a que se reconheçam, estendendo a mão. Eles confirmam então seu sinal pelo *toque*.

Para muitos Maçons, o grande segredo da confraria reside na maneira de apertar a mão entre os iniciados. Os membros das antigas confraternidades jamais traíram esse segredo, visto como mais particularmente sagrado. Os Maçons especulativos foram menos escrupulosos. Tanto é assim que, decepcionados pela Maçonaria especulativa, não quiseram ver aí senão uma mistificação que eles se acreditaram no direito de denunciar publicamente; assim foram divulgados os segredos de forma, de importância, no fundo, muito secundária. Um iniciável pode muito bem se fazer Maçom ele mesmo, em espírito e verdade, sem preocupar-se minimamente com os pequenos mistérios revelados em Loja.

Quando se diz que um Maçom se reconhece por seus *sinais, palavras e toques*, é preciso entender o que isso significa do ponto de vista esotérico.

Os verdadeiros sinais não são outros senão os atos da vida real. O Maçom agirá sempre equilibradamente, como homem que tende a comportar-se em relação a outrem como ele deseja que os outros se comportem em relação a ele próprio. O Iniciado na *Arte de viver* distingue-se dos profanos por sua maneira de viver: se ele não viver melhor que a massa frívola ou vulgar, sua pretensa iniciação revela-se fictícia, a despeito das belas atitudes que finge.

As *palavras* são, ritualisticamente, *palavras de passe* e *palavras sagradas* que se assopram no ouvido com precauções minuciosas. Aqui ainda a materialidade do segredo não tem senão um valor mesquinho. A palavra sagrada do Aprendiz relaciona-se ao nome dado pela Bíblia a uma das duas

colunas de bronze que flanqueavam a entrada principal do Templo de Salomão. Trata-se da coluna da direita, vista como masculina e ígnea, em oposição àquela da esquerda, tornada feminina e aérea, porque essas duas colunas têm sido comparadas àsquelas da travessia do Mar Vermelho, das quais uma era de fogo e via-se à noite, enquanto a outra, monte de nuvens, guiava os israelitas durante o dia.

O que é significativo é a maneira de soletrar, letra por letra, o nome da primeira coluna. O instrutor coloca o neófito no caminho, pronunciando a inicial; depois, espera que a segunda letra seja adivinhada antes de revelar a terceira que deve sugerir a quarta.

Se a palavra sagrada não se pronuncia, é porque faz alusão àquilo que não é exprimível e não se presta a nenhuma exposição doutrinal. É por si mesmo que o Aprendiz deve esforçar-se por pensar; nada poderia, pois, ser-lhe ditado ou inculcado, ainda menos, demonstrado. Se uma noção é expressa diante dele, não o é para que ele aí se detenha, mas, ao contrário, para que ele daí parta na perseguição de suas próprias idéias. Desde que prove que soube refletir e descobrir por ele mesmo aquilo que outros já encontraram, será encorajado a seguir pelo bom caminho através da revelação de uma nova percepção orientadora. Os Iniciados não são depositários de nenhum dogma; eles procuram eternamente a verdade sem preconceitos e não se ligam a nenhuma revelação, a não ser àquela do espírito humano funcionando normalmente nas condições mais favoráveis à percepção não influenciada do verdadeiro. Se, chamado a meditar por mim mesmo, imparcialmente, as idéias que me vêm concordarem com aquelas de outros pensadores independentes, esta concordância é a melhor garantia que posso ambicionar. O que pensam mais universalmente os homens calmos, refletidos e aplicados na procura da verdade reúne o máximo de garantia do verossímil, sobretudo se se tratarem de pensamentos profundos, percebidos diretamente pelo pensador. É o pensamento espontâneo, mais precioso em sua originalidade nativa, anterior à expressão que o deforma. Este pensamento aparece vivo em sua mobilidade difícil de apreender, enquanto o pensamento tornado comunicável deveu ser parado, imobilizado, petrificado, logo, morto.

Os profanos não trocam senão pensamentos mortos; aqueles dos Iniciados devem possuir a vida. Expressos, eles correspondem à primeira letra da palavra sagrada, advertência que evoca a segunda letra que o neófito deve saber descobrir por si mesmo. Um iniciado nada inculca; ele dá a refletir, ajudando a adivinhar e a discernir. Em iniciação, o instrutor não afirma nada: ele coloca as questões à maneira de Sócrates, a fim de fazer o intelecto do interrogado parir aquilo que traz em gestação. É em nós, na profundidade obscura do poço de nossa consciência, que se esconde a verdade tradicional; ela não surge jamais à luz do dia e recusa expor-se à curiosidade das

multidões profanadoras. Convém não falar dela senão por alusões discretas, de onde as precauções observadas para comunicar a palavra sagrada.

O *toque* é triplo. Ele equivale à confidência: *Eu conheço os mistérios do número três*. Esse número é o primeiro da série sagrada; é por ele que se inaugura o estudo da filosofia numeral, porque o Ternário é mais acessível que a Unidade que, logicamente, deveria ser aprofundada primeiro. Três é, aliás, o primeiro número construtivo, porque uma só pedra não constitui, ela sozinha, uma construção; quando uma segunda pedra é justaposta à primeira também não há começo de construção; mas, desde que uma terceira pedra se superponha às duas primeiras, uma parede começa a nascer.

Convém também chamar a atenção do Aprendiz Maçom sobre os três pontos .:que caracterizam sua assinatura. Se ele quiser legitimar esse ternário, não deverá jamais se deixar ir até a parcialidade, porque os dois pontos inferiores representam as opiniões opostas dos adversários em contestação. O Iniciado deve lembrar-se dos gladiadores de sua segunda viagem: se ele tomasse partido numa discussão, faltaria ao seu papel de juiz. Em presença de opiniões contraditórias emitidas diante dele com sinceridade, a sabedoria dá-lhe a supor que existe algo de verdadeiro e de falso em cada uma das teses sustentadas; sua tarefa, desde então, é a de discernir o forte e o fraco de ambos os contraditores e chegar a caminhos conciliadores figurados pelo terceiro ponto mediano e superior.

Se, sob esse último ponto de vista elementar, a lei do Ternário for compreendida e aplicada como debutante, ele estará em excelente caminho de aprofundamento progressivo no mistério dos Números.

A Restituição dos Metais

Quando o neófito recebeu no Oriente a instrução de seu grau, ele vai ao Ocidente para fazer-se reconhecer pelos dois Vigilantes. Desde que estes se declarem satisfeitos com seu exame, retêm o novo Aprendiz entre as duas Colunas, enquanto o Venerável Mestre da Loja proclama solenemente que esta foi enriquecida com um novo membro a quem todos os Maçons do mundo devem fraternalmente ajuda e proteção. Reconhecido doravante por todos os Irmãos, o Iniciado, definitivamente admitido, é levado ao lugar que a tradição lhe reserva. É o ângulo Norte-Leste da Loja, local da primeira pedra colocada quando da inauguração de uma construção nova. Cada um, em Maçonaria, sendo chamado a construir o templo de suas convicções pessoais, o neófito torna-se a primeira pedra de sua própria construção intelectual e moral.

Ele vai construir livremente, segundo as regras da experiência arquitetural e empregando todos os materiais cuja solidez será garantida. Como as provas da Aprendizagem ensinam a discernir aquilo que possui um valor construtivo, o Aprendiz pode entrar na posse dos metais de que soube se despojar para ser admitido à iniciação. O falso brilho das coisas não o ofusca mais; ele aprecia, com seu justo valor, o saber profano, sem partilhar das ilusões daqueles que acreditam que a verdade se deixa aprisionar em fórmulas verbais.

O Iniciado aplica-se se instruir de tudo aquilo que se lhe ensina; ele não desdenha nenhuma noção relacionada ao mistério das coisas; mas, se ele compreende bem a Arte, considerará o conhecimento como subjetivo, pois este procede do visionarismo mental daquele que, no interior de si mesmo, sabe *ver* a Luz.

Essa visão faz descobrir uma clareza comum a todos os seres pensantes. Luz esclarecedora, originalmente, de todo homem que vem a este mundo. A *Matéria Primeira dos Sábios* faz alusão a essa claridade difusa em todos os lugares, mas que percebem unicamente os filósofos herméticos. Quem trabalha sobre essa Matéria empreende a Obra corretamente e pode, — se não cometer nenhuma falta, — atingir o ideal da Pedra perfeita.

Isso significa que, trabalhando sempre sobre si mesmo, o adepto deve remontar até a fonte primordial de sua própria atividade; se ele não chegar a conhecer-se em sua intimidade mais profunda, não perceberá jamais a *Verdadeira Luz* prometida aos Iniciados.

Os Franco-Maçons atuais discernem do que se trata? Eles depositam em geral seus metais sem ver nisso malícia, depois, retomam-nos com a mesma candura, após terem visto materialmente uma luz que não os esclarece “em espírito e em verdade”. Tudo, em Iniciação, depende, todavia, daquilo que nós chegamos a *ver interiormente*. As provas não têm outro objetivo senão que o de nos colocar em estado de *ver a Luz*: elas são muito sérias, a despeito do divertimento ao qual dão lugar, muito freqüentemente, as iniciações cerimoniais. Não são trotes, a não ser para iniciadores ignorantes que profanam as coisas santas; em Iniciação real, os ritos prescrevem operações nas quais o adepto é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto, o agente e o paciente, porque, — Maçom chamado a talhar a Pedra, — ele trabalha sobre si mesmo, sendo a Pedra viva que se talha ela própria.

Mas o que opera em nós é *Espírito*, ou seja, *Luz*, e é a *Luz operante* que somos chamados a descobrir em nós; para aí chegar, é-nos necessário depositar nossos metais, morrer para as ilusões profanas e completar nossa purificação mental.

É exigir muito de um candidato a Franco-Maçom, homem de boa-vontade, sincero em seu desejo do bem, mas incapaz de iniciar-se nos mistérios efetivos da Arte Real. Não se deve, pois, reprovar à Franco-Maçonaria colocar-se ao alcance do grande número. Ao iniciar em seus símbolos, ela mantém suas obrigações em relação aos *iniciáveis* que irão *procurar, pedir e bater*, de forma a *encontrar* quem lhes *responda* e quem se lhes *abra*, finalmente, a porta do santuário da Verdade. Outros não aprenderão a ritmar os três golpes misteriosos senão para obter o acesso a uma Loja regular, em sua qualidade de Maçons reconhecidos regulares... convencionalmente!

Iniciados apenas nas exterioridades, no lado sensível da Franco-Maçonaria, esses aderentes superficiais, — que são legião, — não vão além da infância da Arte: eles se divertem com imagens cujo sentido não percebem, mas estas imagens lhes pregam uma sabedoria à qual eles se mostram dóceis. Habitam-se a manter bem em Loja e a desenvolver seus bons sentimentos. Sem elevar-se até o ideal muito heróico da Iniciação, tornam-se melhores em modestas proporções. Se a Franco-Maçonaria moderna melhora seus adeptos, tornando-os mais fraternos uns em relação aos outros, sua obra é louvável, mesmo que, sobre cinco milhões de membros ativos, ela não conte senão com uma ínfima corte de Iniciados que realmente viram a Luz.

A Loja

Uma aurora intelectual indecisa em sua palidez precede em nós a aurora rutilante que faz clarear o dia. Chamados a *ver* a Luz, contentamo-nos com *entrevê-la*, quando ela nos é mostrada em Iniciação. O que se oferece à vista do neófito livre da venda é o espetáculo do mundo, do qual a Loja é a imagem reduzida. Ele não pode duvidar, se relacionar isso às dimensões simbólicas do santuário onde está admitido, porque a Loja, — é-lhe ensinado, — estende-se do Oriente ao Ocidente, do Meio-Dia ao Setentrião e do Zênite ao Nadir. Nela reflete-se, pois, a imensidade do Cosmos, como se o concebível em grau maior repercutisse no constatável a menor. Primeira lição discreta que, moralmente, limita-se a sugerir a universalidade da Franco-Maçonaria. Em nome das dimensões da Loja, o Maçom é chamado à ordem, caso faça eco de preocupações mesquinhas. Os iniciados reúnem-se para aportar seu concurso à Grande Obra que é eterna como o Progresso e sem limites em sua aplicação. Tendo a construir um imenso Templo, os Maçons não prostituem sua Arte, sujeitando-a às necessidades profanas; eles têm, neles mesmos, a reformar, o Homem que é universal em sua essência.

Instruído das dimensões da Loja, o Aprendiz constata que ela é iluminada, simultaneamente, por três grandes luzes e três pequenas. As grandes são representadas por candelabros colocados no Oriente, Ocidente e Meio-Dia do *quadrilongo*: são os pilares espirituais do edifício maçônico; a tradição atribui-lhe os nomes de *Sabedoria*, *Força* e *Beleza*. Avaro de palavras, o moderno hierofante limita-se a indicar: a Sabedoria concebe, a Força executa, a Beleza ornamenta. Cabe àquele que *viu a Luz* resolver o enigma. Para colocá-lo no caminho, chama-se sua atenção sobre as *pequenas luzes* figuradas pelo Venerável Mestre da Loja e seus dois Vigilantes.

Entregue às suas reflexões, o Aprendiz compreende que a concepção de uma idéia deve preceder a ação realizadora, que é preciso *pensar com justeza para agir bem*, de onde a *Sabedoria* fixando o plano na execução do qual a *Força* desdobra sua energia; mas a ação não é sábia se ela não for bela; a idéia não é justa se ela não se realizar com *Beleza*.

A Sabedoria do Venerável Mestre da Loja é aquela do arquiteto que dirige o trabalho construtivo. Seu papel é intelectual; ele sonha como artista, a fim de dar, na imaginação, corpo às aspirações dos construtores. Ele não inventa segundo sua fantasia individual, porque se aplica em concentrar o gênio de todos. Logo, a Sabedoria da qual ele se faz o intérprete não é a sua, mas aquela da Arte; ela é conforme a de todos os *Mestres da Obra*, escolhidos antes dele para dirigir o trabalho comum. É, pois, uma Sabedoria especializada, modesta e verdadeiramente sábia em sua ambição limitada: conceber corretamente o executável não implica em qualquer onisciência. Cada um pode aspirar à sabedoria que lhe é necessária para bem se dirigir na vida; o Iniciado não solicita qualquer outra e, a partir daí, adere à Suprema Sabedoria.

O 1º Vigilante rege a *Força*, em razão de ele fazer observar a disciplina em Loja. É ele quem repreende os retardatários e controla a assiduidade; ele exige que cada um esteja em seu posto e cumpra sua tarefa. Se fosse levado a explicar-se, insistiria sobre a necessidade de coordenar os esforços. Individualmente, somos impotentes; apenas o trabalho coletivo presta-se à realização de grandes coisas: associemos, pois, nossas energias à vista da realização de uma única Grande Obra. A *Força* está em nós, do mesmo modo que a Sabedoria; mas não nos tornamos verdadeiramente fortes senão quando nos aplicamos ao trabalho com constância e regularidade.

Não é bastante se agitar com zelo para satisfazer às exigências da Arte. Agitação não é sinônimo de trabalho: quando trabalhamos, entendemos produzir, modificar, transformar, fazer melhor; ora, o que melhor realiza uma harmonia mais perfeita traduz-se em obra de *Beleza*. O 2º Vigilante é o esteta da Loja, porque ele ensina a bem trabalhar, a construir solidamente sob todos os aspectos; ele sabe que, mesmo materialmente, nada que não seja belo é durável: a admiração faz respeitar a obra do puro artista. Este não aplica, aliás, toda sua *Força* senão a serviço da *Beleza* que entusiasma. Trabalhando com amor, ele não atenta para suas penas, que retornam em prazer. Uma deusa o inspira, encorajando e recompensando seus esforços. Essa foi, para os construtores cristãos da Idade Média, a *Virgem Celeste*, personificação da pura idealidade, *Rainha de Beleza*, diante da qual eles se prosternavam como que perante a suserana da Arte. *Nossa Senhora* tornou-se seu título de glória, título que nenhum Iniciado contemporâneo renega, consciente do significado profundo do ternário: *Sabedoria, Força e Beleza*.

Sobre esse trinômio baseia-se uma religião discreta, anterior às idolatrias que seduzem as massas. Ela não se formula em dogmas, mas cada um pode a ela converter-se, escutando falar em si mesmo seu próprio espírito. É a *Religião dos Iniciados*, da qual a Loja é o santuário mudo. As Luzes grandes e pequenas aí esclarecem aquele cuja visão espiritual não está obstruída pela venda profana, mas, enquanto esta venda não cai, as Luzes da Maçonaria brilham em vão nas trevas que as obscurecem. É então que os

Maçons que não souberam depositar seus metais nem sofrer espiritualmente as provas erigem em *Grande Luz da Maçonaria* o livro sagrado de uma religião recente, mostrando, dessa sorte, um desconhecimento absoluto dos princípios fundamentais da Arte Real. A Bíblia é respeitável, preciosa e digna de um estudo atento; mas é em seu próprio coração que o Iniciado deve aprender a decifrar a palavra sagrada, não em textos redigidos para a instrução das massas.

O Malhete

As três Pequenas Luzes têm a missão de dirigir a Loja que se encontra assim governada por um triunvirato exercendo o comando, porque é significativo que o malhete seja a insígnia, ao mesmo tempo, no Venerável Mestre da Loja e de seus dois adjuntos, ditos Vigilantes.

Esse instrumento gozou, na Antigüidade, de um imenso prestígio. Os deuses que o manejavam eram temidos como mestres do raio e adorados na qualidade de coordenadores do caos. Parece que restou, na alma moderna, um eco de tempos prodigiosamente antigos, porque, quando numa Loja soa o golpe de um malhete, ele produz aí um efeito mágico: instantaneamente cada um se cala, imobiliza-se e torna-se atento. Nenhuma campainha de presidente possui semelhante virtude: o tinido prolongado solicita o silêncio que o simples ribombar do malhete impõe imediatamente e sem réplica. O mais cético dos maçons, — e o menos disposto à disciplina, — obedece ao malhete, por atavismo, — dir-se-ia, — talvez sob a impressão que se impõe a ele de que não haveria mais Maçonaria em um lugar onde a autoridade do malhete fosse desconhecida.

Aconteça o que acontecer, quando em uma Loja os três malhetes batem sucessivamente um único golpe cada um aí reina mais que silêncio e atenção. O triunvirato maçônico disso tira proveito, para explicar seu papel: o Venerável Mestre colocando aos Vigilantes questões que provocam respostas, justificando o lugar que ocupam em Loja os três primeiros oficiais.

O Venerável Mestre tem sede no Oriente, região onde se ergue o Sol para abrir a carreira do dia, porque ele também tem a missão de levantar-se para abrir a Loja e chamar os obreiros para o trabalho. Em oposição, o 1º Vigilante atem-se ao Ocidente, onde o Sol se põe para fechar a carreira do dia, porque lhe incumbe fechar a Loja, despedindo satisfeitos os obreiros, após haver-lhes distribuído seu salário. Quanto ao 2º Vigilante, seu lugar é no Meio-Dia, aonde o Sol chega no lugar mais alto de seu curso diário, quando aí

irradia o máximo de claridade. Isso é atribuir ao terceiro oficial uma missão docente: pertence-lhe esclarecer os obreiros presos ao seu trabalho, na falta de experiência técnica. Ele sabe também manejar suas forças, concedendo-lhes o repouso necessário e razão de sua fadiga.

Fonte de luz e de vida, estimulador de todo trabalho terrestre, o Sol foi divinizado pelos adeptos dos cultos obreiros. Os maçons não pensam em adorá-lo, mas fazem dele o regulador de suas ações que eles entendem colocar em harmonia com a Natureza e de acordo com a atividade cósmica.

Para que não possa subsistir qualquer dúvida a esse respeito, as Pequenas Luzes humanas decoram-se com jóias que são o Esquadro, o Nível e o Prumo. As insígnias são trazidas suspensas ao pescoço por uma fita azul, o que faz atribuir à Maçonaria o branco e o azul como cores heráldicas: o branco do avental exprimindo a pureza buscada na Iniciação, e o azul que aí se associa lembrando a idealidade na qual se inspira o sonho dos realizadores da Grande Obra.

O Esquadro traça seu dever ao Venerável Mestre da Loja. Ele foi escolhido em razão de sua benevolência à vista de todos e de sua rigorosa imparcialidade. A linha vertical determinada pelo esquadro não tende nem à direita nem à esquerda. O Venerável Mestre recebe assim da Geometria uma lição de escrupulosa equidade. Sentado no eixo da Loja, ele é neutro, mas não indiferente, porque se torna o foco de concentração das vozes não-exprimidas e das aspirações comuns aos obreiros. Ela jamais comanda segundo seu capricho, mas unicamente em se tornando o fiel intérprete da vontade de todos. Para fazer-se obedecer, ele não é senão aquele que nada quer para si mesmo. A submissão absoluta confere sozinha o soberano poder do Grande Comando, necessariamente reservado ao Iniciado perfeito. Mas a quem é preciso obedecer senão que a si mesmo, à consciência esclarecida que escuta o homem de bem, atento em comportar-se, em todas as coisas, segundo o Esquadro?

Esse instrumento controla o corte das pedras que não se ajustam entre si se não forem retangulares. Aplicando o Esquadro a si mesmo, o Venerável Mestre dá o exemplo de uma impecável sociabilidade: ele pratica magistralmente a arte do *saber viver*, arte que se traduz por uma constante afabilidade. No seio da Loja, ele coloca cada um à vontade e em seu lugar; ele não exige nada que esteja acima das forças ou das capacidades de uns e de outros. Árbitro das diferenças que podem surgir, atém-se se mostrar conciliador com compreensão. Abstração feita das preferências pessoais, aplica-se em discernir o justo, esquecendo de si mesmo. Ele não se pertence mais desde o momento em que aceita a responsabilidade de dirigir outrem. A coletividade inspira-o naquilo que existe de mais nobre e de mais elevado, porque não poderia ser questão de baixa demagogia numa confraternidade de homens voltados ao bem e trabalhando para a realização do Progresso, como

Artistas apaixonados pela sublimidade de seu ideal. O chefe não representa o todo senão quando consente em não ser ninguém.

A Sabedoria do Venerável Mestre é persuasiva. Ela seria bastante para dirigir os artistas da Grande Obra, se as fraquezas humanas não mais tivessem poder sobre eles. Espíritos ardentes, nós ambicionamos o heroísmo, mas as provas não chegam a nos garantir, sem reservas, a virtude da qual Hércules escolheu o sentimento árduo. Nós não rompemos inteiramente com a fraqueza que arma ciladas às nossas falhas; elas são previsíveis, porque ninguém é perfeito no começo. Também não podendo ser abandonado a si mesmo, o Aprendiz é colocado em Loja sob a rigorosa e severa direção do 1º Vigilante que é o contramestre do atelier encarregado de admoestar os negligentes e de repreender os faltosos.

Esse papel é ingrato, mas ele se impõe no interesse do trabalho que esmorece, se os obreiros não forem pontuais nem assíduos. Colocado perto da porta, o oficial investido do segundo malhete controla as entradas e as saídas. Não padecendo de qualquer relaxamento da atividade, ele chama ao dever os displicentes quem quer que sejam eles, porque, condecorado com o Nível, a igualdade lhe é sagrada. Tal não significa que uma idêntica soma de trabalho seja exigida de cada um, já que as energias e os talentos não são uniformemente repartidos entre os indivíduos. Ele não pede a cada um senão aquilo que pode dar, visto desdobrar sem reservas aquilo que está nele.

A forma do nível lembra o símbolo alquímico do enxofre, substância cuja combustão mantém o Fogo central de todo foco de atividade. O 1º Vigilante é o guardião desse ardor laborioso que ele estimula quando diminui; seu malhete soa como o martelo de Vulcano, e sua sede é vizinha à coluna vermelha do Templo.

O 2º Vigilante contrasta com primeiro pela suavidade. Ele compreende tudo e sabe escusar aquilo que é escusável. Constrangido a confessar um erro grosseiro, o iniciante se endereça a ele com confiança, adivinhando que todo erro se repara sob a égide do Prumo. Este instrumento determina a vertical que pede o espírito para descer e para subir. Aprofundando-o descobrimos nossas próprias falhas e, elevando-nos acima da banalidade comum, desculpamos aquelas dos outros. O oficial, — cujo malhete não bate senão golpes instrutivos, — é o examinador do Aprendiz que ambiciona passar da perpendicular ao nível, dizendo de outro modo, ser admitido de Aprendiz a Companheiro, da fase de formação preparatória àquela de um exercício profissional igualmente retribuído.

Que Loja pode afirmar que três a dirigem efetivamente? Quando os Vigilantes condecorados com suas insígnias limitam-se a ocupar seus lugares, para responder às questões ritualísticas e dar os golpes de malhete prescritos, eles de vangloriam erroneamente de contribuir para com a direção da Loja.

Eles não estão destinados a figurarem na qualidade de crianças de coro de um oficiante que assume sozinho toda a responsabilidade diretriz: os três malhetes e uma Loja são instrumentos de trabalho; seu ruído deve determinar ondas estimuladoras que cheguem ao coração dos Maçons para dispô-los à concórdia, o zelo e à mútua compreensão.

Se a Franco-Maçonaria estivesse à altura do programa que lhe traçam seus símbolos, seus sonhos mais audaciosos se tornariam realizáveis.

Consciência e Memória

Segundo a tradição, três dirigem a Loja que cinco acabam de esclarecer. As duas luzes complementares são o Orador e o Secretário. Seu lugar é no Oriente, à esquerda e à direita do Venerável Mestre. Eles têm sede sob a dupla imagem do Sol e da Lua, ainda que os cinco primeiros oficiais de uma Loja correspondam aos astros mais luminosos do céu: O Venerável Mestre, Júpiter; o 1º Vigilante, Marte; o 2º Vigilante, Vênus; o Orador, Sol; e Secretário, Lua.

A jóia do Orador é freqüentemente, em nossos dias, um livro aberto, o que é de um modernismo inoportuno, mas justo do ponto de vista simbólico. De onde o homem atual colhe, com efeito, a luz que deve esclarecer suas determinações senão que nos textos escritos? Tendo perdido o hábito de tornar luminoso em seu coração o sentimento do Verdadeiro e do Justo, são-lhe necessários códigos para guiar sua consciência e sua razão. Antigamente não era assim. A escrita desviou-nos dessa Luz natural, a respeito da qual se diz que ela esclarece todo homem que vem a este mundo. Escondemos em nós um Sol misterioso que deve brilhar com um clarão particular no Orador de uma Loja, de onde a insígnia reservada a esse oficial, no século XVIII: um Sol de vinte e quatro raios agrupados por três em oito feixes, emblema que fazia alusão às vinte e quatro horas do dia entre as quais se repartiam, para o homem, o emprego racional de seu tempo. Trata-se, além disso, de uma lembrança do octógono pitagórico ao qual se relacionam idéias de coordenação lógica inspiradas pela necessidade e pela lei inerente às coisas.

A Loja não deve tomar qualquer decisão sem antes ouvir as conclusões do Ir.: Orador, que não se imiscuiu em nenhum debate, a fim de poder esclarecer a assembléia sobre o caso em deliberação. Ele não intervém como legista comentador da letra de estatutos e regulamentos, porque sua função é anterior a toda lei escrita. A correção das ações humanas aprecia-se consultando, não textos, por respeitáveis que eles sejam, mas o sentimento do justo impresso no coração de todo homem de bem. Nada daquilo que é abstratamente previsto de antemão pode aplicar-se com exatidão à variedade dos casos concretos que se impõem ao exame; daí resulta que toda justiça profana seja coxa. Os maçons modernos têm cometido o grande erro de imitar

códigos e procedimentos. Eles perderam o segredo da Loja justa, que esclarece um Orador que se esforça por sentir aquilo que mais exatamente corresponde à noção que um homem honesto faz para si de uma leal equidade.

Consciência e razão da Loja. O Orador não exerce nenhum comando e não participa da direção reservada ao triunvirato munido de malhetes. Ele esclarece sobre aquilo que é tradição e não se pronuncia senão quando inspirado pelo sentimento de todos os verdadeiros maçons; sua missão é a de interpretar o espírito maçônico. Sua eloqüência é sóbria, precisa, límpida, isenta de inútil retórica; ela não visa a convencer artificialmente. O Sol esclarece com calma e dissipa a obscuridade sem paixão nem cólera.

Uma razão judiciosa não é a única a nos esclarecer; nossos atos seriam faltos de coordenação sem a memória. Ela é representada pelo secretário, oficial atualmente condecorado com duas plumas cruzadas, mas cujo astro protetor é a Lua, símbolo das faculdades intelectuais passivas.

Quem foi o escriba dos tempos anteriores ao uso da escrita propriamente dita? Por que, em nossos dias, ainda é o caso de um *pincel* que se confia ao Ir.: encarregado de traçar as pranchas da oficina? As pranchas deveriam ser cobertas, no início, com desenhos e signos mnemotécnicos invocadores daquilo que convinha preservar do esquecimento. Os iletrados são engenhosos, e nós lhes devemos os rudimentos de uma escrita hieroglífica mais sábia em seu gênero que a nossa. Ela obrigava a imaginação a trabalhar como não mais sabe fazer em nossos séculos de progresso alfabético. A prática mais antiga de uma arquitetura digna desse nome constrangia a uma certa contabilidade de salários e distribuições na natureza. Cada obreiro assinava assim sua obra com a ajuda de uma marca raspada na pedra concluída. Encarregado de dirigir o trabalho dos obreiros, um escriba cuidava das assinaturas compostas de alguns traços gravados, figuras análogas aos mais antigos caracteres alfabéticos. Pode-se mesmo perguntar-se se o mais antigo alfabeto não tomou de empréstimo a forma das letras a partir das *marcas de empreiteiros*. Um esquadro maçônico não desenha um “g” (*ghimel*) do alfabeto fenício, e o triângulo eqüilátero não desenha um “d” (*daleth*)? Os construtores assinavam também uma cruz simples, dupla ou tripla que se encontra no *tau*, no *zain* e no *samek*.

Praticamente, o secretário esclarece a Loja moderna, lembrando-lhe as decisões que ela tomou e que seria tentada a esquecer. Ele garante também a correspondência, graças a qual a Luz vem à Loja do exterior.

A Perfeição Septenária

Com cinco, a Loja está esclarecida em suas apreciações, mas, para agir enquanto organismo vivo, é-lhe preciso realizar a harmonia do septenário, porque três é o número daquilo que se *concebe* (Sabedoria), cinco, aquele de toda decisão consciente (Vontade, Força) e sete, aquele da ação harmônica necessária à realização do ideal concebido (Beleza).

O executor das decisões tomadas, o funcionário que circula e cumpre todos os atos efetivos da Loja, chama-se Experto, em razão do *trólhamento* que entra em suas atribuições. Designa-se assim o exame que sofrem os visitantes fora do Templo, antes de aí serem admitidos na qualidade de maçons regulares. Quando profanos se apresentam para a Iniciação, o cuidado de prepará-los para sofrer as provas, de conduzi-los e instruí-los incumbe a esse mesmo oficial que, nesse papel, torna-se o *Irmão Terrível*. Sua jóia é um triângulo enquadrando um olho aberto. Seu lugar teórico é no meio da Loja, mas ele tem sede, na realidade, à cabeça da coluna do meio-dia, prestes a executar todas as ordens que recebe.

O sétimo oficial tem a missão de cobrir a Loja, a fim de que não *chova*, o que teria lugar se um profano indiscreto surpreendesse o segredo do santuário maçônico. O Cobridor devota-se, pois, a velar exteriormente pela segurança dos trabalhos. Sentinela armada de um gládio nu, ele defende a entrada do Templo, a instar o Querubim postado à porta do Paraíso. Tem por insígnia um triângulo do ápice do qual pende uma espada.

Na ordem dos planetas os dois últimos oficiais correspondem a Mercúrio, o mensageiro universal condutor de almas, e a Saturno, o deus do concreto, das crostas protetoras, ao mesmo tempo que da concentração discreta.

Desde que provida dos sete postos essenciais, uma Loja torna-se *justa e perfeita*. É preciso entender por aí que ela está em estado de funcionar e de viver de maneira maçônica. Se ela não estivesse composta senão que de três

membros, seria apenas o gérmen de uma futura Loja completa, uma Loja simples, apta a procurar a luz, mas não a deliberar. Com cinco, a Loja torna-se *justa*, logo, capaz de julgar e de tomar decisões teóricas, porque lhe falta o poder de execução. Unicamente a Loja que dispõe de um mínimo de sete membros pode proceder a iniciações e satisfazer assim às exigências da plena vida maçônica.

Mas sete não é um número limitativo. Toda Loja é livre para acrescentar oficiais suplementares ao septenário tradicional estritamente indispensável.

É assim que o Experto se duplica nas Lojas modernas em um Mestre de Cerimônias, afável introdutor dos Ilr.: visitantes severamente *trolhados*. Apoiado sobre um bastão de ébano com castão de marfim, ele toma a cabeça dos cortejos que passam sob a abóbada de aço. — Nada menos maçônico que esse berço formado por lâminas de espadas. Trata-se de um empréstimo tomado ao protocolo da corte francesa. — Criação recente, o oitavo oficial é chamado também Mestre de Banquetes. A esse título, ele toma importância nas Lojas que fazem seguir de um ágape todos os seus trabalhos ritualísticos. Tudo aquilo que é decorativo lhe incumbe, aí compreendida a organização das reuniões. Antes de cada sessão, seu papel é o de assegurar que não falte nada de material.

O Irmão secretário assumia outrora a administração sob todas as suas formas e organizava toda a escrita contábil. Em nossos dias, ele controla, para seu registro, dois oficiais contábeis que são o Tesoureiro e o Hospitaleiro.

Principal agente das Lojas modernas, o Tesoureiro recebe os metais sem o que nossas oficinas espirituais não teriam meios de se reunir. Um abrigo feito de pranchas de madeira erguido em meio ao canteiro de construções não é mais suficiente para os maçons tornados *especulativos*. Eles não mais se contentam com uma sala qualquer colocada à sua disposição numa taberna e que o Ritual transformava em santuário momentâneo. Em nossos dias, as Lojas tendem a reunir-se em um local permanente, organizado segundo suas conveniências e tão ricamente decorado quanto possível. Isso custa, e justifica os direitos de iniciação percebidos e as cotizações anuais impostas. Outrora desconhecido, o Tesoureiro tende atualmente a superar, em importância, a todos os outros oficiais. E não poderia ser de outro modo em nosso tempo de culto ao *bezerro de ouro*. Se, à sua maneira, os santuários maçônicos lembrassem a beleza das catedrais, poder-nos-íamos resinar aos abusos capitalistas da Maçonaria; mas, como a estética raramente ganha com o fausto desdobrado, não conviria retornar à simplicidade? A Maçonaria pode ser praticada economicamente em benefício de sua espiritualização. Uma iniciação menos formalista, mas mais real, poderia reduzir a pompa ao seu mínimo, sem cair num excesso de austeridade. Evitando o fausto que torna escravo e não retém senão espíritos frívolos, convém procurar uma simplicidade de bom gosto. O simbolismo

deveria se inspirar nas obras de arte, cujas reproduções ornariam muito bem os mais modestos locais.

Possuir um tesouro em espécies sonantes e sob a forma de conta bancária não é um ideal iniciático. Outras riquezas são mais preciosas para os Iniciados. Tal não significa que eles devam se abster de alimentar uma caixa de socorro confiada ao Ir.: Hospitaleiro. O uso quer que eles não se separem jamais sem haverem depositado seu discreto óbolo o Tronco de Solidariedade que circula obrigatoriamente no fechamento ritualístico dos trabalhos. Esquecer os infelizes seria antimaçônico e imprimiria um caráter profano a uma reunião de maçons que negligenciassem em contribuir para o alívio das misérias humanas. Se, pois, o Hospitaleiro não é previsto no septenário fundamental dos oficiais, sua função não deve ser menos cumprida na Loja perfeita reduzida ao seu mínimo efetivo. O Experto aí recolhe as oferendas que o 2º Vigilante toma a seu cargo.

Elevados a dez, os oficiais de uma Loja podem desenhar uma árvore dos *sephiroth* da Cabala. Tal aproximação nada tem de dogmática. O Aprendiz não é assim instruído, mas os *Números* são propostos à sua atenção. Eles e as formas geométricas fornecem às suas meditações um tema inesgotável de descobertas. É, pois, bom que ele seja esclarecido sobre o esquema que resume a filosofia numeral dos cabalistas.

Os Ritos de Abertura e Fechamento dos Trabalhos

Depois de haver tomado lugar em Loja, o neófito inicia-se no funcionamento da oficina, assim como nas formalidades de fechamento dos trabalhos que o preparam para a compreensão dos ritos de abertura, nos quais ele se instruirá ulteriormente.

Quando a ordem do dia está esgotada, o Venerável Mestre pergunta aos assistentes se eles têm propostas a fazer no interesse da Maçonaria em geral ou da Loja em particular. Se as propostas feitas não comportam discussão, elas são *colocadas sob malhete durante a sessão*, ou seja, submetidas ao voto da assistência; elas são, ao contrário, enviadas ao estudo de um Irmão competente ou de uma comissão, se seu exame se anuncia laborioso, reservando-se a Loja, então, o direito de decidir com pleno conhecimento de causa.

Quando ninguém mais pede a palavra, diz-se que *as colunas estão mudas*. Esse mutismo, — que se relaciona aos Irmãos colocados nas colunas do meio-dia e do setentrião, — determina ao Experto e ao Hospitaleiro o cumprimento de seu ofício. Unidos, — um, do saco de propostas e informações, e outro, do tronco de solidariedade, — eles contornam a Loja, para recolher as propostas escritas e as ofertas destinadas aos infortunados.

O Venerável Mestre lê as proposições escritas sob reserva de assinatura, porque a Loja deve poder se pronunciar a seu respeito com toda independência, sem levar em conta o autor.

Depois de decidir sumariamente sobre eventuais propostas, um golpe de malhete anuncia que os trabalhos vão ser fechados.

É preciso, para esse efeito, que os obreiros estejam satisfeitos, o que é respondido pelo 1º Vigilante. Este oficial declara, além disso, que os Maçons têm o costume de encerrar seus trabalhos à meia-noite. Seu colega, interrogado, afirma então que é meia-noite. Logo, todos os Irmãos se levantam ao sinal do Venerável Mestre e tomam a atitude ritualística de Aprendiz Maçom. Convidado a fechar os trabalhos, o 1º Vigilante pronuncia a fórmula de fechamento que sancionam três golpes de malhete seguidos da execução, por todos os assistentes, do sinal e da bateria do grau.

O ruído, nada tendo de iniciático, pode-se perguntar se o costume de bater três vezes nas mãos não seria de inspiração profana. Quanto à aclamação *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, nós sabemos que ela data do século XVIII e que caracteriza unicamente a Maçonaria latina. Antes de se separarem, os Maçons anglo-saxões levam três vezes a mão direita ao coração, pronunciando, a cada vez, a palavra *fidelity*; em seguida, o fechamento da Bíblia sanciona para eles o fechamento da Loja.

A essa extinção simbólica da Grande Luz dos Maçons protestantes corresponde, mais tradicionalmente, a extinção efetiva das três chamas que figuram *Sabedoria, Força e Beleza*, acompanhada do apagar do *quadrilongo*. Com o auxílio de uma esponja úmida, o Irmão Experto fazia desaparecer outrora todo traço dessa misteriosa figura, restituindo assim ao local seu caráter profano.

Seria penoso aos Maçons dispersarem-se sem haver simbolizado sua indissolúvel união através da formação de uma *cadeia fraternal viva*, a **cadeia de união**. Arrumados em círculo fechado, seguram-se pelas mãos, os braços cruzados, enquanto um deles lembra, com algumas frases, suas aspirações comuns e, sobretudo, seus sentimentos de mútua afeição que se estendem a todos os Maçons e a todos os homens.

Esses ritos dão a refletir ao novo iniciado que deve gradualmente descobrir-lhes o alcance. Ele ficará surpreso com a importância que os Maçons dão às horas convencionais e, de modo geral, à observância de tradições misteriosas. A abertura dos trabalhos, a propósito, acabará de surpreendê-lo.

Antes da hora indicada pela *prancha de convocação* que recebem, os membros da Loja reúnem-se no local dos trabalhos. Entretêm-se amigavelmente e acolhem com polidez todo recém-chegado. O último iniciado, o Benjamim da Loja, é imediatamente colocado à vontade; cada um não deseja senão instruí-lo, para guiar seus primeiros passos em Maçonaria.

Quando chega a hora, o Venerável Mestre toma lugar no Oriente, decora-se com o esquadro e segura nas mãos o malhete. Em seguida, os

oficiais da Loja ocupam seus postos, e os outros Irmãos colocam-se nas as colunas. Três golpes de malhete batidos sucessivamente pelo Venerável Mestre e pelos dois Vigilantes comandam então um silêncio absoluto, em meio ao qual são colocadas questões que provocam instrutivas respostas.

A primeira pergunta do Venerável Mestre endereça-se ao 1º Vigilante que, por sua resposta, é chamado a fazer-se conhecer como Maçom. Interrogado a seguir sobre seu dever primordial em Loja, esse oficial se reconhece como responsável pela *cobertura* da oficina e assegura, por intermédio do 2º Vigilante, a vigilância do Irmão Cobridor, postado como guarda à porta da Loja. Desde que tal controle esteja efetuado, o 1º Vigilante dá um golpe de malhete; depois, anuncia que a Loja está coberta.

Os Vigilantes têm por segundo dever o de assegurar-se da qualificação maçônica dos assistentes. Ao sinal do Venerável Mestre, todos tomam a atitude prescrita, e os Vigilantes percorrem logo as colunas, nas quais eles fazem a inspeção. Se surpreenderem quem quer que seja como suspeito, encarregarão o Irmão Experto de cumprir seu dever; mas, — o mais freqüentemente, — eles retornam a seus respectivos lugares, para declarar que a assistência não está composta senão que por bons e legítimos Maçons.

Doravante é possível abrir os trabalhos. Mas a que horas devem eles ser abertos? Ao meio-dia, declara o 1º Vigilante; ora, de acordo com o 2º Vigilante, é meio-dia.

Em razão da hora, o Venerável Mestre abre então os trabalhos por três golpes de malhete, aos quais os assistentes respondem, executando o sinal de Aprendiz seguido da bateria do grau e da aclamação. Eles são, a seguir, convidados a tomar lugar para trabalharem com a ajuda e sob a proteção do Grande Arquiteto do Universo.

As precauções tomadas à vista da segurança não têm por que surpreender o novo Iniciado, que não ficará intrigado senão que com as horas convencionais nas quais se abrem e se fecham os trabalhos maçônicos. Que significa trabalhar do meio-dia à meia-noite? Os construtores ordinários têm o hábito de começar a trabalhar nas horas matinais, repousar ao meio-dia e, depois, retomar o trabalho até o final da tarde. Por que os Maçons especulativos reservam ao trabalho as doze horas durante as quais o Sol declina? Eis aí um dos numerosos enigmas que a Maçonaria propõe à sagacidade de seus adeptos.

A procura da verdade, — que é o objetivo primordial do trabalho iniciático, — não saberia ser inaugurada com fruto desde a manhã de nossa vida intelectual. Nós não discernimos judiciosamente senão que em nosso meio-dia vital, quando, controlando nossas faculdades, chegamos à

maturidade viril do pensador. É, pois, atingindo a metade do caminho de nossa vida que abordamos, com Dante, a obscura floresta das provas iniciáticas. Uma vez consagrados à Grande Obra, não cessaremos de trabalhar até nossa meia-noite individual, termo de nosso grande dia terrestre; até nossa última hora, podemos pensar e manter bons sentimentos.

A Loja não se abre efetivamente senão quando é meio-dia no espírito dos obreiros espirituais. Ora, o 2º Vigilante, que deve conhecer a instrução iniciática de cada um, é chamado pelo Ritual a pronunciar-se sobre a hora esperada. Declarando que é meio-dia, ele se torna garante da maturidade mental dos assistentes.

Pode parecer estranho que esta maturidade seja atingida desde a idade de *três anos*, que é aquela dos Aprendizes. Esta idade da infância iniciática marca uma fase muito avançada em relação à vida profana; o Iniciado de três anos deve ter penetrado os mistérios do Ternário: ele compreende que tudo é *triplo* em nossa concepção, mas *um* em sua essência metafísica.

O Aprendiz afirma-se esclarecido sobre o Ternário iniciático, quando ele participa da tripla bateria que sanciona a abertura e o fechamento dos trabalhos.

A Loja, sendo proclamada aberta, pertencia outrora ao Irmão Experto santificá-la, traçando o *quadrilongo* que delimita, no centro do Templo, uma espécie de *Santo dos Santos*, onde ninguém deve colocar o pé, salvo o recipiendário quando, descalço intencionalmente, é admitido a pisar a borda do solo sagrado. Esse rito parece remontar ao culto da *Terra-Mãe*, iniciadora muda com a qual o homem se comunica pelos pés; mas, — para que, do fundo das coisas, os pensamentos remontem até o cérebro, — o contato deve estabelecer uma corrente. A sensibilização dos pés relaciona-se, pois, a uma percepção misteriosa oposta àquela que toma a via dos sentidos ordinários. Os astrólogos fazem a cabeça corresponder ao *Carneiro*, signo do fogo, de iniciativa e discernimento consciente; eles, ao contrário, atribuem os pés a *Peixes*, que nadam no oceano de Água, dispensadora da *pré-Sabedoria* difusa, anterior à percepção de noções distintas.

Não se deve esquecer jamais que aquilo que é facilmente cognoscível é de ordem profana. A Iniciação relaciona-se ao que é misterioso e demanda ser *sentido* antes de traduzir-se em noções nitidamente inteligíveis. Para aprender a pensar ativamente, por si mesmo, e não assimilando passivamente o pensamento de outrem, é preciso evocar no silêncio um pensamento que nós atraímos das profundezas da terra, como se ele nos viesse pelos pés.

Os mistérios do *quadrilongo*, em torno do qual vigiam *Sabedoria*, *Força* e *Beleza*, não são profanados em Lojas que se limitam ao jogo infantil do

ritual. O Irmão Experto está aí isento de seu ofício capital; nada mais se risca com giz sobre o assoalho da oficina, mas o predecessor do Venerável Mestre em exercício abre a Bíblia, que santifica de modo judaico-cristão a Loja.

Que nos seja permitido lembrar com saudade o antigo modo de santificação que, puramente maçônico, conformava-se ao gênio universalista da Iniciação; será preciso que a Maçonaria retorne a si mesma, se quiser cumprir sua missão que é a de ensinar e a de praticar a Arte Real.

A Via Expiatória

Em educação, o negativo precede o positivo; nós aprendemos a nos abster do mal antes de nos exercitar na prática do bem. O que se aplica à moral conserva seu valor no domínio do intelecto; é assim que o discernimento do erro antecipa normalmente a percepção do verdadeiro. O que é falso nos ofusca e nos repele com mais força do que a verdade pode desdobrar para nos atrair. Por sua natureza, ela é discreta, sempre velada, jamais barulhenta ou ostensiva; ele não disputa com o erro a opinião das massas, mas deixa virem a ela os amantes fervorosos que são os sábios.

Aqueles que não querem amar senão a verdade não devem se deixar seduzir pelas cortesãs espalhafatasas e maquiladas: elas figuram o erro atraindo quem percorre as ruas; elas bajulam o transeunte que desviam de seu caminho, se ele não sabe resistir aos seus encantos. Elas são inumeráveis, essas moças enfeitadas que disputam entre si a opinião dos mortais; cada uma tem múltiplos amantes que imaginam possuir a verdade. O iniciado vê nelas as sacerdotisas da ilusão; ele as evita, para não sofrer outra atração senão aquela da longínqua Dama de seus pensamentos.

Única digna de seu amor, a Verdade pura atrai sua alma sem reservas. Não podendo amar senão o verdadeiro, ele torna-se refratário ao falso, ao qual não dá nenhuma derivação. Tal é o estado psíquico e mental a que devem conduzir as provas iniciáticas. Se, no Tarô, o Iniciável é figurado pelo Saltimbanco (Arcano I) convém reconhecer nos Amantes (Arcano VI) o neófito resistindo às aparências sedutoras, a exemplo do jovem Hércules, que prefere a austera Virtude às volúpias do Vício.

O que distingue, aliás, o Iniciado do Profano é que este se liga aos enganos exteriores, enquanto o sábio se recusa a ser enganado. Isso não significa, de modo algum, que o mistério das coisas seja revelado ao pensador desiludido: ele é tão ignorante quanto o vulgo, mas sabe que nada sabe. Assim agindo, livra-se de todo fardo dos erros que encobrem aquele que acredita saber. Nada de falso admitir é, para a inteligência, uma riqueza negativa, infinitamente preciosa ao iniciante que, liberado de todo *passivo*, pode trabalhar daí para frente com segurança na aquisição de um saber positivo.

Instruir-se positivamente é abordar aquilo que os místicos têm chamado de a *via iluminativa*, que eles fazem preceder pela *via expiatória* e seguir pela *via unitiva*. Suas concepções concordam com aquelas dos Iniciados, em teoria geral, senão em aplicação prática: a via expiatória iniciática não é outra, de fato, senão que o conjunto do programa de iniciação no primeiro grau. As provas sucessivas são tanto de “expição”, inauguradas pelo despojamento dos metais e prosseguindo pela quádrupla purificação elementar. Finalmente, o místico vê a luz, porque ele foi integralmente purificado. Suas crostas, opacas em estado profano, tornam-se transparentes, se bem que, do interior, o espírito perceba a claridade difusa do ambiente. Colocado em relação com a Luz, ele esforça-se por atraí-la e assimilá-la, a fim de *iluminar-se* de acordo com o programa do segundo grau de iniciação. Mas a atração é a consequência do vazio purgativo; quando tudo foi rejeitado fora de nós, existe lugar em nós para receber. À força de exteriorizar e de dar, tornamo-nos receptivos.

Isso é verdadeiro fisiologicamente. Fatigamo-nos, e o descanso nos é proveitoso, com a reparação das forças sendo proporcional ao dispêndio, contanto que certos limites racionais não sejam ultrapassados, o exercício fortifica. Isso equivale a dizer que, no domínio das forças, é preciso despende para adquirir. Intellectualmente, nós despendemos quando rejeitamos as idéias aceitas, recusando-nos a crer, descartando de nosso espírito tudo aquilo que nos inspira uma dúvida. Reduzidos ao estado de absoluta pobreza mental, não possuindo mais nada visto como certo, nós respondemos às exigências do despojamento dos metais, não menos que àquelas do método de Descartes relativo à clássica *tabula rasa*. Conformamo-nos igualmente a certas prescrições evangélicas, das quais o alcance não é plenamente apreciado senão que pelos Iniciados.

Está claro, aliás, que o ceticismo integral não tem senão um valor *expiatório*. É um remédio, não um alimento; e o espírito não é purificado senão para desejar. Todavia, o Iniciado proíbe-se toda avidez; ele não teme jejuar intelectualmente e, quando se alimentar, controlará sua dieta. Os discípulos de Pitágoras não comiam qualquer coisa; sua disciplina alimentar não era, talvez, senão o símbolo de abstinências intelectuais e morais muito mais importantes.

As Impressões Maçônicas

A Aprendizagem *expiatória* não é um fim; ela não é senão que a preparação indispensável ao Companheirismo iluminador. Entregue a si mesmo, às suas observações e às suas reflexões pessoais, o Aprendiz não tarda a ser convidado pela Loja a comunicar-lhe suas impressões de neófito. Fazendo prova de absoluta franqueza, ele não deve temer criticar àquilo que lhe pareceu reprovável em Maçonaria ou denunciar como ridículos os usos que puderam chocá-lo.

As queixas dos jovens franco-maçons não perturbam aos antigos que entendem críticas outrora formuladas por eles com a mesma veemência. O ideal não se realiza; eles bem o sabem. Também lhes dão razão em muitos pontos, porque compreendem que eles não concebem o trabalho senão teoricamente. Tornamo-nos indulgentes, quando a prática nos faz medir as dificuldades a superar. Entretanto, o Aprendiz não é obrigado a dar prova de uma maturidade de julgamento que não é própria à sua idade. Ele não tem mais de três anos, e a espontaneidade é-lhe natural. De resto, é análogo ao sol da manhã que atravessa as brumas. Em luta contra a escuridão, é desculpável que ultrapasse a medida e deixe-se arrastar pelos excessos juvenis. Em seu zelo por dissipar o erro, ele desconfia sistematicamente, de onde as negações e as críticas de exagerada presteza.

Se nosso espírito permanecesse impetuoso, limitar-se-ia a demolir, em nada encontrando graça diante de suas suspeições. Discernir em toda parte o falso leva a condenar tudo aquilo que é imperfeito, logo, tudo aquilo que os homens construíram fazendo o melhor. A lógica lúcida é também niilista em suas tendências e mostra-se destrutiva em sua argumentação, o que não a impede de ser fator indireto de construções, porque a Grande Obra não edifica partindo do nada: ela é *reconstrutora* e *transformadora*, ainda que deva demolir para reconstruir, matar para reviver, denunciar o falso antes de discernir o verdadeiro.

O Aprendiz não deve, pois, ser censurado, se, em seu ardor juvenil, nada lhe parecer sagrado; ele ouvirá os mais velhos, todavia, quando estes últimos o exortarem a ter paciência. Se tudo fosse perfeito, nós não teríamos nada o que fazer. Ora, vivemos para agir, para nos conduzir de maneira útil, a

fim de melhorar aquilo que, sob nossa ação, for susceptível de aperfeiçoamento. É bom que nós discirnamos aquilo que é defeituoso, e que nossa sabedoria comece pela crítica; mas a contestação do mal deve fazer-nos informar do remédio. Nós o buscaremos primeiro fora de nós, de onde nossas recriminações contra aqueles que consideramos responsáveis pelo estado presente das coisas; os obreiros nos aparecem como inferiores à sua tarefa; parece-nos que, em seu lugar, nós teríamos trabalhado melhor.

Quando o Aprendiz se exalta em sua indignação contra aquilo que o choca, ele toma por si mesmo a resolução de bem trabalhar, à vista de reparar as faltas dos construtores do passado. Se ele compreende bem a Arte, constata então que ele não a exerce, na realidade, senão sobre si mesmo, sobre sua própria Pedra Bruta que tem a missão de talhar. A Sociedade humana não é aquilo que ela deve ser: mesmo no que possui de melhor, permanece composta de elementos imperfeitos. Reformá-la globalmente, por uma sábia legislação, permanece empresa quimérica, enquanto a reforma não se operar individualmente.

O homem não é senhor senão de si mesmo. Ele não pode modificar moralmente seu ambiente senão melhorando sua própria moralidade. Seu aperfeiçoamento influencia os outros por indução, determinando uma corrente de melhora. Todavia, para que experimentemos a necessidade de nos modificar, é útil que nós soframos, experimentando sobre nós mesmos a repercussão do mal geral. As *impressões maçônicas* conduzem ao retorno sobre si mesmo, o que se torna o ponto de partida do trabalho efetivo do Aprendiz Maçom.

Companheirismo

Maço e Cinzel

O Aprendiz trabalha sobre si mesmo com a ajuda de dois instrumentos simbólicos. O primeiro figura as resoluções que toma para melhorar; é, em Maçonaria, o cinzel de aço que segura firmemente com a mão esquerda (lado sentimental), para dirigi-lo sobre as imperfeições da pedra a talhar: tende o fervoroso desejo de vos corrigir sem misericórdia, e o cinzel vos virá por ele mesmo à mão. Ele será duro e nada deixará por talhar, se vosso coração estiver firme, pois apenas contra ele, — o coração, — unicamente, o melhor cinzel resta impotente, assim como as mais sólidas resoluções que permanecem teóricas.

O que resolvemos sabiamente, com clareza, não vale senão pela execução. Enquanto o malho não desfere sobre a cabeça do cinzel um golpe vigoroso, nada se modifica. A Pedra conserva sua rudeza e nenhum trabalho se completa. Brandindo a mão direita, — lado racional, determinativo, — o maço exprime a vontade. Ele comanda e determina o ato. Dois fatores intervêm, pois, no trabalho: primeiro, o discernimento, que é de ordem sensitiva; segundo, a energia executora, procedente de uma descarga interior comparável à fulguração do fogo celeste.

Instrumento sagrado por excelência, o maço deveria ser manejado religiosamente. Isso significa que a vontade humana não se exerce legitimamente senão por delegação divina. O Iniciado não se reconhece o direito de usar de seu querer arbitrariamente: ele não atinge, com o maço, senão a cabeça de um cinzel bem dirigido. Assim nada se perde da energia reservada ao trabalho.

Posar como atleta volitivo nada tem de iniciático. O hipnotizador, o faquir ou o pseudomágico que exibem acrobacias da volição não são senão pobres profanos estranhos à Grande Obra. A Iniciação não ensina a

maravilhar as massas nem convencer os incrédulos. Ela convida cada um a tornar-se mestre de si mesmo, a assumir o comando de sua própria personalidade, a fim de afirmar-se rei de seu reino individual como digno adepto da Arte Real.

Manejado sem discernimento, o maço produz barulho, quando não destrói aquilo em que bate. A educação da vontade pode apenas se opor aos males que sofre a humanidade; aprendamos a querer judiciosamente, sem ceder jamais ao capricho ou à brutalidade do instinto. O homem que santifica sua vontade se diviniza e participa da potência realizadora da Grande Obra. O trabalho sobre a Pedra Bruta é o início da real transmutação do chumbo profano em ouro iniciático.

Esta transmutação é intelectual, tanto quanto é moral, porque é impossível querer corretamente, se o espírito não for esclarecido. Vimos homens animados de excelentes intenções praticarem o mal por desinteligência e falta de julgamento. Importa, pois, desbastar a Pedra Bruta também no domínio das idéias. Despojar-se das extravagâncias, tornar nossas concepções justas e normais. O cinzel que se emprega nesse trabalho equivale à faculdade de avaliar de maneira saudável; o maço, à decisão que expulsa do espírito aquilo que o encobriria, falseando-o.

É de observar que o trabalho do Aprendiz não cessará jamais. Ninguém pode se dispensar de perseguir seu próprio aperfeiçoamento. Aquele que imaginasse ser perfeito seria vítima de uma pernicioso ilusão: satisfeito dele mesmo, não teria mais consciência de seus defeitos que erigiria em qualidades. Depositar o maço e o cinzel é renunciar a progredir, é permanecer atrás e deixar-se ultrapassar: o sábio estuda até seu último dia e o santo corrige-se sem se comprazer de sua santidade.

Régua e Compasso

Quando o Aprendiz sabe desbastar a Pedra corretamente, de modo a obter uma superfície estritamente lisa, realiza um progresso que lhe vale a atribuição de um terceiro instrumento. Colocado de posse da Régua, ele controla seu trabalho para torná-lo irrepreensível no que concerne a um primeiro lado da Pedra. Sobre a superfície lisa, o Compasso permite fixar o traçado que determina o talhe; mas a Pedra não recebe sua forma definitiva senão após um trabalho parcial relacionado à tomada de contato do indivíduo com outrem. A sociabilidade torna-se, para o maçom, uma virtude preliminar que ele adquire em se corrigindo de tudo o que o torna desagradável ao próximo.

Quando sabemos nos comportar socialmente, nós nos mostramos polidos, de uma polidez iniciática mais profunda que aquela da boa sociedade profana. Para não ser grosseiro, não é suficiente observar sempre o código das conveniências mundanas. Os hábitos da boa educação mantêm-se entre os Iniciados, mas a polidez exterior, a civilidade pueril e honesta não bastam; eles habituam-se a evitar, cuidadosamente, tudo o que arriscaria chocar outrem. Respeitando todas as suscetibilidades, eles se comportam na vida como homens de verdadeiro *savoir-vivre*: é a verdadeira polidez que lhes dá direito à Régua.

Este instrumento moral torna-se o guia de seus atos: *sempre direito* é a divisa do Iniciado. Mas a rigidez não é um preceito absoluto de conduta. Uma linha reta pode prolongar-se ao infinito nos dois sentidos; ora, desenvolver o direito ao extremo, é desconhecer a moderação que lembra a Régua que é graduada.

A Régua sozinha não se presta todavia a nenhum traçado preciso, geometricamente determinado. Não é assim quando se associa ao Compasso. O círculo oposto à linha reta é a imagem do que está circunscrito e nitidamente delimitado. Faz lembrar o que não tem começo nem fim e dá também a sensação do infinito. Seguramente, mas de um tempo infinito limitado no espaço. Na prática, o círculo é o símbolo do relativo comparativamente ao absoluto figurado pela possibilidade de prolongamento ilimitado da linha reta.

Absoluto e relativo se impõem ao artista que tem a missão de fixar uma forma: ele não determina nada se se perde em indefinições, se sonha com a perfeição absoluta, se não se resolve a circunscrever suas ambições. Um ideal de retidão deve ser perseguido sem desfalecimento; mas nós não construímos no infinito dos espaços interestelares: nosso canteiro é terrestre e é esta orbe que delimita o compasso.

Relacionado à figura humana, o compasso tem uma cabeça e dois braços que se afastam à vontade. Em seu maior afastamento, mede o domínio que pode atingir o gênio humano, o conhecido além do qual se estende a imensidade misteriosa do inexplorado, provisoriamente desconhecido.

Instrumento de discernimento positivo, o Compasso reconduz o pensador ao sentimento de sua finitude: o que ele pode saber não é nada em relação àquilo que ignora. Desiludido de antemão, o Iniciado não aspira jamais uma ciência universal; ele terá consciência de ocupar o centro de um círculo estreito que limita seu horizonte intelectual ao campo de sua atividade laboriosa. Seu fervoroso desejo, sendo o de bem trabalhar, projeta a luz sobre os materiais a desbastar: não é mais que um fraco clarão, mas não pode enganar porque se trata da Verdadeira Luz.

Régua e Compasso colocam o espírito em guarda contra a metafísica. A razão tem seus limites, além dos quais a mais rigorosa lógica leva sempre ao absurdo; aplicadas ao infinito, as mais belas deduções se tornam divagatórias. Há um círculo de sabedoria de onde o iniciado deve aplicar-se em não sair. Deixemos falar os maníacos da régua que desacreditam a filosofia, sem recorrer ao compasso; grandes construtores de sistemas, eles partem de noções justas, porém a perseguição de seus raciocínios os faz perder o sentido da realidade; eles transpõem o círculo da razão e entregam-se a falaciosos delírios, sempre perigosos para os espíritos fracos.

Homem esclarecido e de sólido bom senso, o adepto da Arte de Viver não saberia ser um doutrinário absolutista, um ideólogo utopista ou um iluminado no sentido corrente da palavra: é um sábio modesto que se aplica a julgar corretamente o que for da competência de sua apreciação. Vãs teorias não o desviam jamais de seu trabalho de realização prática; ele não se perde em especulações estéreis, costumeiras nos espíritos que se colocam perante problemas insolúveis. A vida é sua inspiradora: aplica-se a pensar, não por diletantismo, mas por necessidade vital, a fim de poder cumprir sua tarefa de ser vivente, agindo com lucidez.

Esta tarefa exige do indivíduo um trabalho de formação que permita adaptar-se à realização do objetivo que persegue. Ele deve formar-se tendo em vista sua destilação; é nesse sentido que a Régua e o Compasso guiam o talhe definitivo da Pedra, permitindo traçar em sua superfície o retângulo que

determinará sua forma. Na vida ordinária, a educação visa, antes de tudo, a tornar sociável, inculcando preceitos de um indispensável saber viver; ela prepara, a seguir, o indivíduo para o papel que deverá desempenhar na vida, de onde a formação profissional. Dá-se o mesmo na Iniciação: corrigindo seus defeitos profanos, o neófito desbasta a Pedra onde se exercita, polindo-a parcialmente antes de empreender o talhe conforme às exigências construtivas. Este trabalho posto em obra executa-se segundo as determinações geométricas fornecidas pela Régua e pelo Compasso.

É de observar que todas as figuras geométricas podem ser traçadas com a ajuda desses dois instrumentos. Daí ter lugar, primitivamente, um simples cordel, porque a geometria nasceu sobre a terra, da necessidade de medir a terra. A corda estendida entre duas estacas determina a linha reta da qual advém o raio de um círculo, desde que uma das estacas seja conduzida na extremidade da corda orientada. Dividir o círculo traçado em seis partes iguais, determinado triângulos equiláteros e retângulos, é um jogo que facilitou a tarefa dos primeiros construtores. Não é, pois, surpreendente que eles houvessem atribuído um caráter sagrado ao círculo e às figuras retilíneas que ele engendra espontaneamente.

A Alavanca

Para talhar a Pedra em todas as suas faces deve-se poder volteá-la. Ora, ela é muita pesada para ceder à pressão dos braços; deve ser erguida por um instrumento de força que é a Alavanca. Nenhuma massa resiste a essa inflexível barra de aço, se ela for manejada judiciosamente; seu emprego se ensina, desde que a Régua e o Compasso tenham se tornado de uso familiar. Esses instrumentos são reunidos na mão esquerda do Aprendiz julgado digno das provas de Companheiro. Quando a Alavanca substitui o Compasso, ele sai da mão direita, sem soltar a Régua que deve guiar a aplicação do poder misterioso ao qual ninguém resiste.

A Alavanca iniciática é, com efeito, aquela que ergue o mundo: é a *vontade humana*, agente de todos os milagres do trabalho. Aplicado segundo a Régua, este poder se torna irresistível; mas a Pedra erguida inconsideradamente arrisca cair e quebrar-se, quando não esmaga o imprudente que maneja a Alavanca. Isso significa que, sem a vontade, nada se pode edificar de grande, mas que é interdito brincar ou abusar dela, sob pena de se desencadearem catástrofes. Para merecer a Alavanca, deve-se estar formado *geometricamente*, fazendo prova de sabedoria; corrigindo nossos defeitos, liberamos nossa energia voluntária. Aquele que venceu a si mesmo, por submeter-se ao comando de seu discernimento, torna-se digno de se fazer obedecer e recebe a Alavanca.

Este instrumento confere um poder mais misterioso do que aquele do Maço. O Aprendiz que bate sobre o cinzel exercita o querer, disciplinando sua vontade. Brincar com isso inconsideradamente não é um meio de fortificar-se. A vontade que se dispensa é fraca; aquele que se coloca a serviço de um capricho não teria senão uma pobre e pequena força impotente. Aquele que sabe querer, mostra-se econômico de um poder que vê como sagrado; ele não o deseja senão com bom conhecimento de causa e em rigorosa retidão. O querer individual reduz-se ao manejo do Maço do Aprendiz; é ele que tenciona os músculos e os fortifica à vista do trabalho, mas nossa força seria de pronto esgotada se não a renovássemos sem cessar. Aqui intervém BOAZ que significa *nele a força*, do mesmo modo que JAKIN significa *ele estabelece, ele funda*.

Sempre equilibrado, medido, são em todos os sentidos, o Iniciado sabe querer com calma, postura, sem exaltação, mas com constância e firmeza. Não deseja senão o justo, e isso confere a sua vontade um irresistível poder, não no efêmero presente, mas no amanhã que se cria. Querer iniciaticamente é renunciar a todo desejo pessoal para associar-se à vontade segundo a qual o progresso se cumpre na Humanidade. Esta vontade não é tirânica e guarda-se de se impor, mas ela determina a corrente pela qual os Iniciados são chamados a trabalhar em comum, prestando-se mútua ajuda como dignos Companheiros.

A Arte Real baseia-se essencialmente sobre o culto da Vontade, poder divino posto à disposição do Homem. Se ele usa normalmente de sua prerrogativa, segundo o Esquadro (*norma*, em latim), ele se diviniza, o homem justo tornado Homem-Deus, Homem de Deus, de acordo com Deus, daí *unido a Deus*. Esta concepção é anterior ao Cristianismo que, prodigioso em sua renovação religiosa, esforçou-se em recolher os frutos da mais pura piedade do passado. Fiéis às aspirações da alma cristã, os Iniciados conceberam a missão redentora do Homem-Deus encarnado na Humanidade. Eles não entraram em discussão com os teólogos, porque sua regra é o silêncio, mas se esforçaram por penetrar o espírito de um dogmatismo sutil que não pode ser posto ao alcance das massas. O Saber é bom para o Homem de Espírito, ao qual corresponde o Espírito Humano que esclarece todo homem que vem a esse mundo. Uma centelha do fogo divino dorme em cada um de nós. Muito freqüentemente, ela permanece isolada sob um monte de cinzas que impedem o fogo espiritual de avivá-la. É então que as provas iniciáticas vêm em auxílio do espírito aprisionado que, cansado das trevas profanas, aspira à Verdadeira Luz. As purificações tornam as cascas permeáveis e transparentes, para permitir que o ardor particular se una ao Fogo universal que anima todas as coisas. Partindo da boa vontade inicial exigível de todo Iniciado, esclarecem a energia volitiva que não pode tornar-se sabiamente eficaz, senão quando se manifesta concorde com uma vontade mais geral. Posta a serviço de ambições egoístas, de apetites ou de caprichos, a vontade humana se agita em forças desviadas e nada produz de durável; ela elabora catástrofes quando procede pela acumulação de energias exaltadas no erro. As massas mal esclarecidas correspondem aos ciclopes da fábula, aos gigantes furiosos que não sabem senão demolir.

Esclarecido sob esse ponto de vista, o Construtor espiritual abstém-se escrupulosamente da excitação demagógica. Exercendo sua vontade na esfera de sua atividade pessoal, ele prega o exemplo com sabedoria, como cidadão racional, cioso de não provocar qualquer perturbação perto de si. Tal não significa que um Iniciado deva estar sistematicamente satisfeito com as condições que asseguram uma ordem social transitória. Aspirando à saúde coletiva, ele discerne os males que convêm remediar, mas temendo a cirurgia, ele prefere a higiene que aplica a si mesmo, preconizando a aplicação generalizada.

Se, hábil no manejo da Alavanca, ele sabe querer de acordo com todos os que desejam o bem, não permanecerá contemplativo em presença de males de deplora: querendo com fervor e constância, contribuirá, sem pretender, para com o governo psíquico das massas. Estas se submetem à influência de quem *pensa* e *quer* o que for saudável para elas. Cabe, pois, aos verdadeiros Iniciados, governar ocultamente, exercendo um efetivo e legítimo *poder espiritual*, aquele do *pensar justo* combinado com o *querer desinteressado*. Os mistérios da Arte Real endereçam-se aos reis dignos de exercer a realeza do amanhã.

O Esquadro

Quando a Pedra Bruta está talhada em todas as suas faces, nada mais resta, para proclamá-la perfeita, senão submetê-la ao controle do Esquadro. Polida e estritamente retangular em todos os sentidos, ela realiza o ideal da *Pedra Cúbica* dos maçons que transformaram a *Pedra Filosofal* dos hermetistas.

Este símbolo de perfeição se relaciona ao homem que pensa com justiça e se comporta em seus atos com rigorosa eqüidade. O ideal proposto não tem, pois, nada de quimérico, porque o mais humilde maçom pode talhar-se em Pedra Cúbica, contanto que ele aporte ao trabalho o discernimento e a boa vontade necessários. O que se lhe pede, é que se forme corretamente, até tornar-se o que os alemães chamam *ein rechtschaffener Mensch*, um homem de formação irreprochável, ocupando, na humanidade, o lugar que lhe convém. Não é necessariamente um grande homem, um herói ou um santo; é, de preferência, um homem honesto, que pode passar despercebido, mas que não faz menos honra à espécie humana.

Relacionando-se com seu próximo retangularmente talhado como ele, esse homem será construtivo em razão de sua forma, o que lhe permite ocupar seu lugar no edifício humanitário; Pedra viva do Templo vivo, o homem impecavelmente formado participa da vida superior do gênero humano; não está mais abandonado a si mesmo na luta que lhe impõe a existência terrestre. Pelo fato de viver de modo superior, maravilhosos poderes lhe são concedidos, e a Pedra dos Sábios, que ele possui, cumpre nele suas promessas. Sabendo distinguir o verdadeiro do falso, ele transmuta o erro em verdade, em *retificando*, segundo o preceito do VITRIOL. Ele descobre em toda parte elementos do justo que ajuda a triunfar nos espíritos perturbados. Fabricando assim o ouro filosófico, ele enriquece os pobres, do mesmo modo como cura as doenças.

Os símbolos não mentem, mas não se endereçam ao vulgo que despreza seu significado profundo, para interpretá-los segundo concepções grosseiras. O homem íntegro é poderoso. Se o progresso se realiza, a despeito da coalizão dos egoísmos que reinam ostensivamente, é porque há uma conspiração oculta dos homens de bem que, sem se conhecerem ou se combinarem, agem coletivamente no domínio psíquico. É uma Providência

terrestre constituída por sãs aspirações humanas. Desejar o bem com fervor e agir em conseqüência confere o supremo poder mágico, a verdade, aquela que domina o mundo a assegura sua evolução.

O Iniciado que passa a Companheiro na Arte Real aprende a trabalhar humanitariamente. A Grande Obra não é mais um sonho para ele, porque, se foi iniciado sucessivamente no emprego dos utensílios de Companheiro, não pode deixar de conceber como possível a realização do mais sublime ideal. O homem dispõe de sua própria sorte: tudo depende dele, de sua retidão de julgamento e de sua energia moral. Ele pode tudo, se sabe querer aquilo que é conforme ao bem. Sua formação *normal* é o objetivo do Segundo Grau da Iniciação. Quando o Esquadro responde por ele, está pronto como Obreiro e não tem mais que se preocupar consigo mesmo; vai poder lançar-se à Obra coletiva e afirmar-se como Companheiro efetivo.

Todavia, os utensílios formadores permanecem sagrados para ele, porque a Pedra não continua perfeita se não for preservada de toda deterioração. Ela é viva e reclama cuidados. Aperfeiçoar-se constantemente é tarefa imperiosa daquele que aspira ao bem geral. Não há ação, a não ser através dele mesmo: harmonizando-se individualmente, ele influencia harmonicamente a coletividade. O Microcosmo intervém como modificador do Macrocosmo, a título de indefinidamente pequeno. Tudo se relaciona: também os efeitos atribuídos outrora ao pó de projeção dos alquimistas não surpreendem mais o sábio moderno. A Pedra Cúbica age como o microrganismo que determina as fermentações. Um único homem pode muito, se soube formar-se construtivamente. Projetado numa solução salina, o mais ínfimo cristal formado provoca a cristalização de toda massa saturada. Talhemos escrupulosamente nossa Pedra, e nossa ação construtiva não poderá faltar em fazer-se sentir.

Mas sem Esquadro, não há talhe correto, único realizador do milagre da transmutação. Daí resulta, para o maçom, o culto do Esquadro, verdadeiramente inspirador do culto da Cruz entre os cristãos. De onde aqueles tomaram o costume de assinar a Cruz, absolutamente como os maçons assinam o Esquadro? O sinal do Esquadro é mais simples, logo, mais primitivo; não é ele senão imitado pelo sinal da Cruz. Existiam, aliás, maçons antes do Cristianismo; sua religião secreta forneceu adeptos à nova crença que praticava seus ritos nas catacumbas, pedreiras exploradas pelos maçons de Roma. Na dúvida, reportemo-nos à pintura do cemitério São Calixto, representando o coveiro Diógenes de pé, com pés em esquadria, entre os ramos de um compasso aberto.

A Liberdade

O acabamento da Pedra torna o Obreiro disponível para um trabalho que não se aplica mais a sua própria formação. Reconhecido como formado segundo o Esquadro, tem a chance de depositar os preciosos utensílios dos quais se serviu ao longo das quatro viagens impostas ao Aprendiz julgado digno de passar a Companheiro. É, com efeito, com mãos vazias que viaja o adepto livre das preocupações de adaptação à tarefa que lhe incumbe. Sendo como deve ser, fiel executor do programa iniciático, não sofre mais a tirania dos baixos instintos, dos caprichos impulsivos ou das paixões egoístas; ele está na posse de si mesmo; uma vontade reta o governa e suas aspirações não lhe trazem senão o bem. Está, pois, pronto para dirigir-se livremente, não ouvindo senão sua consciência esclarecida.

Esta voz interior microcós mica não é mais que o eco da palavra viva do macrocosmo. O Iniciado a escuta com piedade, enquanto percorre o mundo para terminar sua instrução.

Se se tratassem de instruções profanas, o viajante escutaria menos a ele mesmo do que aqueles que ensinam publicamente. Ele freqüentaria escolas, ávido por assimilar toda ciência humana. Seguramente, nenhum saber é de se desprezar; o Iniciado interessa-se por tudo aquilo que os homens podem aprender e nenhuma das artes liberais lhe deve ser estranha. Mas saber *muito* não é sua ambição: ele prefere saber *bem*. Ele se instrui daquilo que tem necessidade de saber, de tudo que o ajuda a melhor compreender a vida e a trabalhar mais eficazmente para o bem geral. As vãs curiosidades não o detém jamais, porque ele evita consumir sua vontade na resolução de problemas insolúveis. Sua sabedoria é verdadeiramente sábia, ou seja, racional, medida e consciente da realidade, ela se aplica à vida, à arte de viver e permanece moralmente prática na ação, de preferência a tornar-se dissertatória e comentadora de belas teorias.

Isso não significa, de modo algum, que seja interdito ao Iniciado sonhar. Nós sonhamos antes de pensar com método: é o sonho que fornece a substância de nossas idéias; se nós o negligenciamos, caímos num positivismo medíocre, indigno de um pensador completo. A meditação mais fecunda é aquela que deixa ao espírito seu livre impulso e faz apelo às idéias inesperadas, àquelas que a imaginação recolhe sem ter consciência de as

haver gerado. As idéias que assim se apresentam não são extravagantes porque sofreram as purificações iniciáticas. É, pois, permitido ao Iniciado abandonar-se ao sonho. Se ele realmente tornou-se refratário ao que é falso, as imagens que atrai se relacionam a justas concepções. Sem dúvida, se ele se considera como um profeta e se deixa deslumbrar por sua intuição proclamada infalível, cai num iluminismo de mau gosto; é um perigo que espreita o falso iniciado, aquele em quem as provas não foram operantes. A arte de escutar a si mesmo implica num julgamento seguro, preservado da presunção indulgente que leva facilmente a acreditar em si mesmo. Se o Companheiro é, finalmente, posto no caminho sem utensílios, é porque está bem formado para que não se arrisque à falta desses instrumentos daí por diante.

Não havendo mais perigo de que faça mau uso de sua liberdade, pode viajar sem a Régua iniciática dos Telemitas de Rabelais: *faze o que quiseres!* Tornando profundamente bom, sua inspiração será boa; seu julgamento o preservará de toda extravagância, e seu coração ditará as ações de fecunda generosidade.

Para viajar com as mãos livres, o Companheiro se separa da Régua, instrumento capital sem o que não poderia cumprir as peregrinações precedentes. Abandonando a régua, todavia, não sonha tornar-se infiel. O artista que possui sua Arte não mais precisa conformar-se ansiosamente às regras tradicionais que o guiaram no início: a prática faz passar as regras naquele que as aplica espontaneamente, sem as ter presentes no espírito. Iniciado no gênio da Arte, não é mais escravo de prescrições estreitas.

Assim deve-se entender o privilégio dos sábios que, segundo a expressão mística, aproveitam a *santa liberdade das crianças de Deus*. Ela é o contrário da licenciosidade e da insubordinação orgulhosa. O homem torna-se livre na medida em que consegue vencer nele o mal.

O Iluminismo Iniciático

Se a quinta viagem se realiza com as mãos vazias, é porque incita à contemplação das coisas exteriores. Como nas precedentes, ele parte do Ocidente, onde se observam os fatos, porque, para se instruir, o pensador começa por olhar em torno de si mesmo, tratando de explicar por si próprio o enigma das coisas.

Ele pode ater-se às suas visões pessoais, sem experimentar a necessidade de enriquecer-se com soluções as quais outros puderam chegar. Este é o escudo dos presunçosos que se recusam a viajar, quando a via iluminativa de abre definitivamente diante deles.

Mais avisados são os investigadores que não se detêm nas hipóteses nascidas de primeira mão e não hesitam em passar sucessivamente em revista todos os sistemas conhecidos para explicar o inexplicável. É este o modo de atravessar a escura floresta do setentrião, cheia de todos os erros que confundem o espírito humano. Tendo aprendido a construir com solidez, o Companheiro discerne a fraqueza dos alicerces que pretendem ligar a terra ao céu, que levam à Torre de Babel e à confusão das línguas. Os metafísicos se limitaram a criar uma terminologia sábia que dá chance aos raciocínios sobre o desconhecido fantasiado num nome: substituindo conceitos inexprimíveis, as palavras se prestam aos jogos falaciosos da argumentação; elas enganam e engendram a mentira. Todavia, não conseguem mentir de um modo absoluto. Querendo expressar uma verdade, aludem à verdade, disfarçando-a.

É isto que reconhece o adepto quando, desembaraçado das macegas verbais, aproxima-se do Oriente, fonte da claridade espiritual. Tudo, por sua vez, é falso e verdadeiro, falso enquanto expressão necessariamente imperfeita; verdadeiro no fundo daquilo que quer se expressar. Nenhuma doutrina é de ser rejeitada radicalmente. Escutando a si mesmo, ele deve perceber o eco universal da verdade.

Instruído do valor de tudo aquilo que se pode dizer, o pensador procura a solidão dos desertos queimados da região do meio-dia. Lá, o Sol, dardejando verticalmente, nada deixa na sombra. Ele mostra as coisas sob um dia brutal e obriga a raciocinar com crueldade. Nós não percebemos

senão aparências: a realidade nos escapa; por instruídos que possamos ser, nada sabemos de incontestavelmente certo. Nossas representações procedem de fantasmagorias; o mundo é, para nós, aquilo que imaginamos, a projeção de nossas impressões subjetivas sobre a tela da objetividade.

Com as mãos livres, o Companheiro retorna ao Ocidente de onde partiu. A noite se faz em torno dele. A humanidade se debate no mistério; mais vale resignar-se à ignorância do que se adornar com orgulhosas especulações fortemente decepcionantes. Contentemo-nos com um saber modesto que nos ajude a bem trabalhar.

Depois de tudo, o que há de certo? A quem perguntar senão à Vida? Nós nos sentimos viver, e nisso não somos enganados. A vida, ela mesma, é um mistério, o Grande Mistério, o Mistério dos Mistérios. Ela revela-se a nós pelo fato de que nós vivemos, sem nos esclarecer sobre sua essência, suas origens ou suas finalidades. A sabedoria quer que nós a tomemos tal e qual ela se dá, esforçando-nos por compreendê-la na medida em que ela é compreensível. Ora, nós dependemos da Vida e não é ela que depende de nós. Ela nos é, pois, superior. A esse título, como admitir que não tenha sentido, uma inteligência que lhe seja inerente? O que constatamos é que ela constrói; ela edifica os organismos. Mas *órgão* significa *instrumento* e a fisiologia ensina que a função cria o órgão, ou seja, a vida produz instrumentos adequados ao trabalho vital. Qual é este trabalho senão aquele do qual resulta a criação, esse conjunto de coisas as quais se reportam as sensações? Pouco nos importa a relatividade ontológica daquelas; elas nos revelam aquilo que temos necessidade de conhecer para cumprir a função que a vida assina. Ora, isso é tudo o que nos importa na prática.

O verdadeiro *Iluminado* não tem outra ambição senão ver claro o caminho de sua Vida, a fim de que se dirija ele mesmo com sabedoria e possa servir de guia a outrem. O Tarot nos mostra esse adepto sob o hábito de um eremita, procurando sua rota à luz de uma lanterna velada (Arcano XI). É bem a imagem do iniciado que se isola das influências profanas, a fim de seguir imperturbavelmente a via de sua iluminação interior. Não se trata aqui da exaltação mística nem de uma renúncia à vida normal: a Iniciação repudia todos os egoísmos, mesmo aqueles que visam à saúde da alma, aspirando a felicidade do repouso eterno; a beatitude preguiçosa não é o ideal dos devotos da vida que se associam a seu Trabalho criador.

A pura iluminação faz reconhecer que tudo se cria continuamente; que existir, sob qualquer forma que seja, é viver, e que viver é trabalhar. O repouso não é um fim; ele não é mais que relativo e marca uma alternância no modo de atividade manifestada. A necessidade de uma intervenção reparadora se impõe. Tudo não é senão, verdadeiramente, trabalho: devemos trabalhar, não menos para *viver* do que para *ser*. Tal é a doutrina onde são chamados a penetrar os discípulos da Arte Real.

A Estrela Flamígera

Após a realização de sua quinta viagem, o Companheiro, de volta ao Ocidente, está disponível para a Grande Obra propriamente dita. Ele recolhe-se e espera. O principiante que hesita dá lugar ao obreiro maduro, chegado naturalmente ao anoitecer da vida. Para ele, o dia cai e noite obscurece-se; ele não mais percebe mais que o véu de uma sombra sintética suavizando os detalhes aos quais, de ordinário, liga-se a atenção. Em revanche, o céu ilumina-se, as estrelas aparecem, pálidas primeiro, depois cada vez mais cintilantes; elas não esclarecem como o Sol ou como a Lua, cegando ou irradiando uma luz baça, facilmente enganosa. As estrelas não revelam nada daquilo que é terrestre; elas guiam, entretanto, o navegante. O sábio que sabe consultá-las guia-se com segurança na vida.

Não se trata aqui de astrologia vulgar, mas de uma entrada em relação do homem terrestre com as influências celestes. Ainda que agindo num domínio estreitamente limitado, o ser humano permanece cidadão do Universo. Ele não perde seus direitos de partícula microscópica do Macrocosmo, mas pose disso desinteressar-se, dobrando-se sobre si mesmo como o molusco que se isola na concha. Ora, a vida é rítmica, de onde suas alternâncias perpétuas: entrar em si é, pois, necessário, mas sair de si não o é menos. O Iniciado aprende a concentrar-se, mas não negligencia a operação inversa que lhe permite desenvolver-se. Ele medita profundamente, depois se abandona à contemplação passiva no silêncio noturno, quando o firmamento se ilumina com sugestivas claridades.

Pobre é a imaginação que as estrelas não despertam. Elas não dizem nada, mas elas fazem sonhar, e nossos sonhos tornam-se lúcidos quando a harmonia está em nós, quando nos tornamos efetivamente refratários àquilo que é falso, logo, às falsas notas da música do espírito. Cuidemos que nada perturbe nosso espelho mental, depois sonhemos... Recolhamos as imagens que se apresentam diante de nosso objetivo intelectual e tratemos de compreender o que elas significam. O Iniciado não as toma ao pé da letra, mas, ligando-se a elas com o desejo de discernir seu sentido, ele consegue instruir-se naquilo que nenhuma escola ensina. As estrelas são os olhos de um Argos que tudo vêem. Se elas pudessem falar, o que não teriam a dizer? Mudadas, elas fixam em nós um olhar sugestivo que nos incita a adivinhar os conhecimentos preciosos que puderam possuir as épocas desaparecidas. Certas verdades sutis extinguem-se diante do Sol de uma razão desdenhosa;

outras, fantasticamente esclarecidas pela Lua, não se tornam elas irreconhecíveis?

A discreta luz que cai das estrelas não fascina nem engana a ninguém. Ela endereça-se ao Sábio que sabe escutar nele a voz do Silêncio, disto que os Gnósticos fizeram o esposo do infinito divino, fonte de percepções incomunicáveis.

Mas, do mesmo modo que o concerto do céu traduz-se em sinfonia, a luz do exército de estrelas sintetiza-se no flamejar de um astro único. Não é dado a cada um ver esse foco luminoso desconhecido dos astrônomos. Quando o Companheiro pode dizer: eu vi a estrela flamígera, ele penetrou o grande mistério do segundo grau da Iniciação.

Tanto pior para ele se não viu senão uma transparência decorada com um pentagrama que traz no centro a letra G. Esse símbolo não é mendaz, e relaciona-se muito corretamente àquilo que um verdadeiro Iniciado, instruído pelo ritual, deve saber adivinhar. Porque a verdadeira *divinação* se impõe a quem não deseja permanecer profano.

A Estrela misteriosa ilumina-se ao centro da Loja que representa o Universo. Nela pode inscrever-se uma figura humana com os quatro membros afastados, dominados pela cabeça, também tornada ela o emblema da hominalidade que distingue o discernimento e o exercício de uma vontade dominadora do quaternário dos membros destinados a obedecer. A irradiação desse astro não é outra senão aquela da Vida, observada como única em sua essência; ela irradia do centro de todo ser vivente, foco microcômico da Grande Unidade. Na Estrela, nós somos Um, o Homem e Deus. Essa linguagem não é iniciática, ela revela, por sua impotência profanadora; incumbe-nos, todavia, dar a refletir, chamando a atenção dos iniciáveis sobre o sentido profundo dos símbolos.

O Número Cinco

A metafísica do Aprendiz Maçom não conduz suas ambições além do Ternário. Não está ele liberado dos mais capciosos erros profanos, reconhecendo que *sujeito, verbo e atributo* se relacionam a distinções gramaticais que ignora a realidade que se impõe a nós como tri-una? Os fantasmas verbais desvanecem-se perante o pensador que, iniciando-se no mistério dos Números, inclina-se diante daquele da Santa Trindade. O Cristianismo quis ser iniciático em seu começo, mas não pôde permanecê-lo para a multidão satisfeita com crer sem compreender. A Franco-Maçonaria, ela também, promete a Iniciação, mas ela não pode iniciar senão os iniciáveis, de onde tantos franco-maçons que não são mais iniciados que a massa dos cristãos.

O estudo dos números começa pelo *três*, porque *um* e *dois* não se tornam inteligíveis senão no Ternário figurado pela proposição relativamente à qual sujeito, verbo e atributo tomam um sentido. O sujeito em si mesmo nada é, dá-se o mesmo com o verbo e com o atributo tomados isoladamente. Mas, em Iniciação, cada um deve encontrar por si mesmo o mistério dos Números; não temos, pois, que desenvolver aqui observações que nos seriam pessoais.

O que está fora de discussão é que *três* é o primeiro número sagrado dos construtores que viam no triângulo a figura fundamental da geometria. Eles construíam segundo três dimensões e guardavam-se muito de imaginar uma *quarta*. Se eles passam a *quatro*, é para distinguir as direções leste-oeste e norte-sul traçadas pela cruz. Esta fornece o esquadro, medida do ângulo construtivo, e lembra o Binário conciliado, tornado fecundo, como na cruz que conjuga o agente vertical e o passivo horizontal.

Cinco relaciona-se à *quintessência*, ou seja, à substância que se concebe como sujeito das qualidades aparentes, como o ponto de interseção dos braços da cruz vistas em suas correspondências com o quaternário dos Elementos. Quatro manifesta aquilo que cai sob os sentidos, a corporeidade,

enquanto Cinco se relaciona ao inteligível, àquilo que somente o espírito pode conceber.

Nessas condições, Cinco torna-se o número do Homem dotado de inteligência, de onde o Pentagrama e todo o simbolismo a ele relacionado. A Estrela de cinco pontas é o astro do gênio humano que se traduz em compreensão e em vontade; daí emana uma luz que se irradia vagamente e um calor do qual o efeito se faz sentir num raio mais restrito. O *Homem-Estrela* torna-se o foco concentrador, depois, emissor de tudo aquilo que é superiormente humano. Ele flameja com um ardor que não é mais individual, pois que provém do ambiente humano; este não é senão que o humanitarismo condensado ou *coagulado*, segundo a terminologia alquímica. O Iluminado torna-se atrativo pela Luz misteriosa, invisivelmente difusa através do espaço, dita *Luz Astral*, porque ela é emitida, não pelo Sol (Razão) ou pela Lua (Imaginação), mas pelas estrelas (Intuição Divinatória).

Saturando-se dessa luz, o Companheiro torna-se astralmente luminoso. Ela esclarece de modo misterioso, não por discursos, mas comunicando sua atividade psíquica e mental. É vibrando que ela faz vibrar como ele próprio vibra. O trabalho do qual ele é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto, repercute sobre outrem. É nisso que está a característica do segundo grau, porque o Companheirismo realiza a comunicação obreira, a grande cooperação de cada um com todos.

Eis aí mistérios de ordem profundamente religiosa. Eles escapam ao raciocinador profano que permanece frio e não sabe vibrar. Se a estrela flamígera lhe é mostrada, ele aí não vê senão fogo, como diz uma expressão corrente que é, talvez, de origem iniciática. A quem falta a faculdade de sentir, nada se revela em iniciação, porque unicamente a lucidez do coração pode conduzir à iluminação superior do Artista e do Poeta. Aquilo que nós sentimos profundamente não nos engana, e podemos confiar no sentimento do verdadeiro desenvolvido em nós pela piedade que nos faz amar a Verdade como uma deusa digna de nossa suprema afeição.

A Estrela do sábio é aquela de Vênus-Urânia, a Rainha do Céu, que reina sobre a sentimentalidade, porque é preciso amar para compreender. É um saber prático acessível a toda inteligência que importa não confundir com o *conhecimento* próprio aos Iniciados. O que eles chamam *Gnose* é uma revelação individual que beneficia aquele que ama profundamente a verdade, como puro cavaleiro do ideal; ora, o emblema das aspirações do pensador isento de toda grosseria não é outro senão a estrela de quántupla irradiação.

Por que cinco raios e não seis, sete, oito? É porque *cinco* reconduz *quatro* à unidade. Quatro é a cruz elementar, as oposições conjugadas de onde resulta a objetividade. Cinco é o centro da cruz, ponto matemático que

não cai sob os sentidos e não se pode senão conceber. Cinco torna-se assim o número da Compreensão que distingue o Iniciado, aquele da *Quintessência*, figurando a alma das coisas, seu substrato espiritual. Meditando sobre os mistérios do número cinco, podemos descobrir, com a ajuda do coração, três profundos segredos que não são divulgados aos adeptos superficiais. Muitos ingênuos, quando telhados, afirmam haver isto a Estrela Flamígera, porque ela lhes foi mostrada pintada sobre uma transparência. Esta visão corpórea é decepcionante, se ela nada invocar. Não é dado a cada um passar a Companheiro, mesmo com o consentimento dos legítimos titulares do grau, porque estes últimos não podem iniciar senão segundo a forma.

A Letra G

O Pentagrama não parece ser um símbolo de origem puramente maçônica. Os construtores deveram tomá-lo de empréstimo à escola de Pitágoras, ao mesmo tempo em que seu culto aos números sagrados, a menos que o filósofo não haja, ele próprio, se inspirado nas tradições construtoras, sistematizando-as. Mas a pentalfa encontra-se sempre sobre quantidade de muito antigas pedras gravadas. Esse foi um signo mágico, relacionando-se aos poderes da vontade humana. Os arquitetos da Idade Média atribuíam uma importância particular a essa figura, em razão de proporções misteriosas que ela lhes fornecia.

Menos preocupados com a geometria prática, os Franco-Maçons especulativos afastaram-se das formas rígidas do pentagrama, do qual animaram os contornos, ondulando-os segundo o uso do estilo flamejante. Sua primitiva Estrela Flamígera, permanecida simples, devia assim flamejar por ela mesma em suas quádruplas pontas. Mais tarde, acreditaram dever retornar ao astro retilíneo, enfeitando-o com um flamejo intersticial.

Assim a Estrela Flamígera tornou-se dupla, e podem-se aí distinguir dois pentagramas conjugados: um relacionando-se à luz, e outro, ao calor. Este último se encontra invertido, o que lhe torna *diabólico* em relação ao primeiro, visto como *angélico*. A *Estrela Flamígera* torna-se assim o símbolo da natureza humana, na qual se combinam as tendências contrárias do *Anjo* e da *Besta*, aquela da *Hominalidade* destinada a dominar a *Animalidade*.

Mas é de regra que o Binário seja reconduzido à Unidade pelo Ternário, de onde a letra G inscrita no centro da Estrela Flamígera. Esse caráter é o terceiro dos mais antigos alfabetos; ele teve, primitivamente, a forma de um esquadro (*Ghimmel* fenício e Gama grego). Foi a esse título observado pelos antigos construtores? Em sua forma latina, ele liga ao esquadro uma circunferência aberta, G. Esta letra pôde, pois, lembrar também o compasso; mas é ensinado aos Maçons que ela significa *Geometria*, explicação satisfatória, pois essa ciência é indispensável ao arquiteto e ao talhador de pedras.

Mesmo honrando Euclides, os Maçons jamais negligenciaram Pitágoras. Eles sempre tiveram tendência a espiritualizar aquilo que se relaciona à sua profissão, especulando sobre suas formas, as proporções e os números. Aquilo que eles, a esse respeito, sentiram como artistas e adivinharam como poetas intuitivos lhes constituiu esse saber particular, ao qual se relaciona a letra G, inicial de *Gnose* tanto quanto de *Geometria*.

Trata-se talvez de uma *Gnose* geométrica, ou seja, de um Conhecimento misterioso ligado às figuras da geometria. Isso é tanto mais provável que as antigas especulações de porte filosófico ou mais exatamente *filosofais* se relacionam a grafismos.

Lembrando o homem de pé, acordado, vivo, ativo, um simples traço vertical sempre exprimiu, de uma maneira geral, a idéia de atividade, enquanto o traço horizontal não pôde sugerir senão que uma noção de repouso, de sono e de morte, ou seja, de passividade. Esses dois elementos primitivos interceptam-se para formar a cruz, originalmente, signo de fecundidade, de conjunção e de combinação dos contrários, de casamento e não de morte. Foi tornado, em épocas pré-históricas, o signo do movimento rotativo da abóbada celeste, à qual se atribuía a origem de toda animação vital. Para exprimir esta rotação, os braços da cruz tornaram-se esquadros. Esse signo é a suástica dos arqueólogos. Ele era familiar aos antigos construtores que não puderam faltar em ver aí um símbolo relacionado à sua arte. Traçado ao centro da Estrela Flamígera, ele aí seria de melhor estilo que um caráter alfabético. Ganharia, neste caso, em tomar a forma de uma cruz inscrita num círculo, de onde os Hermetistas tiraram, mais tarde, dois ideogramas: o do nitrato e aquele do sal. Este último pôde interessar aos Franco-Maçons, porque se relaciona à *Sabedoria que concebe*, na qual coopera a iniciativa individual (ardor sulfuroso interno). O ideograma do Sal torna-se G, se for escrito com um traço sem contato com as extremidades; mas, unindo o círculo ao esquadro, a forma usual da letra G pôde acabar de seduzir os criadores do simbolismo moderno.

Ainda que aí possa estar a gênese da letra G, esta não era mais vista, no século XVIII, senão como a inicial de palavras escolhidas arbitrariamente. É assim que ela se traduz então por *Glória, Grandeza e Geometria*. Glória para Deus, Grandeza para o Venerável Mestre da Loja e Geometria para os Irmãos...

— *Não significa ela outra coisa?* — perguntava, segundo o catecismo, o Venerável Mestre examinador.

— *Maior que vós, Venerável.*

— *E o que poderia ser maior do que eu, que sou o Venerável Mestre de uma Loja justa e perfeita?*

— *É o próprio Deus, do qual esta letra exprime o nome pela palavra God, que é inglesa.*

Esse diálogo autoriza passar em revista todas as palavras começando por G em não importa que língua, para relacioná-las aos conhecimentos iluminativos do Companheirismo, de onde *Geometria*, *Gravitação*, *Geração*, *Gênio* e *Gnose* adotados pelos ritualistas franceses. Como têm provado engenhosos comentários, essas palavras podem se tornar os títulos de capítulos muito instrutivos de um manual de interpretação dos símbolos do Grau de Companheiro.

Acreditamos dever permanecer aqui no domínio estrito da Arte Real, evitando nos engajar em dissertações ilimitadas. Todo conhecimento, qualquer que seja, toma um aspecto iniciático, e a significação da letra G poderia, sem heresia, estender-se à *Geologia*, *Gramática*, mesmo à *Geomancia*, *Grafologia* e *Grimório*, para ater-nos somente à língua francesa. Na realidade, *Geometria* deve ser guardada. Esforcemo-nos, pois, por descobrir aquilo que esse termo pôde significar para os Iniciados.

A Geometria Filosofal

Os antigos construtores guardaram ciumentamente seus segredos profissionais. Não sabemos, pois, nada de positivo no que concerne à sua filosofia das formas, e devemos nos reportar ao simbolismo gráfico dos Alquimistas, para esclarecer-nos sobre a ideologia provável dos Maçons da Idade Média.

Ora, a ideografia alquímica decorre de um quaternário fundamental figurado pelo Círculo, a Cruz, o Triângulo e o Quadrado.

Essas figuras elementares se combinam para engendrar signos tais como os seguintes:

Todas essas combinações se justificam logicamente e fornecem a chave do Hermetismo a quem sabe compreender aquilo que significa *traçar*.

Está, pois, fora de dúvida que existe uma Geometria menos árida que aquela dos teoremas clássicos, menos demonstrativa, mas sugestiva em grau supremo. Se esse conhecimento foi familiar aos Hermetistas, é difícil admitir que os Maçons nele não estivessem interessados, porque não existiu jamais divisória estanque entre os adeptos da Arte Real e aqueles da Grande Obra metálica. Uma prova nos é fornecida pelo pentáculo alquímico do Rebis ou andrógino hermético, tendo na mão direita o compasso e na esquerda o esquadro. Essa composição que já mencionamos ornamenta diversos tratados de Alquimia do século XVIII, mas é anterior à invenção da imprensa. Aí se encontram precisamente inscritos o *Círculo* e a *Cruz*, o *Triângulo* e o *Quadrado*.

Mas o que poderiam relevar traços mudos aos espíritos meditativos do passado? *Círculo*, *Triângulo* e *Quadrado*, figuras fechadas, faziam alusão, para eles, às coisas circunscritas, limitadas e substanciais em oposição à *Cruz*, da qual os braços são extensíveis ao infinito. Mas a cruz e o círculo estão em afinidade, porque este se concebe, ele também, ampliado até o

infinitamente grande ou reduzido ao infinitamente pequeno do ponto matemático.

Eis, sem ir mais longe, com que fazer trabalhar uma inteligência iniciaticamente disposta. E o Triângulo, que se assimila ao Fogo, se está de pé, figura uma taça contendo água; se está invertido, que idéia dará do selo de Salomão? Quanto ao Quadrado, os Maçons o relacionam aos seus materiais de construção que são sólidos graças ao quaternário dos Elementos, cujas oposições, conjugadas em forma de cruz, conferem à matéria suas qualidades sensíveis.

É possível dissertar a perder de vista sobre as formas e sobre os números, por pouco que se seja acessível à sua eloquência. Não queremos nos deixar arrastar aqui para fora do quadro de simples indicações. Que nos seja suficiente, pois, chamar a atenção do leitor sobre um aspecto qualquer pouco fantástico da austera ciência de Euclides, sobre uma Geometria, digamos, *filosofal*, que faz sonhar tanto quanto raciocinar. Mas o sonhador que sonha geometricamente tem chance de não ser alucinado. Não seriam esses geômetras, iluminados racionais, a quem Platão abria todas as grandes portas de sua escola? A metafísica das figuras, não é ela preferível àquela das palavras? Esses são signos que primitivamente sugeriram as idéias em favor das quais as expressões verbais não foram forjadas senão mais tarde. Ajudando-nos a exprimir nossas idéias, a linguagem nos isenta de um esforço de pensamento viril; na medida em que, cúmplice de nossa preguiça de espírito, ela nos induz a contentarmo-nos com palavras, ela faz de nós emasculados cerebrais. É por essa razão que as escolas de pensamento profundo impuseram sempre a disciplina do silêncio, apresentando seu ensinamento sob a forma de símbolos e não de discursos. Aquilo que pode ser comunicado verbalmente é de ordem profana. Não se traduzindo em palavras escritas ou pronunciadas, o Saber dos Iniciados, aquele ao qual faz alusão a letra G, não se pode extrair senão que de dentro de nós mesmos, da fonte primitiva da pura iluminação mental. Esse conhecimento se baseia essencialmente sobre uma Geometria da qual não faz idéia senão um número ínfimo daqueles que imaginam haver visto a Estrela Flamígera e declaram conhecer a letra G.

O Salário do Companheiro

A iluminação do adepto que sabe trabalhar não é ilusória. Se ele ignora muitas coisas, sabe aquilo que lhe é útil saber. A Vida não lhe revela seu mistério, mas ele sente viver e isso lhe é suficiente como fundamento de sua certeza. Nós vivemos, eis que é fora de dúvida. Incompreensível em sua essência, a Vida nos domina, nos penetra e nos envolve: ela é em toda parte ativa e não se imagina nada que não seja sua obra.

Em presença dessa força soberana, qual deve ser a atitude do ser vivo dotado de inteligência e de sentimentalidade? Se, bem organizado para viver, ele é rico em vitalidade, amarà a Vida e, por instinto, terá por ela um culto. Daí nasce a religião natural mais espontânea, a mais verdadeira e a mais santa. A iniciação jamais a perdeu de vista, e ela aí conduz aos homens que procuram a *Luz*, com a esperança de encontrar a *palavra perdida* dos antigos sábios.

Visto que a vida é o agente construtor universal e que ela constrói os seres com discernimento, não é de se duvidar de sua inteligência. Sendo vivo, o Todo não saberia ser estúpido: ele evolui, perseguindo um desenvolvimento que obedece a certas diretivas, como se o plano do amanhã fosse traçado de antemão. Aqui intervém a noção de um *Grande Arquiteto*, sobre o qual os Maçons prudentes recusam explicar-se. Eles recusam-se a representar um Senhor antropomórfico da Vida, já que é esta, por ela mesma, muito misteriosa. A lei do Ternário permite considerar a Vida como tri-una gramaticalmente, pois que, em razão da linguagem, nós decompos a Unidade real em um *sujeito* vivo, em um *verbo* traduzindo a ação de viver e em um *atributo* considerando a vida enquanto coisa produzida. Para o pensador que não é mais escravo das palavras nem da gramática, a vida se concebe *una*, enigma global sintetizando todos os outros.

Praticamente nós não julgamos, aliás, a Vida em geral senão de acordo com a nossa que é restrita em sua particularização. Isso é muito sábio, porque apenas o conhecido nos permite conjeturar sobre o desconhecido. Ora, temos consciência de que nossa vida medida é preciosa e que, longe de desperdiçá-la, devemos nos aplicar em emprega-la utilmente. Desprezamos o homem que

não serve para nada e honramos àquele cuja atividade se revela fecunda. O valor humano é proporcional às capacidades de trabalho e à energia despendida em benefício do maior número.

Daí decorre uma regra invariável de conduta que dirige a atividade do Companheiro. Ele aspira a bem trabalhar e nisto se exercita com zelo, desenvolvendo seu talento, adquirindo sempre uma força crescente de execução. Eis aí o valor que ele se dá assim que recebe seu salário. Ele é recompensado em si mesmo pela aquisição de u poder realizador que faz dele o Obreiro completo.

A Vida universalmente organizadora encontra nele um instrumento de escolha, do qual se serve à vista da realização de sua Grande Obra. O que distingue assim o Companheiro é que ele *vive superiormente*. Colocado a serviço da Vida, esta o favorece naquilo que ele empreende, porque se aplicar em viver bem, segundo o espírito da Vida, é atrair a si a própria Vida, é fazer aliança com ela.

Notemos a esse respeito que o Companheiro recebe seu salário Juno à Coluna B.', que é feminina receptiva em relação à Coluna J.', considerada como masculina e inflamada de iniciativa individual. Isso equivale a dizer que, tendo esgotado toda energia que pode encontrar em si mesmo, atrai o dinamismo difuso do ambiente. Assim lhe vem um vigor misterioso, recompensa do Companheiro efetivo que descobre a *Gnose* secreta de seu grau. Ele compreende então que G pode significar Gênio, porque chamamos genial o que resulta de uma colaboração individual (Coluna J.', Enxofre dos Alquimistas) com o coletivo (Coluna B.', Mercúrio Universal). Nenhuma dissertação pode esclarecer nessas matérias àquele que não desenvolveu nenhuma clareza autônoma. Aqui se aplica a regra que, segundo Goethe, impede o ancião da *Serpente Verde* de deixar sua lâmpada irradiar uma claridade completa em meio às trevas que um clarão, por fraco que ele fosse, não teria atenuado. A Sabedoria iniciática não pode se endereçar senão aos iniciáveis, em quem um princípio de fosforescência interior faz apelo à plena iluminação de fonte exterior.

É preciso acrescentar que o homem se ilumina tomando consciência dele mesmo? Que é ele? Um centro de vida, de discernimento e de amor. Mas ele não é só, porque reconhece ao seu redor semelhantes animados de uma mesma vida, dotados, como ele, de inteligência e acessíveis aos mesmos sentimentos. Ele descobre então, em sua genialidade, que os semelhantes não fazem senão um, que eles constituem, em seu conjunto, o *Grande Homem Coletivo* que é permanente, enquanto o pequeno homem individual é efêmero.

Mas quais são as relações que se estabelecem entre o pequeno homem e o grande? Os Cabalistas, que foram indiscretos, responderam à questão. Mais reservados, os adeptos da Arte Real recusaram comprometer-se por belas teorias; contentaram-se em colocar o problema simbolicamente, para constranger cada Iniciado a resolvê-lo por si mesmo. Trabalhem, a Vida unicamente pode nos instruir.

Mestrado

O Retorno ao Ponto de Partida

Os ensinamentos da vida são de ordem prática. Eles formam o Obreiro, tendo em vista a tarefa que lhe incumbe, desenvolvendo sua habilidade, esclarecendo-o sobre a especialidade de sua escolha. Por preciosa que seja esta educação, ela não poderia ser considerada como respondendo ao supremo ideal iniciático. Tornando o Obreiro humanamente sábio, a educação corresponde à via média, normal e segura que se recomenda aos homens sinceros, fortes em sua boa vontade.

Mas quem quer agir, deve fazer-se convicto, adotando hipóteses de trabalho baseadas sobre a fé. Ora, a Iniciação integral esforça-se por discernir a verdade sincera, despojada de tudo aquilo que lhe torna comumente aceitável. Mesmo refugiada nua no fundo de um ponto, a verdade aparece sob formas sedutoras sob as quais se esconde um esqueleto. É até a ossatura da realidade que deve penetrar a visão do pensador. Não lhe é suficiente ver, agora, a Estrela Flamígera, porque ela está extinta para o Companheiro digno de conquistar o Grau de Mestre.

Tudo se obscurece, com efeito, para o adepto preocupado em examinar a fundo aquilo que acredita saber. Para repassar em seu espírito as aquisições de sua inteligência, deve retornar sobre o caminho da Iniciação. Triunfando, ao término do Segundo Grau, não pode caminhar em direção ao Terceiro, senão voltando sobre seus passos.

Reconhecendo que, a despeito de seus esforços, não realizou a imagem do homem-tipo figurado no Pentagrama, o Companheiro retorna à Pedra Cúbica atingida por numerosas imperfeições mostradas através do controle minucioso da Régua e do Esquadro. Estes instrumentos lhe

permitem reparar as negligências de seu trabalho. Ele retoma a Alavanca e censura-se por não a haver manejado escrupulosamente na iniciação. Muito freqüentemente, não desejou estar inspirado por motivos rigidamente direitos, como exige a régua. Deve acabar de disciplinar sua vontade. Sua razão não foi nunca arrastada para fora dos limites que traça o Compasso? E, a seu governo, foi seu julgamento sempre aplicado a ele mesmo com severidade? Discernindo estas faltas, desembaraçou-se delas sem pena, através de golpes de Malho assentados com vigor sobre um cinzel bem dirigido?

Perscrutando sua consciência, o Companheiro reconhece que, a despeito de sua aplicação ao trabalho, está longe de haver realizado a perfeição. Sua primeira instrução iniciática deve ser retomada, porque se pergunta se a venda da ignorância profana realmente saiu da frente de seus olhos. São tantos os preconceitos tenazes que o cegam ainda, que deve, mais do que nunca, lutar para conquistar a luz. Depois, deseja o Cálice da Amargura, que nem sempre teve a coragem de esvaziar até as fezes, pois o homem recua perante as crueldades contínuas da vida, ainda que tenha coragem para lançar-se ao Fogo purificador da grande prova, porque é mais fácil consentir em morrer bruscamente por um ideal, do que viver exemplarmente, sem desfalecer, ao curso de peripécias de uma longa e monótona existência renovadas incessantemente por torturas mesquinhas. A constância é a virtude daqueles que a água fortaleceu, ao mesmo tempo em que os lavou das imundícies contraídas por contatos impuros. Mas quem pode gloriar-se de escapar a toda mácula moral? Mesmo intelectualmente, conseguimos nos defender sempre de todo o preconceito? As discussões humanas não nos atraem para um dos campos antagônicos? Para que o ternário discreto se torne verdadeiro, é indispensável que saibamos planar acima do terreno das querelas estéreis, porque dois pontos figuram dois contraditores que não conseguem se ouvir, enquanto um terceiro ponto mediano não se colocar acima deles como árbitro e conciliador.

Síntese, apreciação imparcial

Tese, afirmação

Negação, antítese

Elevar-se ao terceiro ponto é fazer prova de serenidade de julgamento própria daquele que alcançou o cume da montanha onde foi purificado pelo Ar. Mas uma visão clara não se adquire senão ao preço de um prévio aprofundamento. Disso resulta que a elevação do espírito à sublimação filosófica é acompanhada de um esforço equivalente na descida a si mesmo.

É por esta razão que o Companheiro, desejoso de entrar na posse integral dos dois primeiros graus da Arte Real, retorna à Câmara de Reflexões onde começa por se submeter à prova da Terra: ei-lo de regresso ao ponto de partida, chamado, pela segunda vez, a morrer voluntariamente.

Em realidade, está se examinando a ele mesmo, tal e qual na Iniciação e sua incompetência o abate: ele nada sabe e permanece impuro, a despeito das purificações sofridas. Tudo está para recomeçar, se quer tornar-se Maçom, realizando o ideal maçônico, ou melhor, ambicionando o Mestrado.

A Câmara do Meio

Quando, voltando sobre seus passos, no aprofundamento dos ensinamentos recebidos, o Companheiro chega ao ponto de partida, não há lugar para mostrar-se orgulhoso de si mesmo. Ele quer tornar-se um Iniciado, um homem mais esclarecido que os outros e não se furta das penas para instruir-se, praticando a virtude. Seus estudos o fazem, finalmente, reconhecer que nada sabe e os esforços consagrados à realização do bem o deixam convencido de sua impotência. Átomo perdido na imensidão, é ínfimo. É loucura de sua parte aspirar ao cumprimento da Grande Obra. Não seria mais sábio resignar-se ao inevitável e deixar o mundo tal como é, vivendo o menos mal possível encorajado numa desdenhosa indiferença?

Desencorajado, o pensador se fixa em suas reflexões. Onde elas conduzem? Ele retorna para contemplar o lugar onde mergulhou em suas meditações. É uma caverna tenebrosa onde não brilha nenhuma claridade. Nada se manifesta à sua vista, mas escutam-se surdos gemidos que parecem provir de fantasmas. Esses lamentos são sugestivos, pois evocam imagens lúgubres. O Companheiro, adepto da vida, tem a impressão de haver descido ao antro da Morte onde esqueletos o rodeiam.

E ele não se engana, porque está na cripta da *segunda morte* dos Iniciados, no centro simbólico da Terra onde tem lugar a Câmara do Meio, o santuário da desilusão absoluta. Penetrando-o, somos chamados a morrer, não mais simplesmente para as grosseiras ilusões do mundo profano, como no começo de nossa iniciação, mas para tudo o que é frívolo e mesquinho. Desta vez, não é bastante se despojar dos metais, operação fácil comparativamente ao despojamento integral que exige a segunda morte: trata-se de se pôr a nu além da pele e das carnes, a fim de não ser mais que um esqueleto, porque o futuro Mestre deve se identificar com o Arcano XIII do Tarot, aquele que corta as cabeças do Rei Razão e da Rainha Imaginação, mas que, ceifando, faz surgir da terra, a cada movimento, mãos para agir e pés para caminhar. Isso significa que ser desencorajado pela desilusão torna-se fecundo para o homem de ação, discípulo do progresso. A tarefa é positiva e a evolução vital se afirma como realidade.

Que, aliás, ensina a Geometria? O ponto matemático sem dimensão nada é, mas, posto em movimento, este nada engendra a linha, geradora da superfície, mãe de todos os corpos de três dimensões. Não somos nada enquanto permanecemos imóveis, mas nosso movimento deixa um traçado luminoso, mesmo que não sejamos mais que efêmeras estrelas cadentes. Se concebermos que tudo não é mais que o nada em marcha, tornamos ativa nossa inação, sem nos enganarmos sobre nosso próprio valor e nossa capacidade. Agimos, sem nos debater em pura perda, porque vamos construir, porque este é o objetivo da vida.

Todavia, após haver sondado a profundidade de nossa ignorância, como podemos trabalhar em segurança, certos de que não nos enganaremos em nossa empresa? Ora, a desilusão paralisa: ela destrói a confiança adquirida pelo Companheiro e a certeza dos princípios segundo os quais ele trabalha. Perdendo sua fé ativa, ele abandona seus utensílios para permanecer desamparado entre aqueles que sucumbem, como ele, na grande prova da decepção.

Em que o desiludido poria sua confiança? Está sem ilusões mesmo quanto à Maçonaria, instituição que formula os bons princípios, mas não os aplica mesmo em seu próprio seio. Os maçons pretendem fazer reinar a harmonia no mundo: ora, eles se agrupam em organizações que se opõem umas às outras e se recusam a confraternizar entre elas. As Lojas recrutam mal e são invadidas por ignorantes vaidosos, incapazes de se iniciar realmente: também a iniciação é ela fictícia, e a Maçonaria vegeta como um corpo sem alma do qual o espírito foi retirado.

Tal é, eis, a irreparável catástrofe prevista pelo Ritual: o Espírito não mais governa. O Arquiteto do Templo está morto, e ninguém é capaz de substituí-lo. Os Mestres que recebiam suas instruções estão desamparados. Estão reunidos na Câmara do Meio, mas avaliam a situação sem saída e se abandonam à dor de não ter à sua cabeça o sábio Hiram, detentor dos supremos segredos da Arte de construir.

O Mestre dos Mestres

A Bíblia não faz alusão a Hiram, o arquiteto do Templo de Salomão: artista hábil em trabalhar os metais, esse fundidor não intervém senão tardiamente para preparar o Mar de Bronze, uma espécie de vaso sagrado, sem esquecer as colunas *Jakin e Boaz* que se desenhavam exteriormente à direita e à esquerda da entrada principal do santuário.

Nenhum escritor judeu faz alusão à morte de Hiram, o que faz supor que retornou a Tiro após o término dos trabalhos que aceitara executar em Jerusalém. O que os Maçons contam a esse respeito é, pois, pura lenda, um mito que não tomou de empréstimo da Bíblia senão o nome de seu herói.

Para os iniciados, tornou-se o arquiteto que traçava os planos e dirigia os trabalhos dos obreiros construtores que dividiu em Aprendizes, Companheiros e Mestres. Todas as classes de obreiros recebiam salários de forma diferente: Os Aprendizes, junto à Coluna Boaz; os Companheiros, em Jakin; os Mestres, na Câmara do Meio. Mas cada categoria, para esta finalidade, deveria fazer-se reconhecer pelos *mistérios* particulares do grau.

Ora, três Companheiros haviam, inutilmente, solicitado o mestrado. Foram julgados insuficientemente instruídos pelos Mestres que, assim, adiaram sua exaltação. Porém, satisfeitos deles mesmos, os três obreiros acreditaram-se vítimas de uma injustiça e resolveram obter, pela astúcia, o que lhes fora recusado.

Seu plano era o de constranger Hiram a comunicar-lhes o segredo dos Mestres. Postaram-se, então, perto do meio-dia, junto às três portas do Templo, porque o trabalho era interrompido nesse horário e o arquiteto tinha o costume de percorrer sozinho o canteiro de obras, a fim de controlar o avanço da construção.

Tendo acabado sua inspeção, Hiram quis sair pela porta onde espreitava o primeiro dos três conspiradores. Um diálogo se engaja. O Companheiro julga-se digno de passar a Mestre e intima Hiram a revelar-lhe

imediatamente o segredo do terceiro grau. Hiram recusa com indignação, daí o furor do Companheiro que desfere no Mestre um violento golpe com a Régua. Visava à cabeça, mas um movimento de sua vítima desviou o instrumento que se abateu sobre o ombro, perto do pescoço.

Hiram retira-se e dirige-se para outra saída, onde se choca com o segundo conjurado, mais insolente ainda que o primeiro em suas pretensões. Permanecendo firme em sua recusa, o Mestre é, desta vez, atingido na região do coração com a ajuda de um Esquadro – ou de uma *alavanca*, segundo certos Rituais.

Cambaleante, Hiran encontra forças para ganhar a terceira porta que está guardada pelo mais exaltado dos três malfeitores. O Mestre declara insensatas as suas exigências, o que lhe vale um mortal golpe de Malhete sobre a fronte.

Apavorados com seu inútil crime, os assassinos escondem o corpo de Hiram sob escombros. Depois, com a vinda da noite, eles o transportam para longe, enterrando-o num local pouco propício.

O desaparecimento de Hiram consternou a todos os Obreiros, em particular, os Mestres que, em seu abatimento, se puseram a gemer, sentindo-se incapazes de substituir o Arquiteto traiçoeiramente entregue à morte, porque o crime, – isto era evidente, – unicamente maus Companheiros o teriam podido perpetrar.

Enquanto os Mestres se lamentavam, um Companheiro penetrou em seu asilo de luto e recolhimento. Não seria este um dos assassinos de Hiram vindo confessar seu crime movido pelo remorso?

Os Assassinos de Hiram

Verdadeira em seu significado, a lenda é mais verídica, a seu modo, que a História, muito freqüentemente edificada com a ajuda de informações equívocas. O fundidor Hiram dos textos bíblicos, por hábil que fosse, é um personagem de muito pouca importância histórica, não tendo em comum senão o nome com o Mestre Hiram do Ritual maçônico. Todavia, o que personifica esse arquiteto imaginário é uma formidável realidade. Não é, pois, de nenhum modo, pueril exigir de um candidato a Mestre a prova de sua inocência no assassinato de Hiram.

Para o Iniciado, Hiram não é outro senão o *espírito maçônico*. Enquanto ele vive, a Maçonaria persiste em sua tarefa construtiva, o Templo é construído e, bem inspirados, os maçons trabalham com método, satisfeitos com o progresso que constatarem. Mas trata-se de um período conturbado, em que Hiram não mais dirige o trabalho maçônico, pois caiu vítima dos conspiradores da lenda que, eles também, não são reais.

O primeiro encarna a *ignorância*. Não mais aquela dos profanos, mas a dos maçons que deveriam ser instruídos em suas qualidades de Companheiros, iniciados nos mistérios da Estrela Flamígera. Infelizmente, certos portadores de insígnias, ignoram tudo a respeito da Maçonaria que eles pretendem, melhor que ninguém, compreender, pois que foram admitidos entre aquela maioria de obreiros que sabem trabalhar. Colocando tudo a seu nível que é, a seus olhos, unicamente a intelectualidade racional, têm eles por certo que nada poderia ultrapassar sua compreensão, salvo se fosse absurdo. Armados dessa Régua inflexível, golpeiam o Mestre. Não o matam imediatamente, mas o paralisam em sua ação (*braço direito*).

O candidato ao terceiro grau nunca pactuou com espíritos superficiais sempre prontos a condenar aquilo que não compreendem? Não se pronunciou pela supressão daquilo que não se enquadrava em sua lógica estreita, muito solícito em atrelar-se à tradição maçônica? Qual foi sua atitude em presença de críticas inconsideradas, formuladas à vista dos usos pretendidos ridículos ou, no mínimo, ultrapassados? Está certo de não haver nunca participado da mentalidade que fez abater sobre o Mestre a pesada

Régua do primeiro assassino? Se pecou, reconhece seu erro e toma a resolução de repará-lo?

O segundo assassino representa o *fanatismo*. Não aquele dos inimigos exteriores da Maçonaria. As organizações são ameaçadas por maus internos que simbolizam os maus Companheiros, promotores da morte de Hiram. São os que medem com o Esquadro, aplicando a outrem este instrumento de controle, quando deveriam servir-se dele para assegurar o corte correto de sua própria pedra: proclamam-se eles mesmos justos e impecáveis e se impõem como modelo.

Infeliz daquele que se recusa conformar-se com sua norma! Os maçons que não partilham de sua opinião são denunciados como heréticos e rejeitados como falsos irmãos. A tradição vital da tolerância é assim ignorada. Hiram é perigosamente atingido no coração pelos maçons que tomam ódio de seu contraditor, contestando sua boa fé.

O futuro Mestre admite que alguém possa pensar e agir de outra maneira que ele? Considera como válida apenas sua própria interpretação da lei maçônica? Legislando arbitrariamente, segundo o particularismo de suas estreitas concepções, não espereira Hiram perfidamente, armado de um Esquadro falseado pela intolerância?

Aqui, agora, a falta deve ser confessada e reconhecida em todas as suas conseqüências e depois expiada por um arrependimento profundo.

Isso não é tudo. O pior dos criminosos figura a *ambição* dos exploradores da ignorância e do fanatismo. Esses perversos apoderam-se do Malhete que mata Hiram: são os políticos que põem a Maçonaria a serviço de sua ideologia particular. Todos aqueles que desviam a Instituição de persistir em sua Grande Obra construtiva, tornam-se culpados do crime irreparável contra a tradição simbolizada por Hiram.

A ignorância corrige-se pela instrução, e a intolerância sectária é uma enfermidade curável. Mas o egoísmo que a ambição possui revela-se indigno da Arte Real. O mestrado não convém senão àquele que se esquece dele mesmo e não sucumbe à fascinação de qualquer miragem de vaidade. O orgulho de comandar ou brilhar num posto eminente não conduz senão a grandezas ilusórias. Para tornar-se realmente Mestre, o indivíduo deve concentrar seus desejos sobre o desenvolvimento de sua capacidade de servir a outrem. Esforcemo-nos por nos tornar úteis na medida de nossos talentos e de nossa energia, se quisermos nos elevar.

O Cadáver da Tradição

Está previsto que a imperfeição humana tende a matar continuamente o Arquitecto do Templo humanitário. Hiram morre diariamente quando os homens erram, porque os Iniciados têm por tarefa constante a de ressuscitar. Mas, para proceder a uma ressurreição, é indispensável encontrar-se em presença do despojo mortal do defunto. A procura do cadáver de Hiram se impõe, pois, aos adeptos que a morte do Mestre mergulhou no luto e na consternação.

Chorando Hiram, rendem em sua alma um culto ao ideal desconhecido e mantêm vivo o espírito que cessou de dirigir o trabalho maçônico. Eles permanecem fiéis ao sentimento pela tradição que está intelectualmente perdida. São os bons maçons que fazem confusamente uma idéia muito alta da Maçonaria, instituição gloriosa no passado, mas atualmente enfraquecida, doente e em vias de desorganizar-se. Eles sofrem e choram, porque têm consciência de uma *palavra perdida* e do apagar das luzes que esclareceram outrora os verdadeiros iniciados.

Nós não sabemos mais nada, – dizem eles, – tudo foi esquecido; mas restam-nos os vestígios mortos do antigo saber vivente. Essas relíquias são sagradas para nós, porque, se nada mais subsiste nas ruínas do edifício do qual queremos retomar a construção, como poderemos persistir na eterna Grande Obra? Eis o que resta de pé na tradição morta para compreensão do maçons, uma conjuntura *supersticiosa* da Maçonaria são seus usos inveterados, os símbolos obrigatórios e os ritos iniciáticos que a prática impõe. Tal é o cadáver de Hiram que se presta à evocação de seu espírito animador, se não for subtraído às homenagens dos fiéis à tradição pelos maus Companheiros. Encontrar esse cadáver é, pois, a tarefa que se impõe aos Mestres, desde que, dominando sua dor, tomem consciência daquilo que exigem deles as circunstâncias.

Nove Mestres se dispersam por grupos de três, para procurar o corpo de Hiram. Isis, em luto, percorreu toda a terra para descobrir, um a um, os pedaços do corpo de seu esposo, porque Osiris não pode ser chamado à vida,

se seu cadáver não for reconstituído em sua integridade. Em Maçonaria, o esoterismo é o mesmo: deve-se restabelecer o simbolismo maçônico em seu conjunto coerente, a fim de tomar sua significação e fazer reviver o espírito daqueles que praticam apenas uma rotina supersticiosa.

Como o de Osíris, o corpo de Hiram sofreu mutilações. Em seu falso racionalismo, os Companheiros amputaram-lhe os membros; outros, por sectarismo, enxertaram estranhos apêndices aos organismo normal do Mestre. Convém restituir aqueles que os primeiros arrancaram, desembaraçando das adjunções heteróclitas dos segundos o corpo do Mestre que vai ressuscitar. Distinguir o que é maçônico daquilo que não é – tal deve ser o cuidado dos expertos encarregados de encontrar o cadáver de Hiram. Eles se dirigem para o Ocidente, Oriente e Meio-Dia, concordando em se reunir ao Norte. Isso quer dizer que se informam por tudo o que é universalmente tradicional, fazendo abstração das fantasias locais e não retendo senão aquilo que é incontestavelmente iniciático. Uma ciência positiva não é seu guia; também eles erram muito tempo antes de encontrar indícios satisfatórios. Finalmente, um deles deita vistas sobre um ramo de Acácia.

Para se chegar a compreender o alcance do mito maçônico, é necessário lembrar que a planta de que se trata aqui aparece como a única em meio às areias desérticas. Trata-se de um arbusto espinhoso entre os Orientais que vêem nele um emblema da imortalidade. Em Maçonaria, os adeptos que se gabam de conhecer a Acácia, têm-se como iniciados nos mistérios do terceiro grau da Arte Real. Uma particular importância liga-se, então, ao ramo verde que sinala a terra sob a qual se descobrirá o corpo de Hiram.

Que significa esse ramo revelador? O verde, cor da esperança, faz alusão à que subsiste ainda em meio ao desespero. A crença no amanhã reanima a coragem daqueles que o presente desilude. Ora, esta confiança nasce de um sentimento indestrutível que liga o homem à Vida e à Grande Obra que ela persegue. Conhecer a Acácia é tomar consciência do incessante trabalho vital, é adquirir a certeza de que esse trabalho necessário não sofrerá qualquer interrupção prolongada. Se pára momentaneamente, é para ser retomado de imediato com novo vigor. Direcionado por um falso caminho, sofre curta interrupção que o obriga a melhor orientar-se. Hiram não saberia permanecer morto: ele não foi morto senão em vista de sua ressurreição.

O Túmulo de Hiram

Fixado na terra entre um Esquadro e um Compasso, o ramo de Acácia revela o lugar da sepultura do Arquiteto assassinado. Hiram foi enterrado a pouca profundidade e as trolhas postas em ação não tardam em remover a areia que recobria o corpo do Mestre venerado.

Esse trabalho de liberação é efetuado por aqueles maçons que aprofundaram a Maçonaria, porque, enquanto ela permanecer incompreendida, não representará senão o túmulo da Tradição morta, essa colina que se eleva acima da banalidade do deserto humano, mas que o Esquadro e o Compasso, acompanhando a Acácia, designam à atenção dos fiéis de Hiram. A Maçonaria não é, vista do exterior, senão uma coisa muito pobre, um acúmulo de insignificantes grãos de areia; mas o que ela esconde sob essa modéstia é inestimável aos olhos dos sábios, porque a tradição iniciática está morta, mas intacta, reconstituída em sua síntese orgânica.

Sem dúvida, um gesto de horror escapa daqueles que são postos em presença desse majestoso conjunto. Como semelhantes ensinamentos puderam se perder? Que perversão ousa matar aquele que, acima de tudo, merece viver? O crime cometido é abominável e enche de horror aqueles que o avaliam em toda a sua ignomínia. Se a Maçonaria estivesse viva, se seus adeptos se compenetrassem em trazê-la à vida, praticando-a em espírito e verdade, que não seria ela em comparação com o que mostra presentemente? Contemplando os traços imóveis do Mestre, os adeptos fiéis admiram a Tradição, mas desesperam de o fazer reviver, em presença das disposições refratárias de muitos maçons contemporâneos.

Todavia Hiram repousa em tal calma serena, que parece dormir. Dá a ilusão de respirar ainda e de estar prestes a despertar. Um dos Mestres não consegue se impedir de tomar a mão direita do morto que pressiona como Aprendiz, pronunciando a palavra sagrada do primeiro grau. Hiram permanece insensível a esta primeira tentativa que não tem outro resultado senão uma desoladora constatação: *a carne se desprende dos ossos.*

Deve-se conhecer integralmente a Maçonaria, seus usos e seu simbolismo para ressuscitar Hiram, reanimando espiritualmente o cadáver da Tradição morta. Limitada aos mistérios do primeiro grau, a Iniciação é impotente para expulsar dele a morte e permitir que fique de pé, caminhe e viva. Os segredos de Companheiro mostram-se, eles também, impotentes, porque Hiram permanece inerte, mesmo quando a palavra sagrada do segundo grau lhe é soprada na orelha e lhe é dado o toque correspondente. Eis: *tudo se desune* – uma compreensão parcial é insuficiente; deve-se tomar em conjunto o espírito vital da Iniciação, para reanimar corpo de Hiram.

Isso significa que um conhecimento experimental da Maçonaria, tal como se pratica, – *Compagnonnage* ou Companheirismo, – não confere ainda o poder de despertar o Mestre. A tradição que deve reviver é mais augusta do que aquela da qual os maçons atuais detêm a herança parcial. A Arte Real excede-os em sua insuficiente compreensão iniciática. Eles possuem os símbolos e os ritos, as exterioridades corporais, mas o espírito animador lhes escapa.

Este espírito de vida permanece surdo ao apelo do racionalismo dos Aprendizes: o raciocínio desagrega e os argumentos lógicos não engendram, em sua frieza, qualquer calor vital; d'outra parte, a galvanização sentimental dos Companheiros não consegue vencer a inércia cadavérica.

É todavia possível conjurar a Vida que circula através da cadeia dos seres viventes. Ela se deixa capturar e dirigir sobre o organismo que merece reviver. Esta captação se opera pela constituição, em ponto menor, de uma universal cadeia de Vida. Unidos por aspirações comuns, os homens de coração tornam-se poderosos, vibram por um único desejo desinteressado. Se se aproximam estreitamente, para formar um circuito fechado, determinam uma corrente indutora na qual a ação vitalizante se torna real. Quando o valor do simbolismo tradicional reconstituído em seu conjunto é reconhecido, o desejo fervoroso de refazer-se com vigor impõe-se aos fiéis de Hiram que, por instinto, procedem aos ritos reanimadores. Eles infundem ao cadáver a vida intensa que circula em sua corrente, e o milagre acontece: a tradição retoma força e vigor.

O Mestrado

A putrefação ataca o cadáver de Hiram. Toda esperança de reanimação parece perdida. Todavia o Mestre mais experimentado entre os fiéis à Tradição resiste ao desencorajamento. É ele quem faz formar a cadeia da qual se destaca, quando ela produz seu efeito. Postado aos pés do morto, inclina-se sobre ele, tomando sua mão direita que agarra até o punho, puxando-o, a seguir, para si, enquanto dois ajudantes empurram Hiram à frente pelos ombros e o mantêm erguido, antes de despertar inteiramente. Um novo esforço põe Hiram de pé, e eis que o contato com o evocador, pelo pé direito, o joelho e o peito, pode assim dar, ao vivente, a firmeza necessária para colocar-se na vertical, com flexibilidade nas articulações e ritmo respiratório. Ele vive, mas permanece fraco e críspia sua direita, ainda impotente, naquela que lhe comunica a energia reanimadora. Na realidade, ele dorme ainda e recairia por terra, caso seu vivificador não o sustentasse com a mão esquerda que desliza pelo ombro do desfalecente. Nesse momento, três sílabas são sopradas na orelha do ressuscitado que permanece inconsciente. Elas significam: *Ele vive nos Filhos* e revivificam o Mestre intelectualmente.

O que deve reviver em todo Companheiro entregue à morte como Hiram e ressuscitado segundo o procedimento tradicional é o *Espírito Maçônico*. Esse espírito anima o Construtor que se consagra à Grande Obra, quando aplica sua inteligência em discernir o plano do Arquiteto, a fim de consagrar toda sua energia à realização desse plano. Para passar a Mestre, deve-se discernir o que se quer fazer, decifrar o plano segundo o qual o trabalho da vida universal se concretiza. Este discernimento confere a suprema iniciação, porque nós não podemos nada ambicionar além de compreender como o Universo se constrói, a fim de podermos nos associar, a seguir, com todas as nossas forças, ao grande Trabalho construtivo. Hiram revive em nós quando o espírito maçônico nos anima, quando, mortos para tudo o que é mesquinho, consagramo-nos sem reserva e com absoluta abnegação à Grande Obra do progresso humano. O Mestre deve estar morto para todo egoísmo; não sonha com a felicidade individual nem com a glória ligada a seu nome: não é verdadeiramente Mestre senão quem se identifica com a Obra. Diante desta,

ele se apaga e se aniquila, porque não se eleva ao Mestrado senão quem é absorvido pela Obra, para morrer a fim de poder viver. O mistérios do grau de Mestre são aqueles da Vida e da Morte, antagonismo não mais que aparente.

O verdadeiro Mestre vive em tudo, estando morto. Ele permanece afastado de tudo aquilo que torna o homem escravo. Desiludido, é indiferente a ele mesmo e nada ambiciona, nem a sabedoria, e ainda menos a glória. Morto para ele mesmo, insensível ao que lhe toca, ele matou em seu coração todo desejo egoísta. Sua vontade não se torna senão mais potente em seu desinteresse: ele comanda o Futuro, porque, se o Presente escapa ao Mestre, tem ele o poder de determinar o Amanhã. Seu sonho lúcido é plástico; seu pensamento fecundante projeta-se na matriz daquilo que deve nascer. Ele é o profeta mudo daquilo que se prepara para se objetivar. É um homem pacífico que observa em silêncio e deixa perorar os energúmenos; ele pode passar despercebido, mas sua ação é irresistível, mesmo quando não é mais que metal.

O Mestre *influencia*: quando se cala, seu silêncio faz os outros pensarem; assim como um orador brilhante, não é, talvez, senão um médium inconsciente, eco retumbante do pensamento do Mestre silencioso. Graças aos iniciados do Terceiro Grau, a Maçonaria realiza sua obra, a despeito dos tagarelas superficiais e dos excitados que a comprometem. Onde estaria a instituição sem fiéis discípulos de Hiram que saibam ressuscitar o Mestre que maus Companheiros não cessam de matar? Tudo é simultâneo em Iniciação.

Os Superiores Desconhecidos

O drama do Mestrado se desenrola na obscuridade até o momento em que Hiram, na pessoa do recipiendário, ergue-se revificado. Uma cortina se afasta, então, revelando o Oriente, onde a luz resplandece, como se emanasse de Mestres integralmente iniciados reunidos nessa parte da Loja.

Esses Mestres permanecem separados de nós, enquanto Hiram não for ressuscitado em nossa pessoa. Sem vê-los, podemos compreendê-los: são os inspiradores daqueles que sabem escutar os *Superiores Desconhecidos*, escondidos atrás da cortina das aparências sensíveis de onde prosseguem os trabalhos, visando à plena utilização das forças do bem. É esse o sentido que lemos em *Symbolum*, poesia composta por Goethe ao sair de uma Sessão de Mestre:

Doch rufen von drüben,

Die Stimmen der Geister,

Die Stimmen der Meister:

Versäumt nicht zu üben

Die Kräfte des Guten.

Do além chamam as vozes dos espíritos, as vozes dos Mestres: não negligencieis de aplicar as forças do bem.

Esta estrofe assimila os verdadeiros Mestres aos espíritos, gênios invisíveis que entraram na imortalidade. Quando nos debatemos no seio das trevas do canteiro terrestre, não possuímos o Mestrado senão na medida em que entramos em comunicação com inteligências liberadas da prisão do corpo. Submetendo-se à *segunda morte*, o Mestre se espiritualiza, rechaçando, como indica o símbolo do Terceiro Grau, tudo o que nele subsiste de inferior e de grosseiramente animal. Elevando-se acima de sua estreita personalidade, torna-se acessível às influências misteriosas.

Guardemo-nos aqui de todo materialismo. Os Superiores Desconhecidos não são chefes em carne e osso, como se lhes figurou o Barão de Hund, mal instruído a esse respeito no Século XVIII, quando então fundou a *Estrita Observância*, organização maçônica acolhida com zelo na Alemanha. Uma insuficiente iniciação tem difundido, em nossos dias, a concepção de uma *Loja Branca*, composta por sábios que se desdobram metapsiquicamente para instruir ao longe seus discípulos, sem precisarem sair materialmente de seu inacessível monastério tibetano. Perturbadora para os geógrafos, semelhante localização parece uma infantilidade. O espírito sopra onde quiser, manifestando-se por tudo, sem ter necessidade de um refúgio onde se prenda.

Seguramente, a direção superior da Maçonaria não pertence aos dignitários que são eleitos anualmente. Os chefes de Lojas ou de Grandes Lojas dirigem a menor e, muito freqüentemente, com mesquinharria: às vezes, manobram mal o Malhete que lhes é confiado; a despeito de seus títulos e de seus penduricalhos, não são os Superiores efetivos, ou, falando de outro modo, os verdadeiros Mestres.

O verdadeiro Mestre é discreto: indiferente às honras, ele pode aceitá-las, mas prefere esquivar-se delas. Sua ação é silenciosa, porque o verdadeiro Mestre deixa falar e contenta-se com agir; ele obra modestamente em sua esfera, sem deixar-se perturbar pela agitação dos profanos fantasiados de iniciados. Fiel a seu ideal, limita-se a viver exemplarmente. Aplica-se a bem trabalhar, por puro amor à Arte. Ele não está abandonado a si mesmo. Desconhecido pelos excitados que se debatem sob o aguilhão da cobiça egoísta, ele atrai a atenção e a simpatia dos Mestres efetivos, desconhecidos eles também: sua ajuda fraternal não lhe falta; ela se traduz numa colaboração íntima e constante, contanto que o Mestre trabalhe superiormente.

Quando se inclina sobre a *Tábua de Delinear*, não é o único a coordenar o plano segundo o qual se deve construir o amanhã. Se está então lúcido, não é credor da colaboração de inteligências liberadas do corpo? Sem cair nas puerilidades do espiritismo evocador de fantasmas, lhe é permitido considerar que nada se perde no domínio das idéias. O pensamento vital permanece vivendo, independente de cérebros que vibrem sob sua ação. Inacessível em sua sutileza transcendente, ele se particulariza, se condensa e se coagula ao apelo dos pensadores; meditando, atraímos-lo para nós, emprestando-lhe uma forma expressiva: tal é o trabalho sobre a *Tábua de Delinear*.

Esse trabalho é uno no que tende à união da individualidade pensante com o Pensamento Superior generalizado. Se o místico se engaja na via *unitiva* sentimentalmente, por contemplação passiva, o Iniciado permanece fiel ao método ativo: ele procura a Verdade com confiança e a extrai de toda

parte, porque tem a missão de construir segundo imutáveis princípios de solidez. Construtor prático do futuro próximo, não sonha durante a vida. Em sua boa fé e fervorosa vontade de realização, merece ser ajudado, quando aspira a bem dirigir seus próprios esforços e o daqueles Companheiros que se reportam à sua experiência. Tendo carregado a alma de energias atuantes, a luz nutriz lhe é dada.

Ela lhe vem muito naturalmente, por um mecanismo de alta psicologia ao qual faz alusão a teoria dos Superiores Desconhecidos, enigma sutil proposto à sagacidade dos Mestres.

A Ressurreição dos Mortos

Tudo é verdadeiro, com a condição de ser entendido espiritualmente. O organismo decomposto não se reconstrói em seus elementos definitivamente separados e postos na circulação geral. O morto que ressuscita não é um *corpo*, mas um *espírito*; não é um espectro ou um fantasma, mas uma energia real e indomável. Aquilo que vive merece reviver e retoma uma nova forma apropriada às circunstâncias. É assim que o passado caído no esquecimento surge de sua tumba para responder ao apelo do presente. Quando uma necessidade se faz sentir, há – de fato mesmo – uma evocação, e aquele que espera sobre a terra rejuvenesce então como rebentos primaveris. Hiram revive porque a tradição iniciática não pode se perder; essa luz que se vela e parece às vezes extinta não pode sofrer senão eclipses momentâneos. Presa em lanternas sujas, ela nos foi transmitida apenas reconhecível. Ao longo de séculos de incompreensão, Hiram dormiu, mas acorda quando seus adeptos prevenidos aproximam-se do túmulo da letra morta, para atrair a si o corpo inanimado. Aquele que compreende dá a vida aos mortos de espírito, assassinados pela incompreensão. Incompreendida, a Iniciação pode se praticar sob a forma de culto exterior, perpetuando ritos e transmitindo símbolos; a Maçonaria quase nada faz melhor que isso: um jogo iniciático atraindo crianças grandes que se comprazem em ser postas em cenas das quais não adivinhavam senão vagamente o sentido. Mas o adolescente pára de brincar com o que lhe parece pueril; tomando-se a sério, não se abandona mais em infantilidades, desvia-se da Tradição que não estiver mais viva e que não subsistiria senão como corpo sem alma.

Tornada habitável, a habitação solicita um habitante. Praticada corretamente, segundo a letra, a Iniciação rebela-se e conduz à reflexão; contanto que seja conferida a alguns *iniciáveis*, Hiram não permanece morto. O Barão von Knigge dizia, já em 1781, que *melhor vai brincar com imagens da Arte que não conhecê-las*. Aquele que brinca pode crescer em espírito e chegar à compreensão do esoterismo do jogo. Parece, aliás, que os jogos tradicionais guardem segredos: um dado marcado por pontos relaciona-se aos mistérios dos números, do mesmo modo que os dominós, mas nada ultrapassa o Tarot nesse sentido.

Aquilo que é precioso se conserva pelo jogo, como se, por instinto, a infância se ligasse às coisas dignas de sobreviver. Mas os anos se sucedem, e nós deixamos de brincar quando a reflexão nos amadurece; a sabedoria consiste então em não desprezar aquilo que pode divertir-nos, porque o que o tempo se recusa a destruir impõe nosso respeito.

Há um passado misterioso, morto para nossa compreensão, mas susceptível de reviver em nossa inteligência: é este passado que simboliza Hiram. Se não o ressuscitarmos, faltaremos à nossa missão de Construtores, porque a Humanidade vive uma vida unitária: seu amanhã não pode ser senão a realização dos sonhos de seu passado. Quais foram esses sonhos imortais que antigamente martelaram a imaginação dos homens mais nobres pela inteligência e pelo coração?

Não podemos nos elevar até eles, senão partindo daquilo que deixaram de objetivo, sob a forma de vestígios que caem sob os sentidos. A esse título, as instituições iniciáticas, por imperfeitas que elas sejam em seu funcionamento, devem nos ser sagradas. As religiões foram fundadas por Iniciados, mas destinadas ao grande número, adaptaram-se à mediocridade das massas. Fora delas, discretas associações de espíritos mais compreensivos que a multidão, constituíram-se em todas as épocas. Não foram talvez senão estreitos cenáculos que não fizeram falar deles.

Há dois séculos, a Iniciação esforça-se por renascer, sob uma nova forma, baseada em costumes iniciáticos ainda observados na Inglaterra pelos *Freemasons*. Assim se constituiu a Maçonaria moderna, instituição que inicia infantilmente com uma profunda sabedoria. Ela conta, em nossos dias, com milhões de adeptos que aprenderam a brincar com o Ritual, sem penetrar o sentido da cena à qual se abandonam. Eles aderem aos princípios gerais da Maçonaria e acreditam-se iniciados em seus mistérios, na razão daquilo que viram e ouvirem.

Seu erro consiste em aterem-se àquilo que lhes cai sob os sentidos, quando a verdadeira Iniciação não se endereça senão ao espírito. Isso lhes foi mostrado, contanto que o Aprendiz se entregue à reflexão, dirigindo-se a um começo de compreensão que lhe permita passar a Companheiro. Os que ostentam títulos maçônicos, mesmo dos mais altos graus, restam, infelizmente, quase todos em perpétua aprendizagem elementar. Raros são os Iniciados efetivos do segundo grau; mais excepcionalmente ainda, aqueles do terceiro.

Todavia Hiram ressuscita: os Mistérios da Arte Real não estão enterrados sob a pedra de um túmulo cimentado; a colina que os recobria foi removida. A tradição se oferece doravante à contemplação daqueles que querem fazê-la reviver. A Cadeia se forma e o Mestre é chamado à vida.

Ele vive em todo iniciado capaz de evocar nele mesmo o imperecível
Gênio reitor do progresso humano.

Conclusão

Os mistérios da Arte Real não serão jamais profanados, porque eles não são acessíveis senão aos *Iniciados* unicamente, ou seja, nós não visamos aqui fazer obra de vulgarização: aqueles de nossos leitores que devem nos compreender encontrarão, no texto, matéria para meditação.

Eles terão consciência de que a hora é grave.

À força de instruir-se de modo profano e de emancipar-se das coisas santas, o laico civilizado retorna à barbárie destrutiva em sua feroz rapacidade: nada mais é sagrado para o bruto exasperado que renega a fé.

Diante do perigo, uns esperam na política e sonham povos governados com sabedoria, apreciando a paz tanto interior como exterior, obedecendo à razão e aos bons sentimentos, graças ao seu atavismo moral cultivado por religiões doravante prescritas.

Não é hipocrisia essa especulação sobre um fator religioso desdenhado? Por interesse, é necessário sustentar crenças que rejeita o homem que se crê esclarecido? Isso é retardar a catástrofe, para que ela se produza mais assustadoramente; de preferência a recuar para melhor saltar, preparemo-nos para converter, voltando aos sentimentos de piedade aplicados às nossas ações.

Tal não poderia se tratar de uma conversão exterior, traduzindo-se por afetações de arrependimento e de penitência, ou pela adesão a algum *credo* arcaico ou modernizado; é uma *moralidade sólida* que devemos constituir para nós, porque nossa civilização deve *moralizar-se*, sob pena de não realizar senão o reino do mal que seria aquele do simbólico Anticristo.

O problema que se coloca é, pois, aquele da *moralização efetiva* de nossos contemporâneos, tornados desconfiados à vista de afirmações místicas com as quais se contentaram nossos ancestrais. Tudo aquilo que se ensina em nossos dias em nome de Deus torna-se cada vez mais suspeito: o homem do século XX não tem confiança senão nele mesmo e nas luzes de seu saber racional.

É o triunfo de Lúcifer! Gemem as almas timoratas que não ousam crer nelas mesmas e na Luz da qual, todavia, se diz que esclarece todo homem que vem a este mundo. Em cada um de nós fala uma voz divina, mas os espíritos viris unicamente ousam escutá-la sem recorrer aos intérpretes sacerdotais. Por que taxar de ímpia a necessidade de independência natural ao pensador que ultrapassou a idade da credulidade infantil? O adulto não quer mais *crer*, mas *discernir* e *compreender*, de onde a necessidade de o instruir como *iniciável*, capaz de descer a si mesmo para tomar consciência de sua própria natureza e extrair da profundidade de seu espírito a certeza moral, base de suas ações.

Os antigos Sábios reconheceram nesse programa aquele da procura de sua famosa Pedra alegórica, porque, sob qualquer forma que se apresente a nós, a *Iniciação* permanece para sempre fiel a ela mesma. Ela inicia na Grande Arte da transmutação do mal em bem; tomando o homem egoísta e grosseiro, em estado de Pedra Bruta, informe, ela o conduz a talhar-se a si mesmo em Pedra Polida retangular, digno elemento constitutivo do imenso Templo humanitário.

Se a humanidade moderna não pode salvar-se senão se iniciando, por que os Iniciados se escondem? Não deveriam eles proclamar sua doutrina de salvação, publicá-la *urbi et orbi*, pregá-la nas ruas como o evangelho definitivo do planeta? Tal processo não conduziria aos objetivos esperados. A conversão superficial das massas poderia obter-se pelo ruído e pela agitação: ora, trata-se de uma *conversão profunda* a operar-se em cada um pela *compreensão íntima nascida dela mesma*. Os Iniciados não têm de doutrinar; eles não podem se dirigir às massas e, quando atraem discípulos, não têm senão muito pouca coisa a dizer-lhes. Fiéis às tradições vivenciadas, eles mostram imagens, exortando a refletir sobre elas. Eis o método que valeu à humanidade seus pensadores mais profundos.

Estamos mais amplamente preparados, em nossos dias, para nos iniciar? A acolhida que receberá o presente livro aportará sua parte à resposta que nós esperamos.

Possamos ser compreendidos! Nossa ambição é a de ensinar a construir espiritualmente, não a de levar o leitor a precipitar-se à casa de um amigo Franco-Maçom, para entender-se com ele à vista de uma pronta admissão na Ordem. Fazer-se receber em Loja é fácil, muito mais fácil! Mas tornar-se *Maçom espiritual* é uma empresa árdua, independente da disposição de iniciadores indulgentes. Estes não podem iniciar, aliás, senão que nas exterioridades da Iniciação, porque é reconhecido que *ninguém se inicia realmente senão por si mesmo*.

Os mistérios da Arte Real colocam o Iniciável no caminho de um programa ao qual lhe cabe conformar-se segundo o espírito. Se ele é dotado de perspicácia, de perseverança e de um fervoroso desejo de iniciar-se, a luz far-se-á gradualmente em seu santuário interior. Ele agirá, a seguir, segundo aquilo que as circunstâncias lhe inspirarem. O isolamento poderá ser-lhe propício, mas a título transitório, porque apenas a associação é realizadora. Os iniciados se procuram e se unem pelo trabalho, inspirando-se em modelos de união que a tradição lhes oferece. Eles não são, todavia, compelidos a qualquer imitação, porque as formas iniciáticas mudam para responder às necessidades de adaptação. O programa da Iniciação não permanece menos fixo em suas prescrições fundadas na natureza humana. O estudo do Ritual impõe-se, pois, a quem deseja se iniciar realmente. Possa nosso comentário vir em auxílio dos iniciáveis, permitindo-lhe resolver os enigmas que lhes propusemos!

Fim

**Do original: *Les Mystères de L'Art Royal — Rituel de L'Adepte*, de Oswald Wirth, Ed. "Le Symbolisme", 1972.
Tradução para o português de M.B.T.**